

REVISTA DA SEMANA

N.º 43
21-10-44

CP \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



O martirio
dos que
procuram
casa



DOMINGO ENSOLARADO E QUENTE. FUGINDO DA CANICULA DO ASFALTO, A ELITE CARIOCA PROCUROU, NA MAGNÍFICA PAISAGEM DO HIPÓDROMO DA GAVEA, UM DESCANÇO PARA O CEREBRO, ENQUANTO SE DIVERTIA EMOCIONAN-

JOCKEY CLUB MUNDANO

DO-SE COM OS LANCES SENSACIONAIS DAS CARREIRAS. E NA "PELOUSE" E NAS TRIBUNAS, A CAMERA COLHEU OS ASPECTOS QUE AQUI REPRODUZIMOS, DA MAGNÍFICA TARDE TURFISTA DE DOMINGO ÚLTIMO.





O JORNALISTA R. MAGALHÃES JR. ENTREVISTANDO O TEATROLOGO R. MAGALHÃES JR.

AUTO - ENTREVISTA SOBRE O TEATRO NACIONAL

RIO DE JANEIRO, A CIDADE SEM PALCOS — "DANCINGS", EM VEZ DE TEATROS — PRECISA-SE DE UM MECENAS — TEATRO, MORAL E CENSURA — PORQUE NÃO TENHO VERGONHA DE HAVER ESCRITO "A FAMÍLIA LERO-LERO" — JAYME COSTA, PIRANDELLO E "A PENSÃO DE DONA ESTELA" — ESCRIVAM VOCÊS MEIA DÚZIA DE OBRAS PRIMAS QUE EU QUEBRAREI MINHA PENA... — SHAKESPEARE E A FARÇA DE UM CONTRA-REGRA, LADO A LADO, NA BROADWAY...

Por R. MAGALHÃES JUNIOR, especial para a "Revista da Semana".

Estão na moda as autobiografias. Mas ainda não houve quem pensasse em lançar as auto-entrevistas. Lembrei-me eu. E resolvi, sem mais demora, ouvir a mim mesmo a respeito do teatro nacional!

Não entrei em rodeios, nem perdi tempo com frases banais de cumprimento. Fui direto ao assunto. E respondi sem hesitação alguma. Comecei dizendo a mim mesmo: — Acho que o ambiente teatral tem estado agitado. E essa agitação não tem sido, de todo, uma agitação estéril. Um órgão com o prestígio de "O Jornal" teve a iniciativa de promover uma "távola redonda" para discutir os problemas do teatro brasileiro e, nessa discussão, em que tomaram parte atores, empresários, autores e críticos, ficou patente que tudo está faltando à nossa arte dramática e que, por ela, nada tem feito o Serviço Nacional de Teatro, transformado pelo Sr. Abadie

Faria Rosa em mais uma emperrada e inoperante máquina burocrática.

O problema fundamental do teatro nacional, segundo as conclusões dessa "távola redonda", é a falta de palcos. Não há casas de espetáculos em número suficiente no Rio de Janeiro, nem nos Estados, para propiciar um surto de desenvolvimento ao nosso teatro. E as casas existentes cobram aluguéis caríssimos, dificultando a vida das companhias, sugando a melhor parte dos seus lucros, impedindo que estas possam se lançar a iniciativas mais ousadas e dispendiosas. As peças de cena firme e de poucos personagens, com as despesas de montagem reduzidas ao mínimo, são o ideal para os empresários porque não agravam os seus sacrifícios financeiros. Por outro lado, há a voracidade do fisco, os onus excessivos que recaem sobre o teatro. A incoerência do poder pú-

blico é flagrante: por um lado, destina verbas de alguns milhões de cruzeiros à "proteção" ao teatro, através do ineficaz Serviço Nacional de Teatro; por outro lado dissipa o teatro com impostos e mais impostos, taxas e mais taxas, dificultando-lhe a existência. A simples abolição desses impostos valeria muito mais do que a inadequada proteção que o Serviço Nacional de Teatro tem dispensado à nossa mirrada arte dramática.

A esta altura, faço uma pausa, pigarreio, — há sempre um cigarro ou um pigarro nas entrevistas, — e em seguida continuo:

— Uma das coisas de que o teatro nacional mais precisa é de um Mecenaz. Ou, melhor, de vários Mecenaz. Não compreendemos porque razão os homens de fortuna, no Brasil, não se interessam pelas coisas do es-

(Continua na pág. 45).

BRASILEIROS EM LUTA



A conferência que ora se realiza em Moscou entre Churchill, Eden, Stalin e Molotof, é provavelmente uma das ultimas antes do fim da guerra na Europa e nela estará se decidindo neste momento a sorte da Alemanha nazista e da criminosa camarilha de Hitler. A presença de Sir Alan Brook, chefe do Estado maior imperial, e de Sir Anthony Eden vem mostrar que serão discutidos não apenas os problemas estratégicos e militares, agora que o III Reich está com todas as suas fronteiras rompidas, mas também os planos políticos de post-guerra. Entre os problemas a serem discutidos avulta como de caráter mais imediato, e exigindo portanto uma pronta solução, o caso da Polônia que já vai dando agudas dores de cabeça aos dirigentes da guerra e planejadores da paz.

Realmente, já se anuncia a ida a Moscou do sr. Mikolajczyk, primeiro ministro do governo polonês em Londres, bem como do presidente do Conselho Nacional Polonês, sr. Bertut, acompanhado do comandante-chefe do Exército de Libertação Polonês, general Rola.

A solução do gravíssimo problema polonês é um ponto básico para as questões de post-guerra no continente eu-

GLORIA AOS LIBERTADORES — SOLDADOS EXPEDICIONÁRIOS BRASILEIROS CONFRATERNISAM COM A POPULAÇÃO DE UMA PEQUENA CIDADE ITALIANA QUE ACABAM DE LIBERTAR DEPOIS DE CRUENTA LUTA CONTRA OS NAZISTAS.

CONFERENCIA NO CAMPO DE LUTA — A GRAVURA INFERIOR MOSTRA-NOS O CAPITÃO ALAN R. GUTDRIGE DO EXERCITO AMERICANO, Á ESQUERDA, COMANDANTE DE TANQUES ADIDO À FORÇA EXPEDICIONARIA NA ITALIA, QUANDO CONFERENCIAVA COM O TENENTE BELARMINO JAYME MENDONÇA, DO RIO DE JANEIRO, COMANDANTE DE UM PELOTÃO DE RECONHECIMENTO.





OS PRIMEIROS A ENTRAR NA CIDADE ITALIANA LIBERTADA —

ESTES SOLDADOS BRASILEIROS COMPUNHAM A PATRULHA QUE PENETROU NA PRIMEIRA CIDADE ITALIANA LIBERTADA DA OCUPAÇÃO NAZISTA PELA F. E. B. DA ESQUERDA PARA A DIREITA: SARGENTO PLÍNIO GONÇALVES DE LEME, SÃO PAULO; O MOTORISTA JOSÉ MARQUES NETTO, DE CATAGUAZES, MINAS, E O METRALHADOR HEBER GONÇALVES, DE SÃO LUIZ DO MARANHÃO.

CIDADE OCUPADA PELA F. E. B.—

SOLDADOS BRASILEIROS ATRAVESSAM AS RUAS DE UMA CIDADE ITALIANA TOMADA DOS ALEMÃES E PROSSEGUEM EM SEU AVANÇO NA DIREÇÃO DA LINHA GÓTICA, (Fotos da Inter-Americana).

ropeu. Este problema nasceu das divergências entre Moscou e o governo polonês de Londres sobre a fronteira russo-polonesa. E dentro desta questão de caráter mais geral, surgiu ainda o caso do auxílio aos patriotas poloneses massacrados em Varsóvia, depois de uma resistência heróica. Mesmo que tenha havido algum erro ou precipitação da parte do General Bor, comandante daquela guarnição, não se pode deixar de admirar este punhado de heróis e lamentar profundamente o desentendimento que resultou na morte de 250.000 pessoas.

Agora, quando já se pode vislumbrar com nitidez o fim deste conflito que ha cinco anos vem atormentando toda a humanidade, surgem ameaçadoramente os seríssimos problemas da paz. Realmente, nesta fase do conflito, os últimos esforços para esmagar a desesperada resistência nazista parecem bem mais fáceis de ser vencidos que o planejamento da paz. Evidentemente, as experiências da conflagração mundial de 1914-18, os erros e falhas da extinta Liga das Nações servirão para remover algumas dificuldades com que se defrontam os dirigentes das grandes potências. Muitas dessas falhas poderão ser evitadas "ab initio", muitas dificuldades habilidosamente contornadas.

Por outro lado, o panorama político, e econômico do mundo atualmente é bem mais complexo do que então.

A eclosão desta guerra veio encontrar a humanidade fortemente agitada por





Saúde hoje... felicidade amanhã



O DESENVOLVIMENTO DA SAÚDE PÚBLICA NAS AMÉRICAS
Uma Mensagem de E. R. Squibb & Sons

Deficiência Vitamínica

A Casa Squibb tem dedicado seus recursos à causa de melhor saúde para toda a humanidade. Fabricando uma grande variedade de produtos medicinais para o hospital e para o lar, ela observa rigorosamente os princípios do seu fundador, o qual exigia que cada produto que ostentasse o Selo Squibb devia ser tão puro, uniforme e eficaz quanto o pudessem fazer a ciência e a habilidade humanas.



SQUIBB É UM NOME EM QUE
SE PODE CONFIAR

ALIMENTO! Alimento para o corpo, transformado maravilhosamente pelo complexo mecanismo humano em energia! Ainda assim, o organismo do homem é muitas vezes prejudicado gravemente, não somente pelo *que* ele come, mas, também pelo *que* ele deixa de comer. Os indivíduos são diferentes e o que serve como dieta equilibrada para um talvez não *forneça* todas as vitaminas e minerais de que outro precisa.

Há muitos anos que a medicina se vem preocupando com os problemas da alimentação e da sua assimilação, tendo sido ressuscitados fatos vitais. Tais fatos, em forma simplificada, estão sendo agora trazidos ao conhe-

cimento dos povos das Repúblicas das Américas numa escala nunca antes tentada... parte das novas e extensivas campanhas de movimento estipendiadas pelos respectivos governos em prol de melhor saúde.

E. R. Squibb & Sons ocupam uma posição de relêvo entre os fabricantes de produtos vitamínicos. Preparados de acordo com os últimos padrões científicos, examinados cuidadosamente, a grande série de produtos Squibb habilita o médico a completar devidamente a dieta de pessoas que disso necessitem, para aumentar os valores nutritivos e corrigir deficiências de vitaminas e minerais conforme a natureza exige.

E. R. SQUIBB & SONS. NOVA YORK
QUÍMICOS FARMACÊUTICOS ESTABELECIDOS DESDE 1858

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 21-10-944 -- N. 43

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada:... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447

Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866

Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.
Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PÁGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANIZADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILIZAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Sumário

LITERATURA:

Auto-Entrevista (R. Magalhães Junior).....	3
O Juiz Rí - Por Último (Dashiell Hammett).....	15
Como o demônio arma (Aluzio Azevedo).....	19
Noivos (John Larsen).....	23
História e Crônica (Escragnolle Doria).....	30
Livros Novos (J. L.).....	42/43

REPORTAGENS:

Jockey Clube.....	2
O martírio dos que procuram casa.....	9/14
Figuras e Fatos.....	36

FEMININAS:

Modelos Janet Blair.....	31/33
Nos Bastidores Femininos.....	34
Outros Modelos.....	40/44

CURIOSIDADES:

Caras Novas de Hollywood.....	20/21
Wilkie o democrata.....	24/25
A Semana da Criança.....	28/29

SEÇÕES:

A Guerra em Marcha.....	4/5
A Semana em Revista.....	8
De Teatro (Anselmo Domingos).....	38
De Rádio (Djalma Maciel).....	39

CARICATURAS:

De Bom Humor.....	22
"Charge" de Raul.....	48

NOVELA:

"Covardia" (Berliet Junior).....	49/50
----------------------------------	-------

Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Estes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use *Regulador Gesteira* sem demora.

Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas molestias do útero, peso, dores e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, peso, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador Gesteira trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador Gesteira*.

Você tem vocação... para detective?

O CRIME DOS BOMBONS — SOLUÇÃO

Os bombons estavam embrulhados em papel. No aposento, Cobb não encontrou nenhum papel. Isto prova que George Marsh os destruiu. Como Viola estava envenenada e nenhum dos objetos continha indícios, tornou-se claro que Viola fora envenenada pelo chocolate. Marsh confessou que, cansado da sua esposa inválida e impaciente pela sua fortuna, envenenou seis bombons e destruiu os envoltórios, temendo que neles fossem descobertos traços de veneno, descuidando-se entretanto completamente das suspeitas que produziria a sua ausência. Encontrando-se com Mona, descobriu a oportunidade pela qual esperava. Ele pensava que Mona seria acusada, uma vez que a sua animosidade com Viola era conhecida e mesmo porque ela teria de admitir que mandara os bombons. Marsh suicidou-se na cela.

AGUA DE COLONIA

Regina

A RAINHA DAS AGUAS DE COLONIA

Tenha sempre á mão "REGINA", a água de colonia típica de perfume fragrante e ameno, refrigerante suave e calmante para os dias de calor.

T. TARQUINO

A VENDA EM TODO O BRASIL

a Semana em Revista

Sua Majestade diverte-se

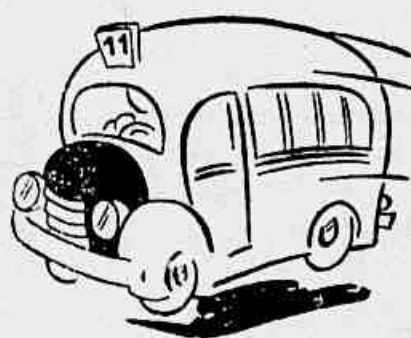


Talvez quando esta edição circular Sua Majestade e sua ilustre dama já se encontrem no Rio, mas si não estiverem é porque devem chegar de um momento para outro. A notícia foi divulgada e confirmada em dias da semana anterior provocando grande júbilo e visível entusiasmo em todas as rodas, principalmente nas da sociedade que sabe e pode divertir-se porque Sua Majestade sabe ser o tipo acabado do soberano predisposto para matar o tempo sabiamente divertindo terceiros. Quer na administração de seus estabelecimentos recreativos quer na função de itinerante percorrendo o mundo como legítimo "globe trotter", élo mantém sempre uma linha de conduta irrepreensível de cavalheiro que não liga muito às suas responsabilidades de testa coroadada, preferindo gosar a vida e de mesma tirando o melhor proveito.

Não estivessemos sob a atmosfera de guerra com as apreensões inevitáveis dessas contingências e poderíamos anunciar uma grande fase de entretenimentos públicos com a simples presença na Cidade Maravilhosa de tão ilustre passageiro que nós teremos ao nosso lado, o belo tipo e fígureiro de quem andou fazendo a propaganda de algum creosotado. Mas assim mesmo, com as preocupações do momento, a visita de Sua Majestade vai quebrar a rotina do dia-a-dia, vai dar assunto aos reporters e quem sabe até si não teremos a inauguração de um novo e luxuoso "night-club" ali em Copacabana ou nas imediações, com esplendidas garotas de perna á mostra, saltitando o "jitzburg", muito-fotogénicas todas, e cada qual mais sedutora! Quando as realeas andam em tão visível decadência, é sobretudo agradável sentir que ainda existe um "specimen" tocado de tanto senso de humor, trocando o trono pelo passaporte de "touriste" e disposto a mandar às urtigas as preocupações de governar ou desgovernar o seu povo. Que se arranjam os vassallos e que alguém resolva os problemas de cada qual, pois Sua Majestade tem mais em que pensar e pensa viver o resto dos dias longe dessas e de outras cogitações. Todos esses comentários surgem quando se toma conhecimento da vinda ao Rio de um soberano, esteja ou não com as rédeas de um governo em suas augustas mãos. E reflete-se: Desde quando não recebíamos uma visita de rei? Salvo erro e omissão, desde a presença de Alberto I.^o, da Bélgica, após o termino da primeira conflagração. E que diferença dos tempos mas principalmente dos homens! O Brasil engalanou-se para dar as boas vindas ao Rei-Soldado, as tropas desfilarão, os homens públicos do país escovaram as casacas para recebê-lo. Era um acontecimento histórico, do qual a repercussão se estende até estes dias.

O rei que agora estamos preparados para receber, quando muito, dá assunto aos humoristas da cidade e pode preocupar, sim, os homens que tem a seu cargo um casino ou um hotel balneário. Longe de nós o propósito de diminuir a individualidade do augusto visitante, augusto apesar de tudo. Registe-se, apenas, a diferença dos tempos. E dos homens, muito particularmente dos homens, sim senhores...

Onibus e outros "Expressos"



Si a experiência de "um lugar no seu carro" não chegou ainda a um resultado mais favorável, que seria bem lícito esperar dos ilustres proprietários de automóveis particulares em tempo de guerra, esta de agora, dos ônibus "expressos", aproveitou em cheio. Palmas aos nossos colegas de "O Globo", que tão acertadamente lançaram a idéia e a vêem tão depressa proporcionando alguma compensação a esse abnegado e heroico povo carioca, tirando-o dos penates de alguma "fila" a mais.

Claro que o problema da condução não foi resolvido sumariamente, com a simples adoção dessa medida, nem se esperava que o fosse, mas desde que atenuado seja, mesmo em parte mínima, terá sido um excelente serviço. Garhamos todos com a medida em apreço, todos e a Light também, parodiando o título daquele filme famoso. Realmente, lucróu o público porque si conseguir um lugar no ônibus "expresso" chegará a casa ou à cidade mais rapidamente, livre dos "casquilhas", esses impertinentes passageiros que, poupando-se a curtíssimas caminhadas a pé, desembolsam vinte centavos para ocupar um lugar, mesmo sem estar sentado, num coletivo qualquer, mas obrigam os demais a uma série de aborrecimentos muito grandes. Lucrou a Light, porque sem aumentar o número de carros pode realizar maior número de viagens e, claro, os níqueis serão em cifras muito maiores, no fim da tarde.

Pena que o sistema do "expresso" não venha a adotar-se para outros fins, mas só para o café e o ônibus. Enquanto não cessarem as "filas", que de "expressas" nada tem, a situação estará muito longe de melhorar. Todavia, que somos nós, míseros mortais destes dias cruciantes, sinão outros tantos expressos ambulantes! Para fazer jús ao pão de cada dia, quanta coisa expressa temos de realizar! Em "camara-lenta", ninguém hoje enfrenta a vida. O vocabulário — dinâmico — não é mais um elogio, porque se tornou uma taxativa obrigação de cada indivíduo. Acordamos de um salto, sorvemos o café sem leite aos galopes, desarvoramos pela rua á busca de um transporte, expresso ou não, travessamos as horas do expediente convertidos em dínamos e nada mais. E até para dormir do vocabulário não se prescindindo, de vez que o cérebro custa a acalmar-se, as idéas perturbam-se e muita gente, de tanto dar tratos á bóla, acaba dormindo alta madrugada, para levantar-se pouco depois. Quer dizer — dorme também às pressas, para não "dormir no ponto", durante o dia.

Intercambio Cultural



É uma coisa sabida, que nada pode unir mais fortemente dois países ou dois povos do que os laços do espírito e da inteligência. É conhecendo a literatura, a música, a pintura ou qualquer outra manifestação de arte que os povos estreitam seus laços de amizade.

Agora, quando as facilidades de comunicação vão tornando os povos cada vez mais conhecidos entre si, aproximando-os não apenas através das relações comerciais, mas também das atividades do espírito e da inteligência, torna-se mister este intercambio de idéias.

É impossível odiar um povo cuja literatura e pensamento conhecemos a fundo, tendo estudado o seu caráter e a personalidade dos seus homens de gênio.

Se por um lado este conhecimento dos povos entre si vem reduzir aquele encanto do desconhecido, do misterioso que em toda parte o turista podia encontrar, por outro lado vem aumentar a compreensão entre os povos mais distantes e diferentes.

Ninguém poderá prever as consequências desta facilidade de transportes depois da guerra, quando as froas mercantes e os grandes "lineas" atualmente utilizados apenas para as atividades bélicas, forem normalmente aproveitadas para transportar passageiros dos pontos extremos da terra. Também a aviação desempenhará neste incremento de relações um papel importantíssimo.

E quando contemplamos este panorama do futuro, somos obrigados a admitir um mundo quasi estandarizado, uma língua oficial em todos os países de modo que todos se poderão compreender com facilidade, do Alaska á Africa do Sul, da Ch'na ao Amazonas.

É verdade que nem sempre a distancia é a única responsável pelo desconhecimento entre os povos.

Frequentemente povos vizinhos permanecem mutuamente ignorados sem que nada, a não ser a incuria ou o descuido entre os expoentes intelectuais desses países, tenha a culpa.

Até há pouco tempo, a literatura e a arte dos nossos irmãos hispano-americanos era quasi totalmente ignorada no Brasil. A influencia francesa, sempre moldou e influuiu sobre os nossos intelectuais. Talvez esta fosse uma das razões de ignorarmos a literatura e as artes não apenas da Espanha mas dos países latino-americanos, literatura e artes aliás riquíssimas.

A Exposição de Arte Chilena, no Ministério de Educação, vem provar que finalmente os povos da América começam a procurar uma aproximação eficiente e duradoura, através das mais nobres formas da atividade humana.

Ali são encontrados, não apenas livros de autores chilenos como traduções e edições chilenas de autores de toda a América figurando também o Brasil. Alguns quadros impressionistas de autores chilenos completam esta inteligente iniciativa dos nossos amigos andinos.

A experiencia espanhola



Entre os países que até agora se vem mantendo á margem da maior conflagração da história da humanidade, nenhum teve uma experiência tão dolorosa do choque entre as novas ideologias surgidas no século como a Espanha. Pode-se mesmo dizer que a Espanha não se manteve afastada do torvelimho que arrastou á luta quasi todos os países do mundo. Realmente, foi na gloriosa terra de Cid e de Cervantes que as duas forças que lutariam pela supremacia política e economica do planeta fizeram as suas primeiras experiencias. A luta entre as falanges franquistas e as forças republicanas não foi mais do que uma experiencia de armas.

Duro foi o sacrificio do povo espanhol, imprensado entre essas duas forças, como o molusco entre o mar e o rochedo.

E se podemos nos referir a esta luta como uma miniatura da atual guerra, esta palavra se poderá apenas referir á extensão mas nunca á intensidade. Porque, com exceção da Polonia e talvez da Grecia, nenhum país pagou tão caro tributo de sangue e sofrimentos como a Espanha. O caudilho Franco, titere cujos cordéis eram e são ainda manobrados por Berlim, como o seu padroeiro Hitler, vestiu nos seus falangistas uma camisa de qualquer cor, ensinou-lhes gestos espalhafatosos, e incutiu-lhes idéias sobre a necessidade da reconstrução da "Grande Espanha", sem desprezar naturalmente os países da América Latina, onde, segundo afirmam os fascistas, não desapareceu o sangue espanhol.

E o sangue existe realmente nas suas antigas colonias. Aquela mesma impetuosidade, aquele mesmo idealismo generoso por vezes quixotesco, que dá golpes de lança nos moinhos, existe nos países hispano-americanos. Mas é preciso não confundir este verdadeiro espírito espanhol com os falsos espanhóis traidores da sua pátria, do seu povo, do próprio espírito livre e arrebatado da sua raça de descobridores e conquistadores de mundos.

Se há um povo cujos caráter e temperamento sejam incompatíveis com os regimens cercadores da liberdade e do pensamento este povo é o espanhol.

Podem ficar certos os atuais opressores da Espanha, Franco e seus auxiliares: a alma espanhola ainda está viva. No coração de cada verdadeiro espanhol está ainda vivo o espírito de D. Quixote.

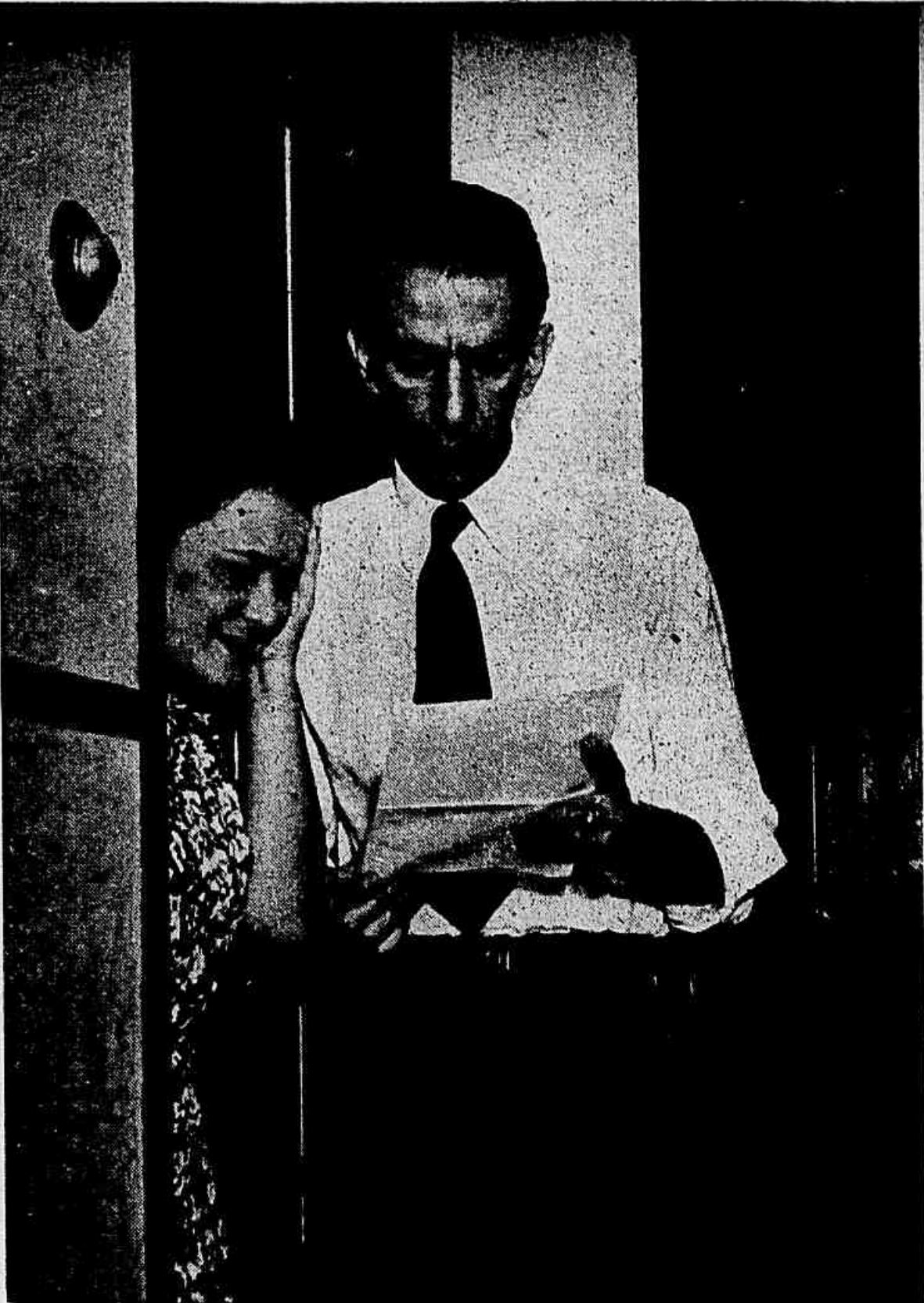
E não tenham dúvidas os moinhos de vento. Bravemente eles serão açoitados pelos Quixotes. Os próprios dominadores devem estar sentindo a proximidade do perigo pois muitos deles estão tratando de se pôr a salvo embarcando para a Argentina, á procura de um refugio.

A velha história torna a se repetir. O navio das ditaduras e da opressão está indo ao fundo e os ratos estão fugindo. Mas eles serão afogados.

O MARTÍRIO DOS QUE PROCURAM CASA

O MAIS ANGUSTIOSO PROBLEMA DA POPULAÇÃO CARIOCA — QUANDO O “ESPAÇO VITAL” É UMA REALIDADE — A ORDEM DE MUDANÇA — OS EXPEDIENTES DOS PROPRIETÁRIOS E A DEFESA DOS INQUILINOS — A POPULAÇÃO DO RIO DIVIDE-SE EM DOIS GRUPOS: OS QUE TEEM CASA E OS QUE PROCURAM — A INDÚSTRIA DOS MÓVEIS USADOS — A TROCA DE CASAS — QUANDO É CRIME TER FILHOS — SERÃO ABERTOS CONCURSOS PARA INQUILINOS? — A CORRIDA DOS “SEM TETO”.

(Posaram gentilmente para esta reportagem os artistas Sagrator de Scuvero, Floriano Faissal e Maria Castro).



Isto pode acontecer a qualquer um de nós. É apenas o início deste grande drama que, de um momento para outro, possivelmente teremos de representar, mesmo à nossa revelia. O drama dos que procuram casa no Rio de Janeiro. E convenhamos que, se a falta de leite, de carne, de açúcar e até mesmo a falta de água podem constituir outros tantos motivos de desesperação, nada assume tão grande importância como a falta de um lugar para morar, um simples teto. A gente se levanta de muito bom humor, pensa nos negócios a realizar durante o dia, prepara-se para saborear o café matinal. Tudo vai muito bem, até que a campainha tilinta impertinente. Abre-se a porta e dá-se de cara com o mensageiro fatídico. A família recebe alarmada a ordem de mudança.

Entre os diversos “slogans” que foram importados com a guerra, um dos que mais se repetiam era o do “espaço vital”. Para nós aqui não tinha maior significação do que os outros de “super-homens”, “raça pura”, “arianismo” e tantos outros rótulos com que os ditadores pretendiam mascarar os seus desejos de conquistas e a sua ambição desmedida. Num país tão

grande, com terras desabitadas a perder de vista, não podíamos concretizar a expressão, sentir o que realmente fôsse aquela história de “espaço vital”. Entretanto, nós agora, especialmente os cariocas, podemos dar lições sobre espaço vital. Vivemos nos comprimindo nas ruas, nos restaurantes, nos cinemas e teatros. E o nosso dia transcorre numa luta contínua pa-

2 Dai por diante a vida passa a girar em torno deste problema absorvente e magno: a procura de uma casa. Sim, porque não há jeito de resistir à intimação do proprietário. Não há outro remédio. É preciso procurar casa para mudar. E cada dia que se passa a situação do inquilino é mais desesperadora. Que fazer? Começa então a caçada feroz em busca de uma casa. Consulta-se os amigos, pede-se aos conhecidos, procura-se no jornal. Durante todo o dia, em casa, no trabalho, na rua, só há uma preocupação absorvente: encontrar uma casa. E até na mesa do café, a refeição mais apreciada pelos brasileiros, entre um gole de café (quase sempre sem leite) e uma dentada no pão, os olhos percorrem as colunas do “Jornal do Brasil”.





10

3 Mas essas colunas onde há algum tempo era tão fácil encontrar o "aluga-se", estão agora totalmente ocupadas pelo "procura-se". E, depois de uma busca inútil, o atribuladíssimo chefe de família resolve sair em busca de uma casa. Andando pela cidade ele acabará encontrando alguma coisa. Pelo menos é esta a sua ilusão. Miragem de desesperado. E' preciso levar a esposa. As mulheres em geral tem mais jeito para falar, para conseguir as coisas impossíveis. A criança não pode ficar em casa sozinha. E ainda muito cedo, antes da hora do trabalho, toda a família está na rua. Casa para alugar é a coisa mais abstrata e impossível nos dias que correm. E aqui os vemos, contemplando a massa dos edifícios, dos arranha-céus, chelinhos de apartamentos, que parecem zombar da sua desgraça.

ra obter um lugar, onde quer que seja. E' verdade que a cidade tem crescido continuamente em todos os sentidos, isto é no horizontal e no vertical.

Todos os dias, como por encanto, vemos levantar-se um novo arranha-céu, que vem aumentar a massa dos edifícios e tornando diferente e irreconhecível a fisionomia da cidade. Os subúrbios se estendem cada vez mais e a "urbs" vai lançando os seus tentáculos possantes. Apesar de tudo, cada vez falta mais espaço.

Como explicar o fenômeno?

Em primeiro lugar, a população está crescendo, e depois os refugiados da guerra, gente de todas as classes, mas principalmente gente rica, atravessaram o Atlântico e vieram buscar nas nossas paragens acolhedoras, não mais os tesouros fabulosos que atraíram os aventureiros portugueses do século XVI, mas este outro tesouro que só na América pode ser encontrado e que se chama "tranquilidade".

Num mundo assolado pela guerra, a miséria, a fome e a desolação, a América representa um oa-

sis acolhedor. E' por isso que uma verdadeira legião de refugiados deramou-se pelas nossas terras. Segundo dados fidedignos, somente estes refugiados aumentaram bruscamente a nossa população em mais de 300.000 pessoas. Onde mora toda esta gente? Como arranjar lugar numa cidade onde não havia excesso de casas em relação ao número de pessoas? Por outro lado, rasgam-se novas avenidas e derrubam-se centenas de casas. Tudo isto tem agravado o problema dos que procuram casa no Rio.

Aliás, não é a primeira vez na história da cidade em que se verifica esta situação. Quando a corte portuguesa, com os seus fidalgos e os seus séquitos vieram de Portugal, muita gente foi despejada de casa. E o processo, que todos conhecem, era o mais arbitrário possível. Uma simples taboleta pregada na porta da residência com as iniciais P. R. constituíam uma ordem de despejo que não pode deixar de ser cumprida. E já naquele tempo o carioca mostrava o seu bom humor e o seu espírito em face de situa-

4 "E' ali, naquele casarão cinzento, no quinto andar". O jornal anunciava ontem um apartamento para alugar. Nos olhos de toda a família passa rapidamente um brilho de esperança. E' o mesmo brilho que se deve notar nos olhos do beduíno sedento, ao vislumbrar no horizonte um oásis acolhedor, onde poderá saciar a sede. O elevador está enguiçado. Não faz mal, sobe-se pela escada. O essencial é ver o apartamento. Quem sabe se depois de amanhã já poderão estar instalados naquele prédio? A ascensão é penosa, mas enfim lá estão eles no quinto andar, apertando insistentemente o botão da campainha. A porta estava fechada e não há ninguém para informar. E' estranho. Os pensamentos são interrompidos por alguém que surge na porta. "O apartamento está para alu...?" — Mas a senhora nem lhes dá tempo para acabar a frase: "Já está alugado desde ontem, meu senhor".

ções angustiantes e embaraçosas, capazes de desesperar outros povos. Aquelas duas letras que significavam Príncipe Regente eram traduzidas pelo povo como "Ponha-se na rua".

Os atuais inquilinos do Rio também têm o seu P. R.

A falta de casas para alugar, como a falta de tantas outras coisas como carne, açúcar, leite e até mesmo água, faz da vida dos habitantes do Rio um verdadeiro inferno.

De tal modo se apresenta a crise de habitações na cidade que poderíamos dividir a população em dois grandes grupos: um, reduzidíssimo, dos felizardos que têm casa e que não precisam enfrentar o problema angustiante de procurar uma para morar; outro, a grande maioria da população, que vive em função de uma coisa inexistente: a casa para morar.

Quase todos os habitantes do Rio são personagens involuntários e até muito contrariados deste grande drama quotidiano que é a

procura de uma casa, um quarto, um apartamento, um teto enfim, onde se possa abrigar sozinho ou com a sua família. E não há aqui nenhum exagero em usarmos esta palavra drama, tão desmoralizada pelo rádio e pelos jornais.

Neste caso o drama é real e pungente como todos os que encontramos na vida.

De tal modo se complicou a situação que as próprias autoridades se viram forçadas a tomar providências no sentido de proteger os interesses e os direitos dos inquilinos. De outro modo, teríamos de um momento para outro famílias inteiras, com crianças, gato, cachorro e papagaio, no meio da rua.

Naturalmente, como sempre acontece, os moradores procuraram se defender do melhor modo possível. Recebe-se uma ordem de mudança? Põe-se uma pessoa de casa doente e não se pode ser despejado.

E uma guerra surda, cruel, sem tréguas, está travada entre proprietários e inquilinos. Em todos os cantos da cidade, dos elegantíssimos apartamentos de Copaca-



5 Um grande desalento apodera-se do casal. Trava-se uma ligeira discussão: "Você deveria ter vindo ontem e não hoje!" "Ora essa, pois você não disse que deixasse para hoje e que viria comigo?" Depressa eles se convencem da inutilidade daquela discussão. Nenhum deles é culpado. E' preciso agir e sair em campo novamente. Aquê já estava ocupado. Em apenas um dia o novo inquilino se estabeleceu. Agora é assim. Quem não corre muito fica sem casa. Se a fila dos alimentos se encontra em lugares determinados, a fila dos que procuram casa existe em todos os pontos da cidade, a todas as horas do dia e da noite. Perto há outro apartamento anunciado. Este saiu no dia. E' impossível que já esteja alugado. E realmente não está. São recebidos e inspecionam o apartamento. "E' ótimo. Serve-nos perfeitamente". Mas vem logo a desilusão. E' a proprietária que fala: "Só podemos alugar com os móveis. Passo tudo por vinte contos". Os móveis são imprestáveis. E não há dinheiro para pagar aquele absurdo.

bana à pobre casa de vila dos subúrbios, travam-se batalhas isoladas desta campanha inglória para ambos os lados.

A cada ataque do proprietário surge uma nova e inesperada defesa do inquilino.

Em consequência deste problema das habitações, surgiram novas e inesperadas indústrias de exploração. Criaturas gananciosas e sem escrúpulos resolveram aproveitar a situação e colocar os menos favorecidos entre a espada e a parede.

Entre essas novas e florescentes indústrias, a mais importante é a da venda de móveis velhos e imprestáveis por um preço fabuloso. E, como toda indústria próspera e rendosa, esta dos vendedores de móveis tem requintes assombrosos. Muita gente por aí arranja um apartamento, uma mobília (?) de caixotes, uma ou duas cadeiras toscas, recobre tudo com chitão muito ordinário e fica à espera do primeiro incauto. Ele vem na certa. Em geral acompanhado pela família, mulher e filhos. Vem cheio de ingenuidade. O aparta-

mento tem bom aspecto. Aparentam o botão da campainha. A porta é aberta pelo monstro, que sorri, satisfeito, antegozando o lucro certo ou pelo menos a decepção da vítima.

— O apartamento está para alugar?

— Sim, senhor.

Um brilho de esperança ilumina os olhos do casal de ingênuos.

— Qual é o aluguel?

— Seicentos cruzeiros mensais. Mas o senhor sabe, agora é tudo difícil. Podemos entretanto chegar a um acôrdo. O senhor daria por fora mais duzentos cruzeiros.

— Duzentos cruzeiros?!

O infeliz coça a cabeça, alinha cifras mentalmente e afinal, como o caso é de desespero, resolve concordar. Que remédio!

— E' um pouco "puxado" para mim, não está no meu orçamento, mas como não há outro remédio... Acho que podemos fechar o negócio.

— Esquecia-me de falar num pequeno detalhe — volta o ocupante: — não quero levar os

móveis. A pessoa que alugar o apartamento deve ficar com eles.

— Mas eu já tenho os meus, geme o infeliz, ante este novo assalto.

— Então, paciência, meu amigo. Só posso alugar com os móveis.

— E quanto quer o senhor por eles?

Rapidamente ele tem a esperança de comprar aqueles cacarecos pomposamente intitulados "mobília" e desfazer-se deles por qualquer preço.

— Como se trata de uma situação de emergência, posso vendê-los por 20.000 cruzeiros.

— Vinte contos? Mas esta mobília não vale nem quinhentos cruzeiros!

— Pois não a vendo por menos, meu amigo. E, com franqueza,

não estou muito empenhado em vendê-la.

Ante este novo golpe, evidentemente muito forte, a família bate em desordenada retirada, os filhos cansados e chorando, a mulher desesperada e o marido desalentado.

Outra vez na rua. Ainda desta feita não foi possível arranjar nada. Não há outro remédio. E' voltar para casa e esperar o dia seguinte para novas peregrinações.

Evidentemente, a noite em casa não será das mais agradáveis. Ninguém pode pensar em outra coisa. Uma única idéia, que dia a dia se vai tornando mais angustiante, absorve todos os momentos do homem que procura casa. Desde que recebeu aquele aviso a sua

6 O dia está perdido. Nada mais a fazer. Um apartamento já estava alugado e não era possível comprar aqueles cacarecos pomposamente intitulados móveis. Mais uma vez a desilusão e o cansaço se apoderam do casal. Que fazer? Voltar para casa e esperar o dia seguinte para recomeçar a luta. No dia seguinte é preciso levar as crianças. E agora a caravana está acrescida de mais dois personagens. Um bebê de colo e uma filhinha de quatro anos. Desta vez, é preciso arranjar qualquer coisa. Não é mais possível permanecer naquela situação. Batem à porta e uma senhora vem atender: "Veem alugar a casa?". "Sim, senhora, somos pretendentes". "As crianças são suas?". "São meus filhos. Somos apenas quatro pessoas". "Impossível, meu senhor. Não alugo casa a pessoas que tragam crianças."



vida passou a girar em torno desta idéia fixa: "é preciso encontrar uma casa". Começa então uma busca furiosa e infrutífera. Os amigos são solicitados, pede-se informação aos vizinhos, esquadriña-se todos os cantos dos jornais procurando-se nas colunas um anúncio que comece assim: "Aluga-se confortável residência"... Miragens, apenas miragens. Este anúncio não aparecerá nunca. Em lugar dêle há outros, muitos outros que começam dêste outro modo:

"Precisa-se". E de alto a baixo o jornal está cheio de "Precisa-se". Estamos realmente na época do "Precisa-se". Todos precisam de alguma coisa: casa, água, as utilidades mais rudimentares, necessárias e simples. Os amigos também não sabem de nada, nada podem informar os vizinhos. Não há casas para alugar.

E a idéia torna-se pesadêlo. À noite o casal é assaltado por sonhos absurdos, de lindas vivendas, cercadas de jardim. O sonho é bo-

nito mas transforma-se em pesadêlo assim que se acorda.

De vez em quando aparecem anúncios humorísticos (sempre o velho hábito carioca de fazer "blague" com as coisas mais sérias) dêste estilo:

"Aluga-se uma linda vivenda, em lugar próximo ao centro, cercada de jardins, com cinco quartos, duas salas, cozinha moderna, banheiro luxuoso, muita água. Esta é a casa de que preciso. Se alguém encontrar alguma nestas

condições queira procurar o senhor Fulano em tal enderêço".

Mas a verdade é que o humorismo, embora amenize, não pode resolver a situação.

Se o carioca pudesse imitar o velho Diógenes, não sairia à rua procurando um homem honesto, pois isto, além de muito difícil, agora como então e como sempre, não corresponde às suas necessidades. Não, ninguém iria procurar homens honestos, mas a cidade estaria cheia de barris habitados como o do sábio mestre grego.

Aliás, todos já viram aquela residência ambulante de um homem do povo que percorre todos os bairros dentro da sua barraca rodante, onde não falta mesmo o conforto de uma vitrola, onde o inteligente e nômade cavalheiro dá-se ao luxo de ouvir música.

Não será isto uma grande e irônica lição para o povo e principalmente para aqueles que lutam com o problema da falta de casa? Não terá êle resolvido o problema que angustia a maior parte da população? Ali está uma residência barata, onde não há proprietários exigentes, onde não é preciso criada nem mobília e com a grande vantagem de se locomover de acôrdo com os caprichos ou a necessidade do seu ditoso proprietário. E' preciso fazer uma estação de banhos de mar? Muito simples. Basta locomover a "casa" para Copacabana, junto às residências luxuosas, aos arranha-céus babélicos, e tomar regaladamente os seus banhos de mar. Prefere-se o ar puro das montanhas? Nada mais fácil do que instalar-se confortavelmente no Alto da Boa Vista. Positivamente, o nosso moderno Diógenes carioca resolveu brilhantemente o mais tremendo problema dos nossos dias.

Infelizmente, nem todos teem a coragem do morador ambulante, entusiasta da música. O nosso casal, que afinal de contas é um modelo de todos os outros que se encontram na mesma situação e que são em grande número, precisa sair da embaraçosa situação em que se viu metido por obra e graça do proprietário.

E a procura da casa continua indefinidamente.

Todos os dias, depois da leitura dos jornais e do café sorvido às pressas, muito cedo ainda, para não chegar atrasado ao escritório, o chefe da família dá o sinal de partida para a nova peregrinação.

Bandeirantes modernos, que não procuram tesouros fabulosos, que não vão laçar índios para vender, mas vão apenas em busca de uma casa para morar. "Apenas" é um modo de dizer, pois atualmente no Rio é tão difícil para uma família encontrar um teto como era para os bandeirantes encontrar ouro.

Animados pela esperança que sempre acompanha os homens nas piores situações, sai a família em caminho da grande aventura. O chefe vai à frente, o jornal debaixo do braço, esquadriñando com os olhos tôdas as casas da cidade, na

7 A situação agrava-se de dia para dia. E o desespero do casal é cada vez maior. Como arranjar uma casa? Esta a pergunta obsedante que lhes verruma o cérebro dia e noite, a tôdas as horas, num crescendo assustador, vizinho da alucinação. E a farândula dos proprietários passa-lhes pela imaginação como um filme. A imagem daquelas mãos e daquelas cabeças fazendo sempre movimentos negativos, vedando-lhes a entrada na casa desejada parece uma perseguição. E' preciso dar um jeito. Ali perto havia uma casa velha que acaba de ser demolida. A área é boa. Quem sabe não se irá construir uma arranha-céu cheio de apartamentos? Não custa nada perguntar ao vigia: — "Ah, já sei, os senhores vão perguntar se isto será uma casa de apartamentos, não é?" "Como sabe?" "E' que todos os dias muitos casais veem fazer a mesma pergunta.





8 Uma vez que não se encontra apartamentos nem casas, e quando se encontra aparece logo um obstáculo intransponível, é preciso pelo menos viver de ilusões: um prédio em construção, uma velha casa que está sendo demolida, tudo isto serve para alimentar as esperanças. Toda a cidade já foi percorrida. Todas as casas foram visitadas. A posição dos móveis foi idealizada pelo casal. Mentalmente, eles arrumaram o seu lar dentro de todos os espaços vazios que encontraram em prédios em construção. E' assim que um casal aproveita os seus domingos no Rio. Afinal, para eles isto é mais interessante que o cinema ou o teatro. Estão alimentando a mais cara e impossível fantasia: alugar uma casa.



9 Entretanto, isto é apenas sonho e fantasia. A dura realidade permanece cada vez mais imperiosa: encontrar uma casa para mudar. O tempo está passando e não é possível ficar na rua com as crianças. A fonte mais segura é ainda o jornal, onde as colunas de anúncios se comprimem monotonamente. Um dia há de ser encontrado o apartamento ou a casa desejada. Assim, é com ansiedade que se espera naquele lar o jornaleiro. E quando o jornal chega, a família se precipita para as páginas de anúncios com a avidez de quem procura pepitas de ouro no leito de um rio. Uma jovem romântica não leria com maior avidez o romance da sua predileção. Aquêle "Jornal do Brasil" sob o braço e aquela cara desanimada são quase um distintivo de classe. Da classe desamparada dos "procurantes de casa".



10 Sim, porque não é apenas em casa, na mesa do café, no restaurante durante o almoço que os olhos cansados do chefe de família procuram anúncios. Na rua, enquanto espera o ônibus ou o bonde na fila, no intervalo de algum espetáculo (quando há tempo para isso), lá está ele, jornal em punho, à procura do seu Eldorado lendário. Pela manhã, ainda despenteado, há sempre um brilho de esperança no seu olhar. Quem sabe não será aquele o grande dia? Na hora do almoço já o brilho está um pouco amortecido. O jornal está quase todo esquadriado, e nada foi encontrado até então. A volta para casa, de tarde, a fisionomia cansada, o chapéu no alto da cabeça, a leitura é quase automática, e nos olhos não há nem sombra de esperança.

ilusão de encontrar alguma para alugar. A mulher, levando ao colo o bebê, acompanha-o um pouco mais desiludida, com esta intuição própria do sexo. A menina de quatro anos segura-lhe a saia, inocente vítima da situação.

O destino é aquele apartamento cujo anúncio apareceu no jornal daquela manhã. Não é possível que outros já tenham chegado antes. Chegam afinal. O lugar não é mau. Um pouco distante do centro, mas nesta época não se pode escolher. Batem à porta, esperando que finalmente a sua sorte seja resolvida.

A porta abre-se lentamente e aparece a locatária. Um olhar interrogador é lançado sobre a família:

— Lemos o seu anúncio. Está alugando o apartamento?

— Uma ligeira hesitação é rapidamente vencida pela senhora que os recebe:

— Mas estas crianças são filhos do senhor?

— São, por que?

— Duas crianças? Deus me livre! Por coisa nenhuma neste mundo alugaria meu apartamento a casal com filhos. Crianças estragam tudo, rabiscam as paredes. Vou até modificar o anúncio avisando que não aceito casal com filhos.

— Mas escute, minha senhora, balbucia o infeliz...

— Não adianta escutar, cavalheiro. Isto é coisa decidida. Não vale a pena perder o seu tempo. Com crianças não alugo por nenhum preço.

Este golpe é definitivo. A família volta mais uma vez para casa, desalentada, sem a menor esperança. O melhor é ficar sentado, esperando o despejo. Se fossem árabes eles bradariam o seu "Mac-tub". E' o destino. Estava escrito!

Este é o drama que se repete todos os dias com milhares de pessoas. Se quiséssemos parafrasear a lei de Malthus, diríamos



11 Mas a vida está andando e é preciso trabalhar. No escritório os negócios não podem esperar que a casa seja encontrada. Lá estão a mulher e os filhos esperando pela comida cada vez mais difícil de se conseguir. Durante o dia, ao menos naquelas horas, é preciso afastar a preocupação, coisa aliás bem difícil, como é fácil de imaginar. Felizmente, ao menos para trabalhar, ainda há um cantinho, bem no centro da cidade, com bastante condução, arejado e limpo. Também era só o que faltava que não houvesse lugar para botar uma mesa e uma cadeira. "E' o dr. Fulano?". "Ele mesmo". O menino sem hesitar estende um envelope. Que será? Alguma proposta para um bom negócio? Afinal, em alguma coisa se há de ter sorte. Mas, oh surpresa dolorosa! O prédio vai ser convertido em casa de apartamentos! E' preciso mudar dentro de dois meses.

que se as habitações crescem em progressão aritmética, a população o faz em progressão geométrica. Mas nós não queremos parafrasear ninguém. Isto não traria nenhuma solução para o problema. Esperemos que outras mais práticas e eficientes sejam apresentadas.

Esta é a reportagem de toda uma população que não tem onde morar. A família que aparece nas nossas páginas é apenas o padrão de tantas outras que se encontram em situação idêntica. Para eles, desde que recebem o aviso fático, a vida se resume a uma procura desesperada, a uma verdadeira corrida para as "filas" de casa, mais esgotante do que as outras filas do leite ou da carne. E' que para chegar à felicidade de poder "morar" são exigidos títulos, tornando-se um verdadeiro concurso. A apresentação do fiador, a posição ocupada pelo pre-

tendente, são argumentos decisivos na luta quotidiana dos que procuram casa. Os proprietários pesam todos esses fatores e fazem afinal o confronto. Hoje em dia, para conseguir uma casa é necessário alinhar todos os títulos, todas as garantias possíveis, pois é grande o número de concorrentes. Neste andar, teremos dentro de pouco tempo concursos de títulos para inquilinos, o que não deixa de ser uma originalidade na vida do carioca.

E no entanto a cidade continua a crescer. Todos os dias, novos monstros de cimento armado onde centenas de pessoas vivem arrumadas em prateleiras, numa confusão babélica, onde as vidas de cada família são apenas separadas por uma estreita parede, continuam crescendo para o céu, ameaçando a tranquilidade dos deuses. Talvez todos estes problemas sejam uma vingança dos deuses à ousadia dos homens.

O JUIZ RI POR ULTIMO...

O juiz foi mais esperto do que os ladrões...

Covey estava lendo o jornal. Como era seu hábito, corria os olhos pelo noticiário de guerra e lia, atentamente, as notícias sobre crimes e criminosos. Havia uma reportagem completa sobre o julgamento de um homem que matara a esposa e, acompanhando a argumentação apresentada pelo advogado e pelo promotor, no juri, Covey entusiasmava-se. Os seus olhos brilhavam. Quando chegou à sentença teve uma exclamação de ódio.

— Patife!

Levantei os olhos do livro que estava lendo e perguntei:

— Quem é o bandido?

— Esse sem vergonha desse juiz!

— Mas o que foi que ele fez, homem?

— Não viu?

— Não li o jornal ainda. Desde que ele chegou que você está aí agarrado!

— O miserável do juiz condenou o homem.

— Que homem?

— O homem que matou a mulher.

— Pois se condenou tinha toda a razão, ora essa! Matar a esposa!

— Mas eu só queria que você visse! O homem tinha uma defesa extraordinária. Tinha um alibi incontestável. Poderia ser absolvido, se o juiz não tivesse resolvido intervir no julgamento!

— Escute aqui: Para que é que o juiz está ali?

— Para ajudar ao juri. O juri é quem tem que decidir, ora essa!

— Por que você não gosta dos juizes?

— Não gosto de juizes? Eu odeio os juizes!

— Não compreendo a razão dessa aversão.

— Você quer dizer que não sabe que?...

— Que o que?

— Nada.

Mais tarde interroguei meu pai, cheio de curiosidade. Porém ele respondeu que não tinha a menor idéia de algum caso de Covey com algum juiz. Covey era um dos homens mais honestos, mais direitos da cidadezinha em que morávamos. Não poderia, portanto, ter relações com um juiz estabelecidas por meio do banco dos réus. Como, então, teria entrado em contacto com um juiz? Em um julgamento? Quem sabe se ele não tivera algum processo contra alguém, e perdera em vista da decisão de um juiz?

Depois de algumas tentativas infrutíferas para descobrir o segredo de Covey, desisti. Já nem me lembrava mais do caso, quando Mariana me falou sobre o velho.

— Você tem visto o Covey?

— Não. Faz muito tempo que não vou à casa dele.

— Eu ouvi dizer que ele estava doente.

— Doente? Que é que ele tem?

— Não sei. Dr. Nicolau disse que ele não vai nada bem.

— Preciso passar lá uma tarde dessas.

— Eu também acho que você devia. Ele gosta tanto de você!

— Pudera! Só eu tenho paciência para aguentar as histórias dele e os desaforos que ele tem a mania de dizer a todo o mundo!

— Ora, ele está velho e cansado. Tem que ser assim mesmo!

— Bem isso é verdade...

— Está claro. Um homem que viveu a vida toda fazendo o bem, caridoso, bom, que mais poderia ser? Se está velho e tem agora as suas manias não é razão para falar mal dele... Eu não compreendo porque é que aquelas velhas lá da rua falam tanto dele. Dizem que ele não presta, que é impertinente, maldoso. Ih! Uma porção de coisas!

Mais tarde, depois do almoço, resolvi fazer uma visita ao velho.

— Sr. Covey está? perguntei ao criado negro que me veio abrir a porta.

— Está, sim senhor. Ele estava de cama. O senhor não sabia?

— Soube hoje. O que é que ele tem?

— Não é nada de grave, mas, em todo o caso, a idade dele...

— É verdade qualquer coisa naquela idade é coisa séria.

— O senhor não quer entrar?

— Ele pode me receber?

— Pode sim senhor. Ele até tem perguntado muito pelo senhor.

O velho Covey estava abatido. Tinha olheiras e emagrecera desde a última vez que o vira.

— Olá, meu filho, como vai?

— Vou indo e o senhor? Eu ouvi dizer que o senhor estava doente.

— Vou indo mais ou menos...

Depois de recitar, com voz monótona, as suas queixas, ele passou a conversar sobre outros assuntos de maior interesse e não tardou a falar sobre juizes. Não sei como a conversa recaiu naquele assunto. Muito possivelmente, foi por influência minha, porém garanto que se isso aconteceu foi involuntariamente. Sem querer levei a conversa para aquele rumo. Covey não teve dúvida em expressar a sua antipatia pelos juizes e repetiu que ele tinha razões especiais para não gostar dos juizes.

— Se você visse como eles ajeitam as leis para atingir seus fins...

— O senhor não acha que está sendo injusto?

— Não. Eu sei de uma história...

— Além disso não passava ele... Eu já estava ardendo de curiosidade, queria conhecer o caso. Porém de nada valeram os esforços que empreguei. Finalmente, desistindo, voltei para casa. Dois dias depois recebia a notícia que Covey morrera de repente, e deixara no seu testamento uma renda considerável para mim e um envelope fechado.

A herança, se bem que me surpreendesse, não era completamente inesperada. Afinal de contas ele não tinha parentes nem amigos a não ser eu. Era seu único amigo. De maneira que não era de molde a causar desmedido espanto a decisão. O envelope, porém, parecia conter uma surpresa e eu, sem querer, quasi inconscientemente relacionei o papel à história dos juizes e apressei-me em apoderar-me do que me coubera, para poder ler o que havia na carta que ele deixara para mim.

Quando a recobí e pude abri-la, verifiquei tratar-se de muitas páginas escritas em letra miuda.

Começava assim:

"Meu amigo:

Antes de tudo, preciso confessar-lhe que não sou, ou melhor, não fui o que pensa. Eu que hoje sou pelo menos respeitado pelos que me conhecem, já tive os meus tempos de tropeços. Já fiz muita tolice. Já cheguei mesmo a cometer um crime, vários crimes. Você não sabia disso. Muitas vezes me perguntou qual a razão da minha fidalga antipatia pelos juizes. Eu nada respondi ou respondi com evasivas. Vá aqui minha resposta nesta carta que lhe chegará às mãos após a minha morte e que satisfará a sua curiosidade. Devolva isso pelas alegrias que você trouxe, com sua amizade, a um velho infeliz e cheio de remorsos.

Há muitos anos — mais de trinta — muito antes de vir estabelecer-me nessa cidadezinha de interior eu vivia numa cidade grande e meus amigos eram todos ladrões ou assassinos. Isso hoje pode lhe causar espanto. Mas não o surpreenderia, se me tivesse conhecido nos

(Continua na pag. 37)



(Adaptação de uma novela de DASHIELL HAMMETT).



A festa pró Casa do Estudante no Cassino Atlântico

Festa. Festa colorida e brilhante na *boîte* atlântica. A elite carioca, *raffinée*, povoava o recinto aconchegante do simpático *music-hall*.

Cumprimentos se sucediam. Brindes amáveis eram trocados. Os elementos mais representativos da nossa sociedade traziam o seu apôio à festa organizada em prol da Casa do Estudante do Brasil, à qual o nome ilustre de Ana Amélia Queiroz Carneiro de Mendonça empresta brilho e distinção.

Todos são unânimes em louvar a iniciativa. Todos os nossos intelectuais, os nossos artistas trouxeram a sua homenagem.

Nessa ocasião falaram no Expedicionário Brasileiro. Não na linguagem simples e corriqueira, mas na sublime intenção musical. Ele precisava um hino — e este lhe foi dado num ambiente cordial e elegante.

Este acontecimento social nos foi proporcionado na última semana quando, no "Quadro Espanhol", cheio de melodias vibrantes, os *pasos dobles*, tipicamente espanhóis, fizeram *pendant* harmonioso com os clarins do hino patriótico...

Tudo isto aconteceu no *grill* encantador do Cassino Atlântico, onde as castanholas deixaram seu ritmo sin copado e as dansarinas encantaram com seus trejeitos nervosos e sensuais.

Todo êsse espetáculo de som e encantamento afinou, sensivelmente, com o *grand-monde* carioca na elegância da noite atlântica...

A recordação dessa noite de encantamento artístico ainda está hoje na memória de todos os que presenciaram o magnífico espetáculo de bailados coloridos e notas harmoniosas. E a nossa *camera* gravou alguns detalhes preciosos da maravilhosa festa, que aqui oferecemos aos nossos leitores.





EM CIMA: — O CUMULO DA CAMARADAGEM É A ESTRELA SENTAR-SE NO COLO DO DIRETOR! EIS AQUI LUCILLE BALL E HAROLD LLOYD (O VELHO HAROLD A QUEM TANTAS GARGALHADAS GOSTOSAS DEVE A VELHA GUARDA) AGORA DIRETOR QUE DISCUTEM O PROXIMO FILME AO LADO DE UM NOVO GALÃ.

FUMANDO E CONVERSANDO...

"Da discussão nasce a luz", como já dizia o comendador Acacio. Deve ser por isso que os velhos homens de teatro e os modernos homens de cinema (de bom teatro e bom cinema, naturalmente) adquiriram o habito de conversar com os seus atores antes de entregar-lhes a interpretação de uma obra. Alguns, aliás, estabelecem uma verdadeira mesa redonda em que todos os assuntos são debatidos: interpretação, cenários, figurinos, luz, etc. Da perfeita harmonia disso tudo, da compreensão absoluta entre os responsáveis por todos esses elementos, costuma sair uma obra perfeita.

Fumando e discutindo em conjunto os problemas relativos á obra que pretendem realizar, os diretores de Hollywood conseguem estabelecer camaradagem com seus subordinados e fazer desaparecer a timidez peculiar aos dirigidos diante dos diretores.

EM BAIXO:—UMA "MESA REDONDA" NOS ESTUDIOS DA WARNER BROS., EM QUE TODOS FUMAM E DISCUTEM ANIMADAMENTE.



COMO O DEMO AS ARMA

TERESINHA era a flor das pequenas lá da fábrica. Todos lhe queriam bem. Ninguém como ela para saber guardar as conveniências e saber cumprir com os seus deveres sem fazer caretas de sacrifício.

Vivia de cara alegre; tocava o seu bocado de piano; sabia arranjar desenhos para os seus bordados; tinha repentes de muita graça; e nunca nenhuma das companheiras lhe apanhara a ponta de um desses escândalos que são a riqueza das palestras nos lugares em que há muitas raparigas juntas.

Além disso, era de uma economia limpa e natural; nas suas mãozinhas cor-de-rosa e picadas de agulha o escasso ordenado de costureira parecia transformar-se em moeda forte. Vestido seu nunca ficava totalmente velho: era já mudar-lhe o feitiço; era já trocar-lhe os enfeites, e aí estava Teresinha metendo as outras no chinelo.

— Uma jóia! resumia o gerente da fábrica.

E jurava que, se não fôra velho e casado, havia de fazer-lhe a felicidade.

Mas Teresinha, pelo jeito, não queria casar. Por mais de uma vez apareceram-lhe partidos bem aceitáveis, e ela torcera o narizinho a todos, dizendo que ainda era muito cedo para pensar nisso. Um seu vizinho, o Lucas, com armarinho de modas e rapaz estimado no comércio, chegou a oferecer-lhe um dote de dez mil cruzeiros; outro, o Cruz, também com armarinho e não menos estimado que o primeiro, jurou-lhe numa carta que faria saltar os miolos, se ela não o tomasse por marido. Teresinha não quis nenhum dos dotes e continuou, muito escoreita no seu vestidinho justo ao corpo, uma flor ao peito, a bolsa de couro na mão, a passar-lhes todos os dias pela porta, no sonoro tique-taque dos seus passos miúdos, indo pela manhã para a fábrica e voltando à tarde para casa, sempre ligeira e saltitante como um passarinho arisco.

Mas, quando lhe morreu a tia com que ela habitava, e a pequena ficou só no mundo, disseram logo:

— Agora é que veremos se ela quebra ou não quebra o capricho!

— Talvez se agregue por aí a qualquer família conhecida... conjecturaram.

— Não! não será tão tola que se sujeite a isso, podendo dispor de um marido logo que o queira!...

— De um ou de mais!

— Ora! não falta quem a deseje!

Teresinha, todavia, não se casou, nem foi abrigar-se à sombra de ninguém; ficou morando na mesma casa em que lhe morrera a tia, conservando uma criada velha que as acompanhava havia muitos anos. Na fábrica — a mesma pontualidade, a mesma linha de conduta, a mesma limpeza e diligência no serviço, na rua — aquele mesmo passinho curto e apressado, que mal deixava aos seus vários pretendentes lobrigar a ponta das suas honestas botinas pretas de salto baixo.

Não obstante, meses depois principiaram de aparecer-lhe transformações. Notavam todos, lá na fábrica, que a Teresinha já não era aquela rapariga alegre e caprichosa dos primeiros tempos; agora tinha esquisitices de gênio e caía em fundas abstrações, quedando-se horas perdidas a olhar para o espaço, de boca aberta, o trabalho esquecido sobre os joelhos.

— Que terá ela?... cochichavam as companheiras.

E observavam, com pontinhas de riso brejeiro, que a exemplar Teresinha, — a diligência em pessoa — já não era a primeira a pegar na costura e a última a deixar o serviço.

A partir daí, puseram-se a espreitá-la e a segui-la na rua.

Descobriram logo que Teresinha ao sair do trabalho, em vez de ir para casa, metia-se na Biblioteca Nacional ou nos gabinetes de leitura ou então nas lojas dos livreiros.

E viam-na passar um tempo esquecido a escolher brochuras, a consultar revistas e alfarrábios, fariscando nelas com o nariz enterrado entre as páginas, alguma cousa, que ninguém atinava com o que fosse.

— Querem ver que ela deu para filósofa?... comentaram as outras raparigas.

Uma das mais velhas da roda afiançou que não seria a primeira Teresa que desse para isso.

E o grande fato é que todo o dinheirinho das economias de Teresinha era lambido pelos vendedores de livros. Já lhe notavam até certa negligência no traje e no penteado.

Uma vez apresentou-se na oficina de sapatos rotos. — O Teresinha! objurgou-lhe uma amiga, tu estás ficando desmazelada!

Por outro lado, o gerente principiava a resmungar: Pois éle queria lá doutoras no estabelecimento!... A senhora dona Teresinha parecia já não ligar a mínima importância ao serviço! O tempo era-lhe pouco para os romances que ela trazia escondidos no bolso! Não! assim que tivesse paciência! mas não havia remédio senão mandá-la passear! Ia-se ali para desunhar na costura e não para contar-se tábuas do teto. E, porisso, que diabo! pagava-se a todas pontualmente em bom dinheiro! Não se tinha ali ninguém de graça!

Uma ocasião apresentou-se mais tarde, muito pálida, com grandes olheiras. Percebia-se facilmente que passara a noite em claro.

Trazia entre os dedos um volume de Tófilo Gautier, marcado em certa página.

Nesse dia trabalhou bastante, com febre. Mal, porém, terminou a obrigação, correu à casa e fechou-se na sala, defronte do candeeiro de querosene.

Abriu o livro no lugar marcado — *Une larme du diable*.

Releu ainda uma vez a singularíssima novela. Aquela extravagante fantasia do rei dos boêmios, a alma doente e sonhadora do eleito da decadência romântica, a inaginação desviada daquele fumador de ópio, embragaram-na com uma delícia de vinho traiçoeiro.

Uma lágrima do diabo!

Que haveria de verdade nessa lágrima e o que vinha a ser ao certo esse diabo, de que lhe falavam os poetas, os padres, os professores, as crianças e as velhas?... Já em outros livros encontrara o mesmo que afirmara Gautier: o tal gênio do mal, disfarçado em rapaz bonito, a correr o mundo, para tentar as pobres raparigas. Um alfarrábio religioso de sua tia ensinara-lhe que o maldito andava solto, aí por essas ruas da cidade, janota, barbeado e cheiroso, e que as moças inexperientes precisavam ter todo o cuidado, porque o patife, além de tudo, escondia os cornos e o rabo, e não havia por onde reconhecê-lo.

Definitivamente era muito perigoso para ela arriscar-se sózinha, todos os dias, a cair em semelhante perigo!

E se o encontrasse?

Santo Deus! só está idêia a fazia tremer toda.

E começou a chegar-se muito para os velhos, a afeiçoar-se por eles. Com os moços é que não queria graças; temia-os a todos, principalmente os simpáticos e esmerados na roupa.

— Nada! nada de imprudências! Pode muito bem ser que eu caia nas mãos do tal!...

Isso, porém, não impediu que a cautelosa Teresinha, um belo dia, ao dobrar uma esquina, desse cara a cara com um belo rapagão louro, de bigodes retorcidos, nariz arrebitado e monóculo.

Cheirava que era um gosto.

— Estou perdida! balbuciou ela, trêmula, estacando defronte do rapaz, sem ânimo de erguer a vista, porque tinha antemão certeza de que o olhar dêle havia de cegá-la.

— Desta vez não me escapas! murmurou o moço.

— Não há dúvida! E' êle mesmo! gaguejou a medrosa, quase a chorar. Valha-me Nossa Senhora!

E recuou alguns passos.

— Não fujas! disse o sujeito.

Ela obedeceu logo e até chegou-se mais para o diabo, atraída, presa, vencida, como se aquelas duas palavras fossem as pontas de uma tenaz que a segurasse pelas carnes.

Ele passou-lhe o braço na cintura.

— Tenho tanta cousa a dizer-te, minha flôr! Se quisesse ouvir-me... Oh! eu seria o ente mais feliz do mundo! Olha! a tarde está magnífica, vamos nós dar um passeio juntos?

Teresinha não opôs objeção e deixou-se conduzir.

— Meu Deus! meu Deus! lamentava-se ela pelo caminho segurando-se ao braço do demônio. Estou aqui estou no inferno!

O demônio levou-a para casa dêle e mal entraram, atirou-se-lhe aos pés, cobrindo-a de beijos ardentes. Ela soluçava.

— Porque choras, meu amor?

Seu hálito queimava. Teresinha via saírem-lhe faíscas dos olhos. E, sempre a tremer, e sem ânimo de recusar nada pedia-lhe compaixão, convencida de que era aquele o último momento da sua vida.

O diabo não é tão feio como se pinta!... voltou o moço, afagando-a.

— Ah! não! não! bem o vejo!... respondeu ela, receiosa de contrariá-lo. Mas, por quem é, não me faça mal!

— Fazer-te mal? Que loucura! Fazer-te mal, eu, que te amo; eu, que há tanto tempo passo horas e horas à espera que saias do serviço para acompanhar-te de longe, sem te perder de vista; o que, sabes? é difícil, porque nunca vi andar tão depressa! Mas esqueçamos tudo! agora és só minha, não é verdade?... Não é verdade que, de hoje em diante, me confiarás toda a tua alma e todo o teu coração?...

— Que remédio tenho eu!

— Não imaginas como seremos felizes! Meu ordenado chega perfeitamente para os dotes e...

— Quê?... Seu ordenado?...

— Sim, meu amor, eu sou empregado público...

— Empregado? Não é possível!

— Sou, filhinha! Estou a dizer-te! Sou empregado no tesouro; apanhei o lugar por concurso; ganho trezentos cruzeiros por mês, agora os achegos que aparecem.

— O senhor está gracejando! Diga-me uma cousa, mas não me engane... O senhor não é o diabo?

O rapaz soltou uma risada.

— Pois tu ainda acreditas no diabo? E' boa!

— Ora esta!... murmurou Teresinha, se eu desconfiasse!... Agora... paciência! já não há remédio... Caso-me com o Lucas.

DO LIVRO "DEMONIOS".



Conto de ALUIZIO AZEVEDO
Ilustração de Orlando Mattos



QUALQUER COISA DE MALICIOSO — UM SORRISO BREGEIRO DE QUEM SABE DE UM SEGREDO IMPORTANTE QUE É PRECISO OCULTAR... UMA FILEIRA DE MARAVILHOSOS DENTES MORDICANDO A HASTE DE UMA ROSA... OS CABELOS REPUXADOS, PRESOS POR UMA FITA, CERTAMENTE RECEM-SAÍDOS DE UM CONFORTÁVEL BANHO. ELA É "CARA-NOVA" DE 1944, LEGÍTIMA. CHAMA-SE JINX TALKENBERG E PERTENCE À COLUMBIA.

S LOURAS... AH, AS LOURAS! — ELAS SABEM QUE OS HOMENS COSTUMAM PREFERIR AS. PELO MENOS, QUANDO NÃO TENHAM AO LADO UMA PERTURBADORA MORENA PARA IMPETIDORA NOS TORNEIOS DE CORAÇÃO. LOURAS DE HOLLYWOOD, LOURINHAS DE SOBRANCELHAS ARQUEADAS, DE LÁBIOS GROSSOS QUE FINGEM NÃO SABER SORRIR, DE NARIZ FREMENTE — E DE OLHOS CISMADORES... VIDE: BETTY HUTTON, PARAMOUNT.



TESTA LARGA E OLHOS CLAROS — OS CABELOS SOLTOS, À VONTADE, APENAS TRABALHADOS PELO PENTE, CABELOS DE QUEM ESTÁ EM FÉRIAS E NÃO PRECISA ENFEITAR-SE MUITO... UM ARSINHO PETULANTE, UM QUEIXO BEM TALHADO E A CABEÇA LEVEMENTE INCLINADA, EM AR DE DESAFIO... QUE PENSAMENTOS ESTARÃO BAILANDO POR DETRAZ DESSES OLHOS? PERGUNTEM A ELLA RAINES. ESTUDIOS DA UNIVERSAL.

SIMPATIA PARA DAR E VENDER... — O ROSTO EXPANSIVO, MUITO FRANCO, DE QUEM NOS CONHECE HA MUITO TEMPO, EMBORA SEJA A PRIMEIRA VEZ QUE O DISTINGUIMOS, A BOCA BEM RASGADA, OS DENTES FORTES E IGUAIS, AS PUPILAS SORRINDO, SORRINDO AS FACES, AS SOBRANCELHAS, ELA TODA UM SORRISO DIVINAL. ESTA É MAIS NOSSA CONHECIDA. CHAMA-SE ELEANOR PARKER, TEM "IT" E PERTENCE À WARNER.





CARAS NOVAS DE HOLLYWOOD

Quando dizemos -- caras novas, não queremos afirmar que sejam inteiramente desconhecidas. Algumas têm aparecido frequentemente nestes ultimos tempos. Nem por isso deixam de ser novissimas, pertencendo á mais recente geração de beidades que Hollywood tem exportado, através de seus filmes. Muito romanticas, umas. Temperamentais, outras. Bonitinhas... todas!

MADAME PIERRE AUMONT. — O MARIDO ANDA ÁS VOLTAS COM "A CRUZ DE LORENA", A ESPOSA PREOCUPA-SE COM AS HISTÓRIAS DAS MIL E UMA NOITES. MAS, QUANDO TERMINA SUAS TARÉFAS, NO ESTUDIO, ENCONTRAM-SE EM CASA E ENTÃO A HISTÓRIA É OUTRA: AMOR, AMOR, MUITO AMOR... CHAMA-SE MARIA MONTEZ. EM CADA RETRATO PARECE OUTRA. E QUANDO VAMOS VER É SEMPRE A MESMA: DIABOLICA. (DA UNIVERSAL).

DE SOSLAIO... — UM OLHAR DE RELANCE, TALVEZ DESAFIANDO O INTERLOCUTOR, UM OLHAR DE AMEAÇA E PARECENDO DIZER: — "PENSA QUE ACREDITO? OUTROS JÁ DISSERAM A MESMA COISA..." NO CONJUNTO DO ROSTO, UM MIXTO DE INOCENCIA E MALICIA. OS EXTREMOS TOCAM-SE. ELA SABE AGRADAR A AMBOS OS SEXOS. E PÔSA DE LUVAS BRANCAS... CHAMA-SE MARGUERITE CHAPMAN. TAMBÉM É DA COLUMBIA.

HOLLYWOOD, outubro. (De avião) — Enquanto os elementos masculinos continuam escasseando nos estúdi de filmes, os femininos aumentam de qualidade e aperfeiçoam seus atributos de beleza. Sóbram mulheres em todos os setores de atividade. E por que não estariam também sobrando no cinema? Agora mesmo a Metro resolveu encetar uma grande campanha de publicidade, em todo o território nacional, com o propósito de encontrar quinze substitutas para algumas "estrelas", senão decadentes, de rostos por demais conhecidos. E quando se poderia admitir que os rostos mais populares fizessem jus a aumento de salario, é o contrário que acontece. Gento sempre nova, "new face", tipos que surpreendem o espectador ao primeiro golpe de vista, eis a preocupação dominante dos fazedores de filmes. E os "talent scouts" viajam de norte a sul, descobrindo *estrelas*.

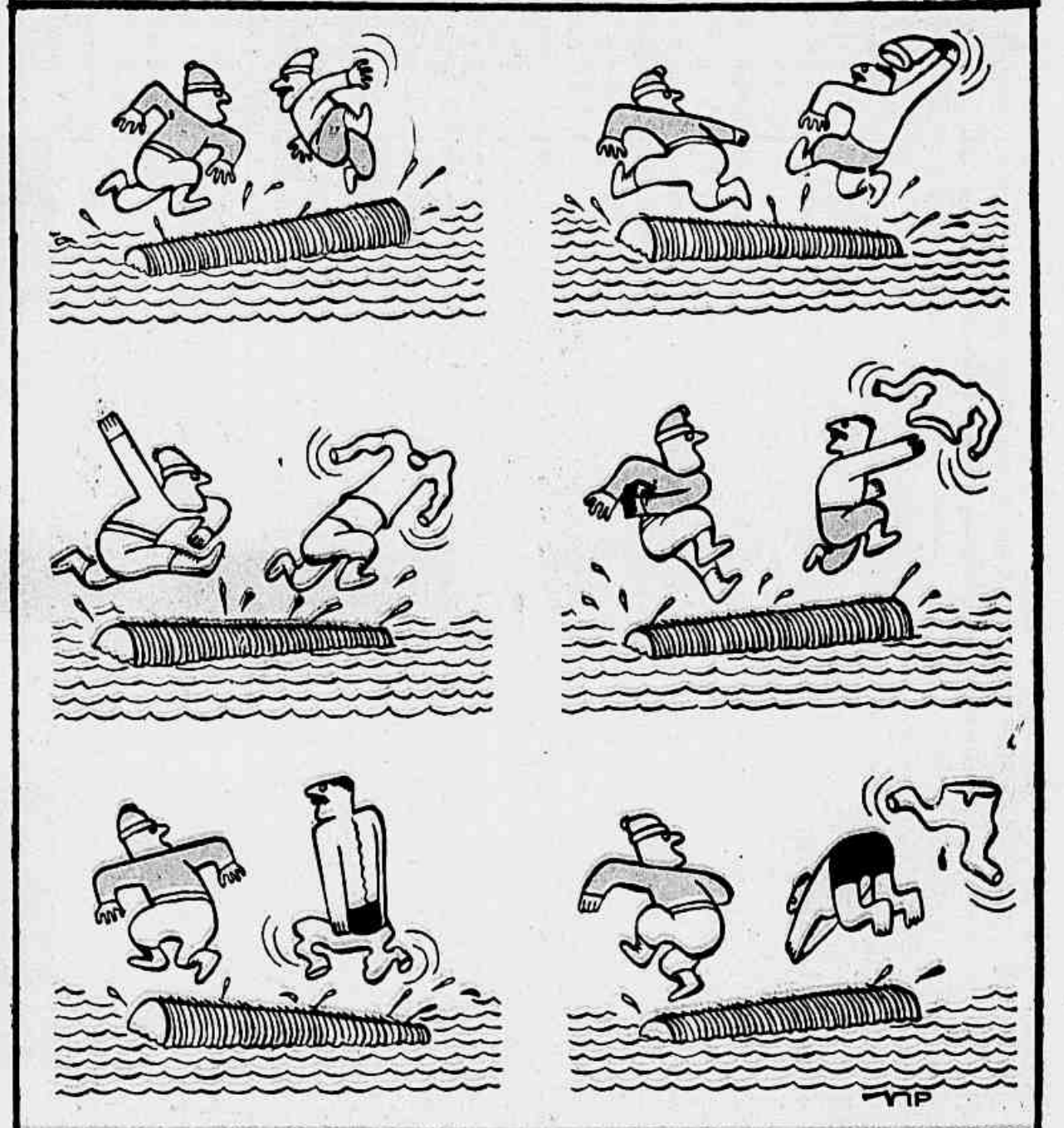
Quando a guerra acabar, é certo que tudo vai mudar de figura. Artistas européias vão aparecer em quantidade. E o público está reclamando novos tipos de beleza. Os genuinamente americanos do norte começam a cansar.





A bela fada e o pedido.

**DE BOM
HUMOR**



A fidelidade de Lucinha ao noivo era um fato... contestavel

ERA uma vez, meus senhores e minhas senhoras, uma moça que gostava muito da farda. Era mesmo, conforme se diz familiarmente, louca pela farda. Está claro que o que a interessava não era propriamente o traje. Este ela admirava, garboso, elegante, porém o seu interesse se focalizava no recheio, na substancia humana que enchia aquele peito, e levava as calças engomadas e o dolman de botões dourados a passear. Sem isso, Lucia — tal era seu nome — não tinha o menor interesse pela farda. Era o caso de dizer que, na realidade, ela não estava louca pela farda, segundo a expressão consagrada, mas louca pelo fardado. Fardado, está bem certo, porque fardado é que não haveria de ser, visto como Lucinha alimentava pela metade mais bela e mais deliciosa do gênero humano uma antipatia fidalga de oficial do mesmo ofício. Lucinha gostava de farda. Quanto mais, melhor. Suas amiguinhas, idem, idem, Era, vê-se logo, um caso de interesses comuns, quando seria mais aconselhavel e sobretudo mais propício, ao florescimento de boas amizades uma disparidade de interesses que as impedisse de cruzar-se a cada momento, no encaço de algum bigode mais procurado.

Até aí nada de mais temos. Afinal

de contas muitas moças se interessam pela farda, sem que se as repreenda por isso, para que possamos censurar a Lucinha sua inocente mania de flirt militar. Mas acontece que, a par das fardas, Lucinha tinha um noivo. E o noivo era civil. E eis, naturalmente, armado o conflito. Na realidade, no fundo de cada conflito, o eterno e velho conflito entre marinha e exército, entre exército e aviação, entre militares em geral e civis em particular, todos esses descentendimentos que levam muitas vezes a doses mais ou menos elevadas de pancada, socos para cada lado, começam, tem origem, principiam à vista de uns olhinhos maliciosos que não param quiéto, prometem tudo, dão muito pouco, e passam adiante.

Nessa nossa pátria dos Estados Unidos da América do Norte as coisas são muitas vezes assim. Muitas Lucinhas fomentam brigas mais duradouras do que a sua beleza, entre marinha e exército e aviação, militares em geral contra civis em particular.

O noivo de Lucinha, é preciso dizer a verdade, era ciumento. Todos nós sabemos o que o ciúme pode fazer de um homem. Transtorna-o, cega-o, obceca-o. Ele berrava: e Lucinha ria. Ele vociferava e Lucinha zombava. A situação não po-

deria continuar muito tempo daquele jeito.

Mário — assim se chamava o noivo — encontrou, certo dia, um amigo, que por sinal pertencia ao exército.

— Olá!

A saudação de Mário não foi das mais cordiais, pois esse jovem tinha a mania de brigar com a classe toda, quando brigava com um.

Assim, certa vez uma loura lhe dissera uns desaforos quando, positivamente, ele não tinha culpa do que lhe acontecera. E, desde então, Mário nunca mais namorara uma loura. Quem sabe se não teria sido melhor para ele? Mas não. Ele passara-se resolutamente para as morenas. Pobre rapaz! Essas morenas... Em todo o caso, como podemos, também dizer, conforme o caso: "Essas leuras"... não podemos dizer se ele não encontraria uma Lucinha de cabelos dourados, se não tivesse certo relações com a classe dos olhos azuis.

Ora imagine um rapaz com um temperamento assim, sabendo que a noiva o enganava com uma dúzia de respeitáveis militares de biceps fortes e arcos ousados, ao encontrar-se justamente com um militar de biceps fortes e arcos ousados! A saudação, repito, não foi das mais cordiais. Também não recusou-se

NOIVOS

(Conto de JOHN LARSEN)

a saudar o amigo. Era companheiro de infância e Carlos — o amigo — não tinha culpa se, por acaso, pertencia ao exército.

— Que é que há com você, homem?

— Estou preocupado.

— Por que?

Quando eram pequenos, ele sempre contava as suas dificuldades ao amigo, sempre achava uma solução para os seus problemas, juntos.

— Você contar tudo a você?

E, ao amigo compadecido, contou as suas tristezas.

— Imagine só. Ela não pode ver farda.

— Mas por que você não deixa essa garota que não presta?

— Não presta! Como é que você pode dizer uma coisa destas? Eu gosto dela. Só o que tem é que...

— Sei, ela tem esse fraco.

— Isso!

— Você quer realmente casar-se com ela?

— Quero. Mas não peço a mão enquanto não tiver certeza de que ela também enjoa de farda para o resto da vida.

— Eu acho que posso arranjar um meio.

— Um meio? Qual?

— Você confia em mim?

— Claro.

— Deixe que eu namore a sua noiva durante uns tempos e...

— Como?

— Não se assuste. Somente para dar-lhe um enjoão para todo o sempre dessa história de farda.

— Você.

— Você está com medo de que eu não a faça enjoar de uma vez?

— Não. Eu confio em você.

— Combinado, então.

✱

Cá e lá, mas fardas há. Esse provérbio é posto aqui para que não pensem que eu estou chamando os militares de imbecis. Mas é fato incontestável que há, entre militares, imbecis. Em pequeno número, graças a Deus e para maior segurança da terra que defendem. Mas há. E Carlos andou escolhendo o dedo os mais estúpidos dentre os militares que conhecia para causar a pior impressão possível em Lucinha.

— Lucinha, disse Mário Carlos, um amigo meu vai dar uma festa em casa dele. Você não quer ir? Eu não posso levar você mas ele me prometeu que viria trazer você em casa depois.

— Foi com muito prazer.

— Ele convidou uns camaradas do mesmo regimento e...

Para que mais? Lucinha, já disse, era louquinha por farda.

✱

Já vi muita gente estúpida, senhores. Já admirei a asneira de milhares de idiotas. Mas nem a metade do que os bons dos militares fizeram naquela noite me foi dado observar antes daquela ocasião. Misericórdia! Tremo somente ao lembrar as idiotices que pronunciavam com a maior naturalidade desse mundo.

✱

Mário esperava tudo menos o que obteve.

— Então?

Lucinha levantou a cabeça linda e disse:

— Então o que?

— Que tal?

Não sei o que é que você quer dizer.

— Que tal a festa?

— Ah! O'íma.

— O'íma. Eu souvi dizer que foi um desastre.

Continúa na pag. 40





Na manhã de domingo, dia 8 de Outubro de 1944, o rádio transmitia para o mundo inteiro a dolorosa notícia da morte de um dos espíritos mais esclarecidos, de um dos mais ardorosos defensores da democracia: Wendell Wilkie.

No momento em que a humanidade mais necessita de mentes esclarecidas, de eficientes arquitetos da paz, o desaparecimento de Wendell Wilkie representa uma perda não apenas para o seu país onde ocupou os mais altos cargos administrativos, mas para o mundo. Wendell Wilkie nasceu em Indiana, a 18 de fevereiro de 1892. Seus pais, François e Henrieta Trish Wilkie, exerciam ambas a profissão que seria mais tarde abraçada por Wendell a advocacia, onde teve ocasião de revelar o seu talento e brilho intelectual. Pode-se dizer que o espírito democrata de Wilkie é uma herança de família.

Seus avós, cidadãos alemães, viram-se obrigados a emigrar para os Estados Unidos por se terem colocado ao lado do partido democrata.

A infância e a juventude de Wendell Wilkie não foram menos acidentadas que a sua vida de político.

Nesta época o grande estadista já revelava o seu espírito de iniciativa, a sua ousadia e ousadia.

Wilkie nunca foi um contemplativo. Homem de ação,

os esportes sempre o entusiasmaram. Realizou entretanto o ideal grego do "mens sana in corpore sano". Tendo se matriculado com 15 anos na Universidade de Indiana, em 1914 desempenhava simultaneamente as funções de professor de história e "coach" do "team" de "basketball" da High School de Coffeyville, no Kansas. "O esporte ajuda a formar homens. Nosso país necessita de homens. Basta confrontar estas duas verdades para se chegar à conclusão de que a América precisa do esporte". Estas palavras de Wilkie, mostram a importância que atribuía ao esporte.

A sua carreira de estudante não transcorreu sem interrupções. Dificuldades financeiras de seu pai, que perdeu toda a fortuna, obrigaram-no a abandonar os estudos na Universidade de Indiana e lutar para ganhar a vida. Neste período exerceu as mais variadas e estravagantes profissões: fez colheita de trigo no Minnesota, trabalhou nos poços petrolíferos do Texas, debulhou milho em Iowa, foi proprietário de uma barraca ambulante e até cozinheiro de petiscos ligeiros num restaurante popular.

Teve pois o contato purificador com a terra e conheceu os trabalhos mais rudes e humildes.

Durante este tempo, a sua inteligência esclarecida pôde sentir as dificuldades dos pobres.]

Esta série de experiências não foi desperdiçada pelo grande líder republicano.

Na sua vida política elas lhe iriam servir de muito.

Voltando afinal aos estudos terminou o seu curso de advocacia e quando se preparava para praticar a profissão, em companhia de seu pai, um grande acontecimento histórico veio interromper mais uma vez as suas atividades normais. Os Estados Unidos declararam guerra à Alemanha. Um dos primeiros voluntários a se alistarem nas fileiras do exército de Tio Sam foi o ardoroso Wendell Wilkie.

A sua carreira militar foi tão brilhante como a civil e em pouco tempo ele era capitão de 325.º Regimento de Artilharia de Campanha.

O dia 14 de janeiro de 1918 marca uma nova etapa na vida de Wilkie. É que nessa data ele desposava a senhora Edith de Rushville, Indiana.

As indústrias absorvem então uma boa porção da sua vida. O seu dinamismo levou-o numa série de triunfos, até que se viu nomeado diretor de uma grande organização de empresas públicas, à qual deu um extraordinário impulso.

Como político, foi sempre um ardoroso defensor da política de boa vizinhança e de uma verdadeira cooperação inter-americana.



W E N D E L L W I L K I E

○ DEMOCRATA



Homem de largos horizontes, pugnou pela entrada dos Estados Unidos na guerra, apesar da campanha que então teve de enfrentar da parte daqueles que pretendiam um absurdo isolamento do seu país.

"O continente americano — diz Wilkie numa das páginas do seu livro famoso — "Um Mundo Só" — tem uma herança histórica do espírito democrático e é necessário poder contar com todos os povos livres democráticos para a reorganização do mundo quando chegar o instante da paz".

Esse trecho mostra a orientação política de Wilkie no tocante à situação externa dos Estados Unidos, sobretudo em relação aos demais países da América.

Em 1940 o seu nome foi unanimemente sufragado para candidato à presidência da república. Wendell Wilkie, pode orgulhar-se de ser o candidato republicano que maior número de votos conseguiu em toda a história política dos Estados Unidos.

Adversário leal de Roosevelt sobre apoiar as iniciativas do grande presidente e criticar desassombradamente os atos que lhe pareciam dignos de ataque.

Num ambiente democrático, em que as lutas de partido não podem prejudicar as diretrizes da nação foi encarregado — há pouco, pelo próprio Roosevelt, de

realizar uma grande viagem, tendo percorrido 50.000 quilômetros por via aérea. Visitou então a Rússia e a China, estudando os problemas desses grandes países, empenhados na guerra contra as potências totalitárias.

Voltando aos Estados Unidos mostrou as dificuldades que os governos desses países tinham de enfrentar, pugna pela abertura da segunda frente na Europa, o mais rapidamente que fosse possível.

Lançou também a idéia da criação de um Conselho Superior das Nações Unidas, como base para a organização internacional de todos os países, onde cada um tivesse direito de representação e de voto, nas decisões de interesse mundial.

Foi este homem que a humanidade perdeu. No momento em que se realizam em Moscou as conversações em que certamente estarão sendo assentados os princípios que regerão o mundo de após guerra, no gravíssimo momento histórico em que os dirigentes de povos estão lançando as bases do mundo futuro, a ausência de Wendell Wilkie, vem encher de pesar todos os verdadeiros amantes da liberdade.



AS NOSSAS PÁGINAS FOCALIZAM DIVERSAS FASES DA VIDA DESTA GRANDE BATALHADOR DAS DEMOCRACIAS, QUE FOI WENDELL WILKIE. OS ILUSTRANTES QUE APRESENTAMOS MOSTRAM O LIBER REPUBLICANO, QUE ACABA DE FALESCER EM NOVA YORK AOS 52 ANOS DE IDADE.





UM GRUPO DE VISITANTES FOTOGRAFADO NO JARDIM DA GRANJA NAZARETH.



CABRITOS DESTINADOS AO MATADOURO. PARA VENDA AO PUBLICO NAS LOJAS DA SOCIEDADE.

A CASA DA ADMINISTRAÇÃO, AMPLA E CONFORTAVEL.



SOCIEDADE AGRO-INDUSTRIAL NAZARETH LTDA.

Elementos da alta sociedade da Capital da Republica e da Bahia realizaram no dia 1 do corrente, na Granja "Nazareth" em São Gonçalo, Estado do Rio, uma excursão que transcorreu num ambiente de distinta cordialidade e durante a qual foi dado aos visitantes conhecerem uma das maiores organizações agro-pecuarias da America do Sul.

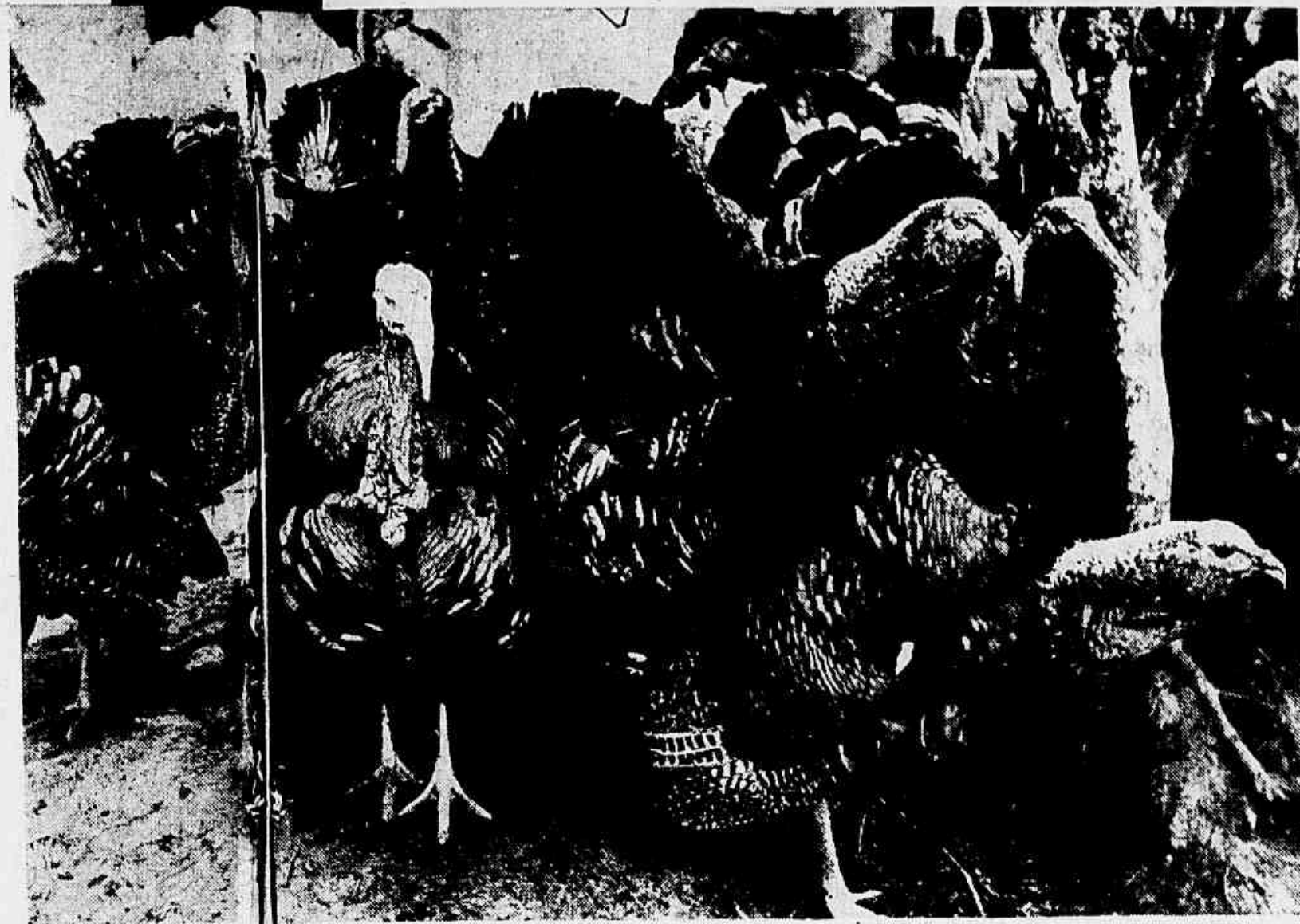
Entre as pessoas presentes destacavam-se os srs. João Ceciliano de Andrade e Afonso Salgado, diretores dos Bancos Andrade Arnaud e da Bahia, Evandro Lopes, tesoureiro do Instituto dos Comerciantes, Eduardo Brenand, Luiz Moraes Sarmiento, Israel Ferreira, Maximo Linhares, Cesar Campelo e outros diretores de grandes organizações industriais, e os socios e diretores da Sociedade, comandantes Alberto de Lucena, Luiz de Castilho e Decio Rego Barros, e suas familias.

Durante a festiva visita feita á Granja "Nazareth", uma das propriedades da Sociedade Agro-Industrial Nazareth Ltda., organização genuinamente brasileira, que reúne nomes de larga projecção nos nossos circulos industriais e comerciais, os presentes tiveram occasião de percorrer demoradamente todas as dependencias do modelar estabelecimento agro-pecuario e as suas instalações de industria applicada, podendo observar a moderna maquinaria e os métodos racionais e scientificos utilizados nas mesmas para os trabalhos a que se destinam.

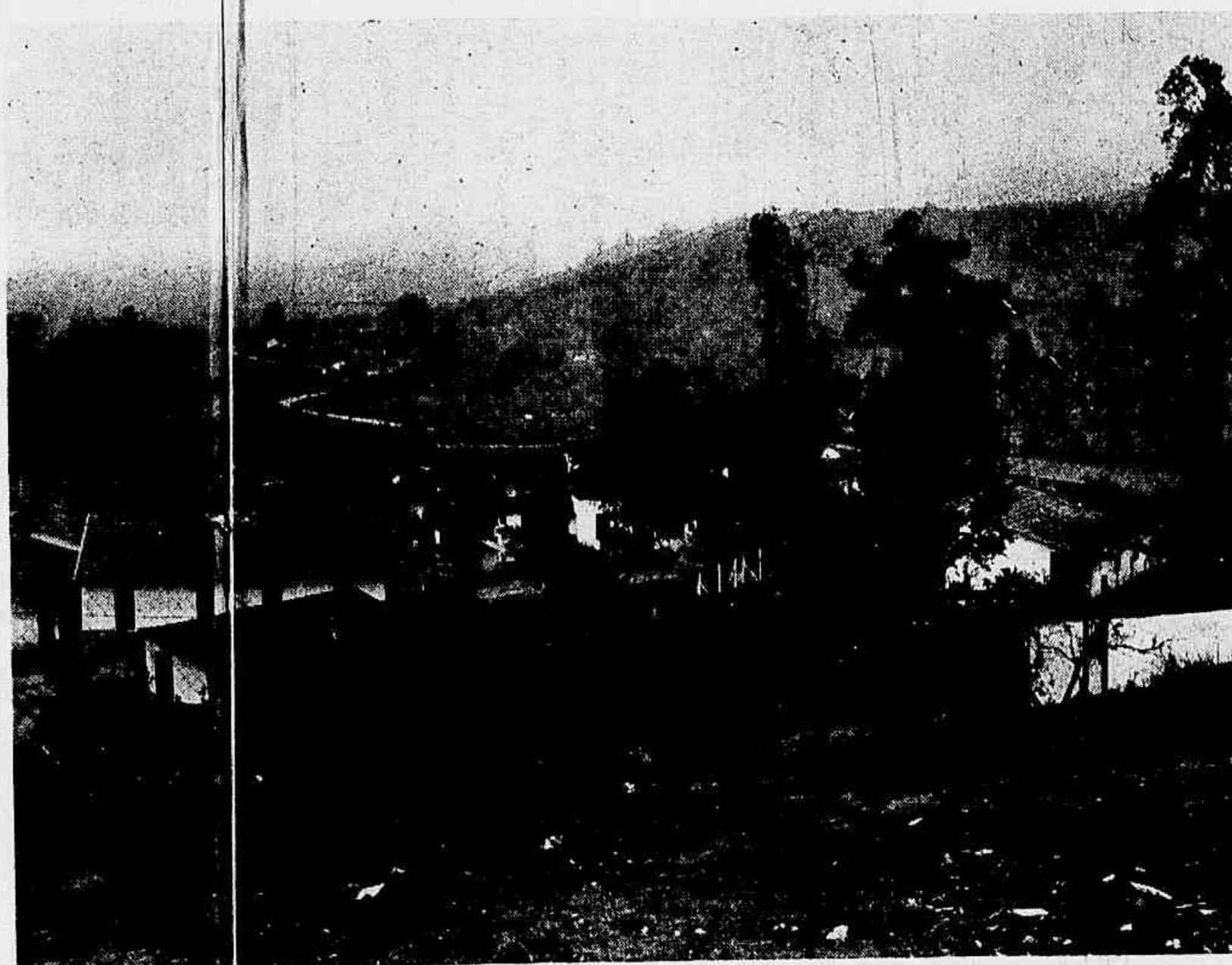
A Granja Nazareth conta com secções especializadas, capazes de satisfazer ás exigencias de sua grande produção, entre as quais compremos destacar o Departamento Industrial, dotado de modernos matadouros para aves e pequenos animais, o Departamento Avicola, que compreende grande numero de parques destinados aos milhares de aves procedentes dos trinta postos de compra da Sociedade, o Departamento de Pecuaria, com estábulos, apriscos, cocheiras e pocilgas, construídas de acordo com os modernos métodos de hygiene, o Departamento Agrícola, incumbido da administração das grandes plantações de legumes, laranjas e roseiras da Fazenda, e finalmente o Departamento Comercial, destinado a levar directamente ao consumidor, sem intervenção de intermediários, os conhecidos productos "Nazareth".

De volta ao Rio trouxeram os visitantes nítida impressão do quanto podem realizar os capitais brasileiros, empregados em organizações genuinamente nacionais, como é a "Sociedade Agro-Industrial Nazareth Ltda."

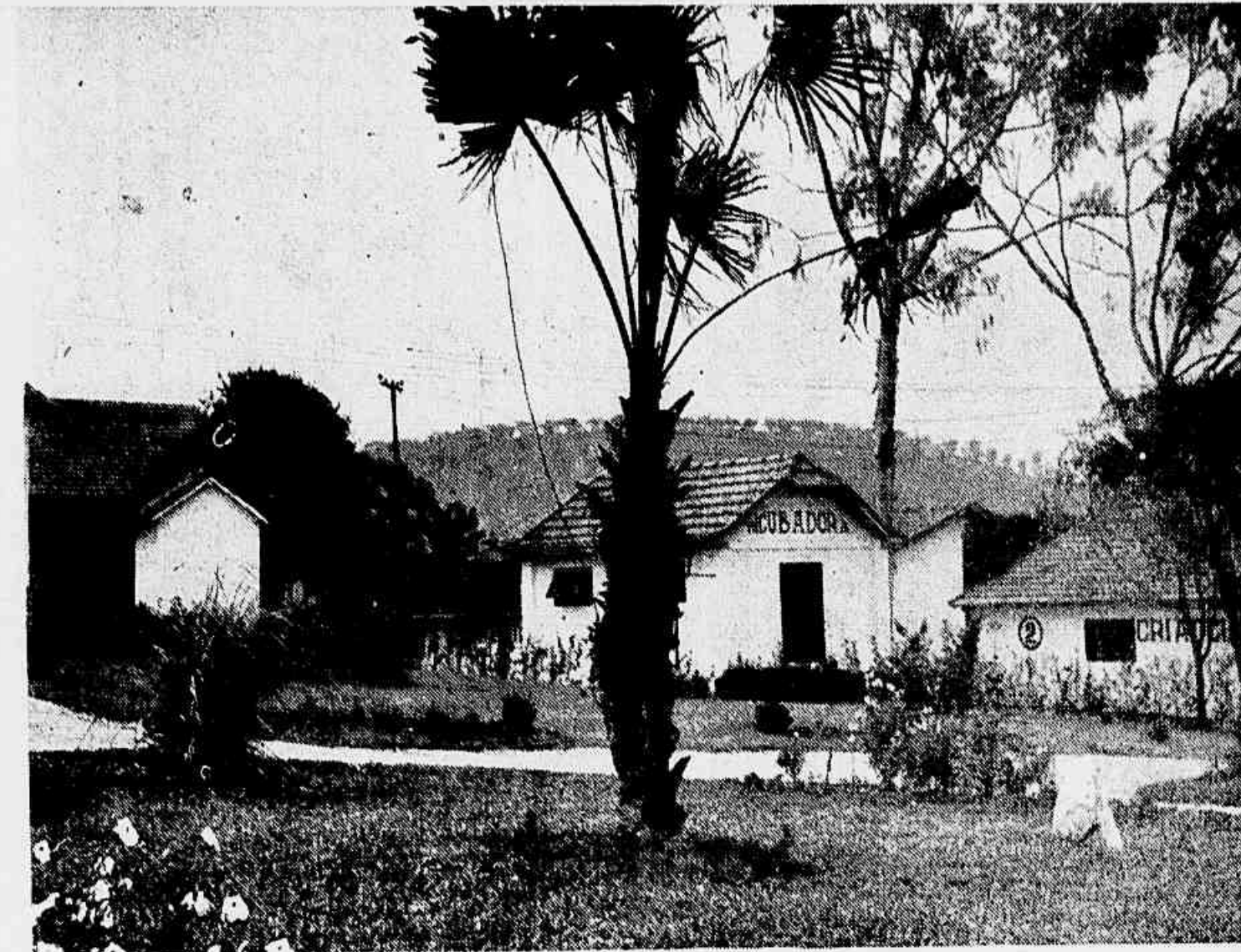
UM LOTE DE GALINHAS SELECIONADAS PARA SEREM ABATIDAS DEPOIS DE INSPECIONADAS PELO S. F. S. DO MINISTÉRIO DA AGRICULTURA.



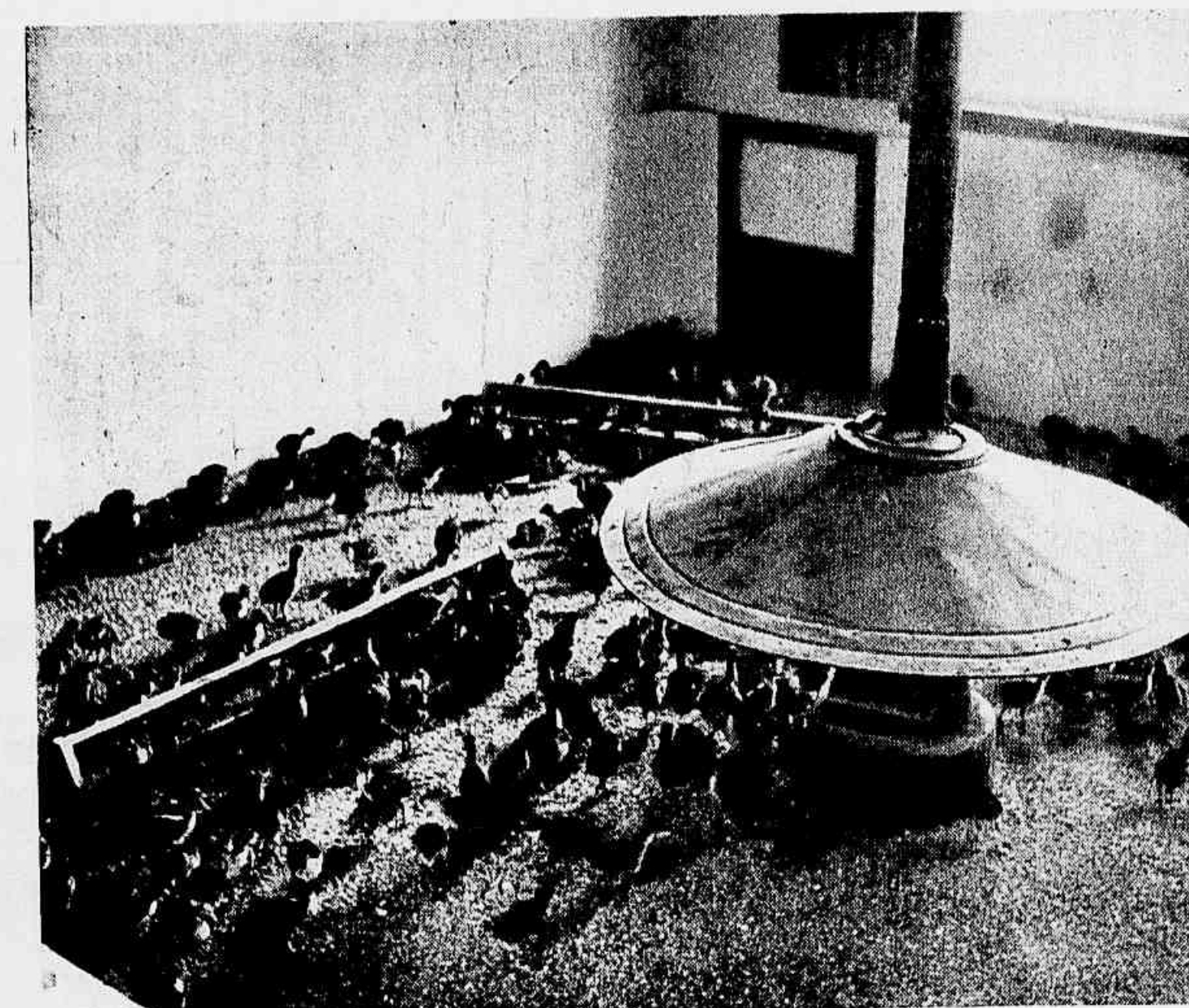
UM DOS NUMEROSOS LOTES DE PERUS MAMOUTH BRONZEADO, CRIADOS NA GRANJA, EM REGIME DE ENGORDA PARA O NATAL.



UMA SECCÃO DO DEPARTAMENTO AVICOLA, VENDO-SE A CASA DE INCUBAÇÃO COM CHUCADEIRA MODERNÍSSIMA E GRANDES CRIADEIRAS PARA PERUS.



UMA SECCÃO DO DEPARTAMENTO AVICOLA, VENDO-SE A CASA DE INCUBAÇÃO COM CHUCADEIRA MODERNÍSSIMA E GRANDES CRIADEIRAS PARA PERUS.



UMA DAS MUITAS CRIADEIRAS JÁ INSTALADAS ONDE ESTÃO SENDO CRIADOS MILHARES DE PERUSINHOS.

PREPARANDO PERUS DE ACORDO COM OS MODERNOS PROCESSOS AMERICANOS.



A SEMANA DA CRIANÇA

DEFENDENDO OS BRASILEIROS DE AMANHÃ

As comemorações da "Semana da Criança", levadas a efeito de 9 a 15 da corrente, foram marcadas de varias e interessantes solenidades, palestras, concursos e exposições educativas. Entre essas teve especial destaque a que se realizou na Escola Nacional de Belas Artes, organizada pelo professor Osvaldo Teixeira. A inauguração dessa exposição, denominada "A criança na arte", como contribuição às comemorações da Semana da Criança, constou de setenta telas e algumas esculturas, trabalhos de apreciados artistas brasileiros e estrangeiros, citando-se, entre os primeiros Visconti, Osvaldo Teixeira, Helios Seelinger, Henrique Cavalleiro, Lucilio de Albuquerque, Manuel Constantino e outros. Dos estrangeiros destacaram-se Campora, Van Cleve, Blanche, Geoffrou, Lebrichon, Moreaux e varios outros valores do mundo artistico.

Pela Hora do Brasil, o professor Marcação Gesteira, catedrático de Puericultura e Clinica da Primeira Infancia da Universidade do Brasil, proferiu uma palestra acentuando a significação da Semana da Criança como instrumento capaz de alertar a consciencia coletiva para o problema da infancia, principalmente sobre o aspecto do combate à mortalidade infantil.

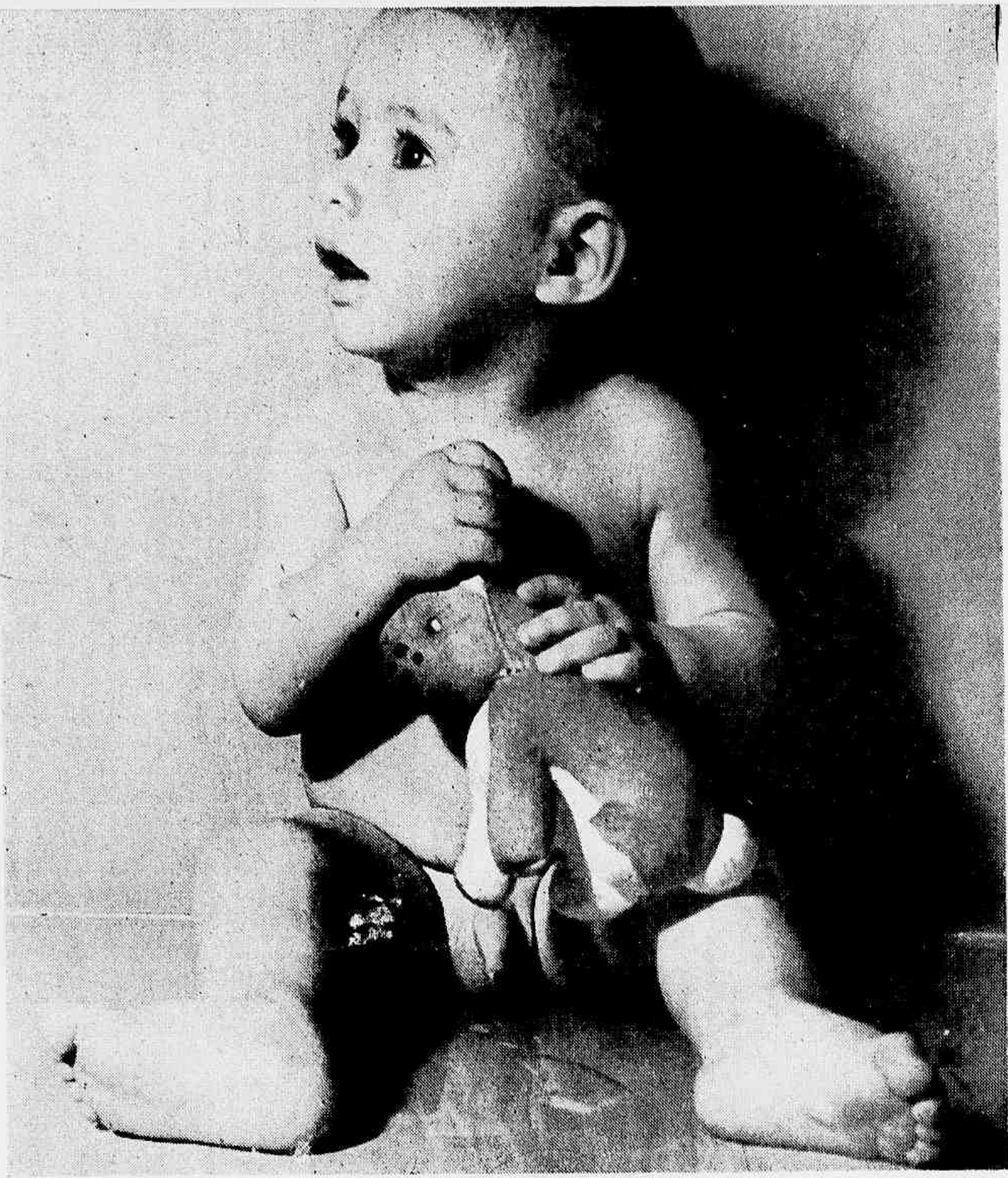
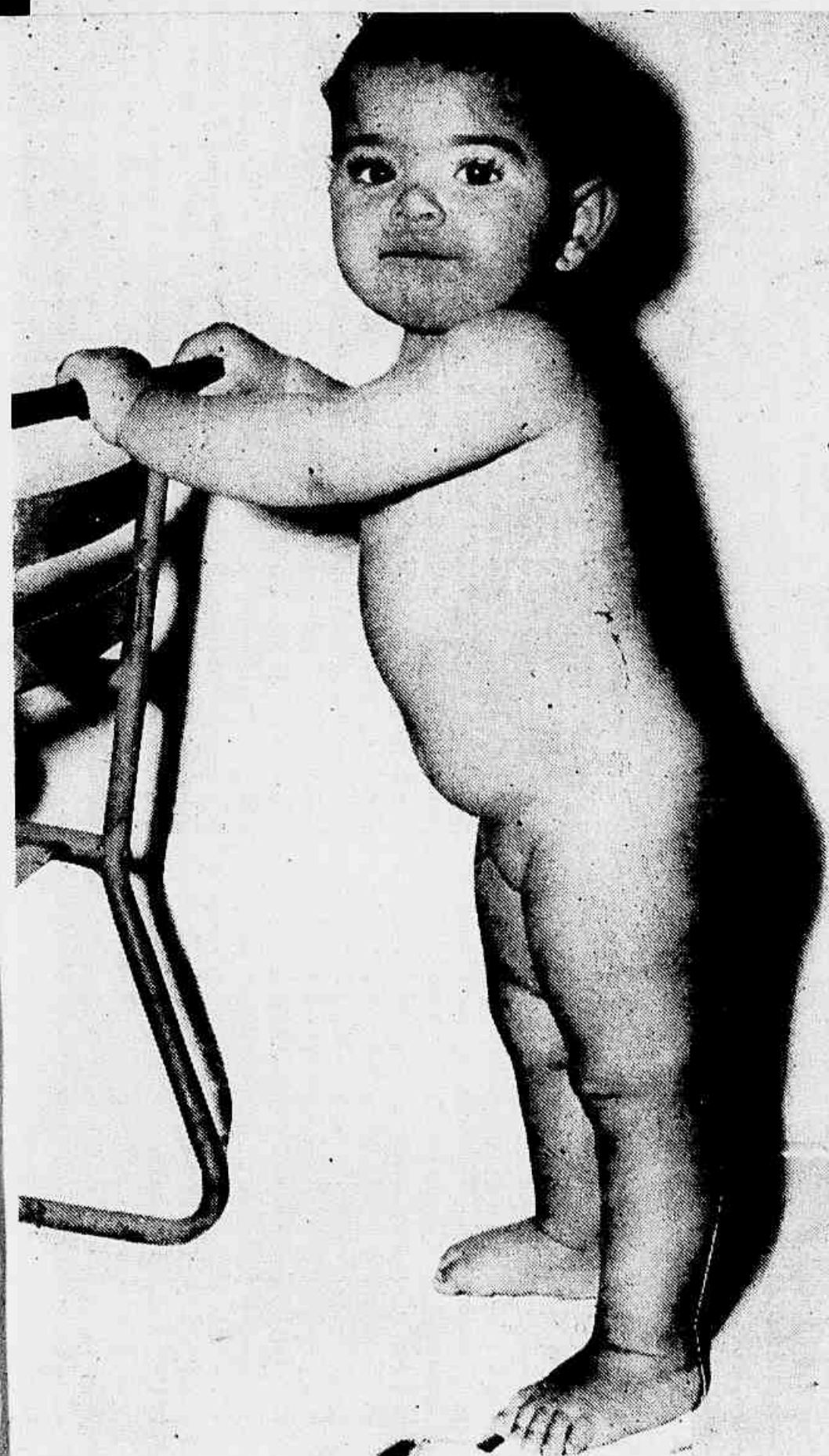
Mas houve ainda outras e interessantes comemorações. Por iniciativa do Departamento de Imprensa e Propaganda, em colaboração com o Sindicato dos Exibidores Cinematograficos do Distrito Federal, varios cinemas desta capital, ofereceram espetaculos gratuitos ápetizada, no dia 12, dedicado á Criança. Essa contribuição da Divisão de Cinema e Teatro do DIP atraiu às casas de espetaculos verdadeiras multidões de crianças, para as quais foram selecionados programas ao mesmo tempo divertidos e educativos.

Tambem os circos e pavilhões instalados em varios bairros da cidade vieram ao encontro da iniciativa, franqueando suas portas às crianças, oferecendo-lhes interessantes vespertais e programas exclusivamente infantis. Outros espetaculos dessa natureza foram proporcionados às crianças, sendo alguns dedicados aos internados em estabelecimentos de amparo e proteção á infancia.

O CONCURSO DE ROBUSTEZ INFANTIL

Tambem no Dia da Criança, em varios Distritos de Puericultura instalados na zona suburbana, foram realizados concursos pelos quais se pôde aquilatar dos indices de saude apresentados pelos numerosos candidatos ao Concurso de Robustez Infantil e às

O PRIMEIRO BANHO E O PRIMEIRO SONO — OS FLAGRANTES QUE ILUSTRAM ESTA PÁGINA E A FRONTEIRA PERTENCEM Á INTERESSANTE EXPOSIÇÃO DE PUERICULTURA PROMOVIDA PELO DEPARTAMENTO NACIONAL DA CRIANÇA E LEVADA A EFEITO NA CAPITAL DA REPUBLICA, ESTA SEMANA. A GRAVURA SUPERIOR MOSTRA-NOS O PRIMEIRO BANHO DO BEBÊ. A INFERIOR É UM FLAGRANTE DO PRIMEIRO SONO DE UM RECEM-NASCIDO. "A CRIANÇA NÃO DEVE DORMIR EM AMBIENTE CALMO — DIZ A LEGENDA. "NÃO A EMBALE E NÃO CANTE PARA ADORMECER-LA". "A ALIMENTAÇÃO, O SONO E OUTROS HÁBITOS DA CRIANÇA DEVEM SER SEMPRE REGULADOS PELO RELOGIO". FOI ASSIM MUITO PROVEITOSA A EXPOSIÇÃO DE PUERICULTURA.



DESENVOLVIMENTO NORMAL DA CRIANÇA — À ESQUERDA, EM CIMA, O "BABY AOS NOVE MESES, SUSTENTANDO-SE DE PÉ. À DIREITA, AINDA COM SEIS MESES, COMEÇANDO A SENTAR-SE. NESSA MESMA IDADE, HABITUALMENTE, APARECE O PRIMEIRO DENTE.

EM BAIXO: CRIANÇA ENCONTRADA, AO ABANDONO, ENVOLTA EM UMA SIMPLES MANTA E EM JORNAIS VELHOS ASSIM VÃO TER AOS ASILOS ONDE MÃOS PIEDOSAS OS RECEBEM E ACALENTAM, SUBSTITUINDO AS MÃOS MATERNAS QUE NÃO QUIZERAM — OU NÃO PUDERAM — DESOBRIGAR-SE DE SUA HONROSA MISSÃO. ANUALMENTE, DEZENAS E DEZENAS DE INOCENTES CRIATURINHAS SÃO RECOLHIDAS. E NEM POR SEREM "ABANDONADAS" DEIXAM DE MERECEER OS MAIORES DESVELO. A SORTE AS PROTEGE, ENFIM.



provas de saúde a que se submeteram inúmeras mães que têm filhos matriculados nos referidos distritos. Assim, no consultório do Encantado, 9.º Distrito de Puericultura, brilhante resultado apresentou o concurso de saúde e robustez infantil em que se apresentaram crianças lactentes e pré-escolares bem como mães que ali recebem ensinamentos sobre puericultura. Foram excelentes os resultados obtidos.

CONSELHOS ÀS MÃES

O Departamento Nacional da Criança distribuiu largamente, durante essas comemorações, interessante folheto de propaganda infantil, do qual extraímos os seguintes "Conselhos Às Mães Sobre Os Filhos Pequenos":

"E" para a mãe dever sagrado criar o filho ao próprio seio.

O melhor alimento para uma criança até 6 meses é o leite da mãe.

O peito deve ser dado regularmente de 3 em 3 horas.

A criança não deve mamar de noite para que o seu organismo possa descansar.

A alimentação, o sono e outros hábitos da criança devem ser sempre regulados pelo relógio.

Só um médico é que deve dizer o modo de alimentar cada criança, principalmente se faltar leite de peito.

As crianças precisam de todo asseio, banhos diários, roupas leves, ar livre e sol.

A criança pequenina deve dormir o mais possível, e não nas camas alheias, mas no seu berço ou cama própria.

Toda criança com febre, vômito, tosse ou qualquer outro sinal de doença ou fraqueza, deve ser levada ao médico, com urgência.

Leve duas vezes por mês a criança ao médico, mesmo que esteja com saúde para ser pesada e saber se ela está se desenvolvendo bem.

A Assistência Obstétrica Domiciliar facilita à mãe em seu próprio lar uma assistência ao parto bem orientada quando as condições de higiene da habitação e saúde forem satisfatórias.

As estatísticas demonstram que a primeira infância é de uma fragilidade extrema: morre maior número de crianças no primeiro do que no segundo ano, e neste mais do que no terceiro.

ESCRAGNOLLE DORIA HISTORIA E CRONICA

Eleição de Tutor Imperial
1.º de Julho de 1831

De 1822 a 1851 bastantes foram os decretos com rubrica e guarda de D. Pedro I. Trouxe-as o ultimo decreto por ele firmado, no paço da Boa Vista, datado de 6 de Abril de 1831, ano decimo da Independencia e do Imperio.

Declarou D. Pedro no ato abdicatorio "ter maduramente refletido sobre a posição politica do Imperio" conhecendo necessaria sua renuncia de corôa.

Usando do direito constitucional nomeava José Bonifácio tutor de seus filhos de residencia no Brasil. Abdicante a 7 de Abril de 1831, a 8, de bordo da não inglesa *Warapê* surta no porto do Rio de Janeiro, D. Pedro, à Augusta Assembléa, Senado e Camara, participava a nomeação de 6 de Abril, pedindo à Assembléa "que se dignasse confirmar a dita nomeação".

Assim se dirigia D. Pedro aos Augustos e Dignissimos Senhores Representantes da Nação, neles reconhecendo a Patria soberana, sobranceira a regimes.

A Abdicação seguiu-se eleição parlamentar immediata de tres regentes em junta interina, a governar até eleição de regencia permanente pela Assembléa Geral em numero legal.

Os senadores e deputados eleitores, da regencia interina, com quarenta votos sufragaram o marquês de Caravellas, dando trinta e cinco votos ao brigadeiro Lima e Silva, e trinta ao senador Vergueiro.

A 17 de Junho de 1831, Senado e Camara elegiam para regencia permanente Lima e Silva Costa, Carvalho e João Bráulio Muniz. Com este competindo o ministro das Estrangeiras, Francisco Carneiro de Campos, soube-se que o ministro se demitira alegando, á vista da vitória de Bráulio, "ter perdido a confiança da Assembléa Geral".

A 1.º de Julho de 1831, senadores e deputados, no momento tão votantes, encaminharam-se para o Paço do Senado a fim de proceder à eleição do tutor de D. Pedro II e de suas irmãs.

A Camara dos Deputados não reconheceu valida ou legitima a tutoria designada pelo decreto antedatado de 6 de Abril, entendendo, na ipotesi occorrente, a nomeação de tutor de exclusiva competencia legislativa. Protestou José Bonifácio, mas assim se venceu e o remedio foi esperar pelo amanha.

Tanto a deliberação da Camara era questão de principio que, esquecendo o protesto andradino, a Assembléa Geral, por pluralidade de votos, elegia o indicado pelo decreto de 6 de Abril.

A José Bonifácio, tutor, a Assembléa marcou regras, uma a de não poder o tutor ter parte em ato politico algum em nome de pupilos. E a Assembléa reservou-se o direito de remover o tutor quando julgasse conveniente. Em 1835, José Bonifácio veria letra viva o direito da Assembléa.

EXPLOÇÃO MEMORAVEL

(22 DE JULHO DE 1841)

A 25 de Julho de 1841 devia ser sagrado e corôado D. Pedro II. O Rio de Janeiro quiz assinalar o successo com varias demonstrações de regozijo publico. Entre elas estava o espetaculo de um fogo de artificial, de um fogo artificial como então se dizia. De tal fogo o carioca de outrora e o de hoje ainda são devotos.

Do preparo e da realização do fogo artificial de 25 de Julho de 1841 se acharam encarregados dous mineiros, pai e filho, Joaquim Batista e Francisco de Assis Peregrino, pirotecnicos reputados.

Tomaram para campo de operações o Campo de Santa Ana, em cujo centro ainda se erguia edificio de emergencia, o construido para aclamação de D. Pedro I. O edificio, popularmente, era o Palacete do Campo, por seu isolamento, proprio para deposito de inflamaveis peças do fogo artificial dos Peregrinos.

A 22 de Julho, vespera da luminosa exposição do fogo, Peregrino Pai e Filho estavam no Palacete ultimando preparativos com auxilio de trabalhadores.

De subito incendiou-se uma peça pirotecnica, o fogo de vistas torna-se sinistro, explodem a polvora e ardendo materias inflamaveis, o Palacete aos clarões do belo horrivel dos grandes incendios.

Alguns trabalhadores fogem incolumes, Francisco de Assis Peregrino trata de salvar o pai, demora-se, tenta depois sair por uma janela, mas em breve uma parede desaba sobre Peregrino e alguns trabalhadores, uns mortos logo, outros feridos para morte não muito adiante.

O acontecimento comoveu cidade de duzentas mil almas, tantas as do Rio de Janeiro de 1841, onde de costume o comercio muito animador de festas, quarteirão a quarteirão. O do Rocio, ora praça Tiradentes, construiu no local um Templo Chinez a ser iluminado a giorno.

Os promotores da construção do Templo á asiatica o ofereceram a Peregrino Pai. Aceitando oferta disse aquele que a destinaria a socorro das viúvas e dos filhos das victimas da explosão, para pronto socorro de viuvez e orfandade, cruéis os primeiros dias de lares humildes cujo chefe e arimo desaparecera, o amanha naqueles lares raiando em interrogação e apelo á beneficencia publica.

A sagração e corôação de 25 de Julho de 1841 realizou-se sem o fogo artificial. Quando a tréva cerrou aquele dia historico, o Campo de Santa Ana ficou á tristeza, em contraste com iluminações da cidade. Do Palacete só ruínas, negrumes da noite por sobre área que deveria ter sido clareada a flux.

FIM DA GUERRA DO PARAGUAI

(17 DE MARÇO DE 1870)

A 16 de Março de 1870, proximo de costa brasileira, um vapor inglês forçava marcha para chegar ao Rio de Janeiro. No porto carioca, a 17 de Março, entrava o vapor toda embandeirado por ordem de comandante. Tinha pressa de trazer gratissima nova á capital do Imperio, a nova do fim da guerra do Paraguai, com a morte de Lopez em Aquidaban.

Hoje se está bem nos casos de comprehender o desalago de uma noticia da ordem daquela de 1870 trazida pelo vapor "*Tycho Breche*".

Ao conhecer-se a nova não houve canto da cidade sem manifestações publicas, mais de éco no centro urbano. Logo circularam pela cidade boletins extraordinarios, alguns lidos em voz alta entre aplausos.

Acompanhadas da bandeira nacional e das bandeiras argentina e uruguaia, as de nações nossas aliadas na guerra, bandas de musica saíram á rua. Em alegre marcha e tocando alegres marchas, desfilarão ao continuo estralejar de foguetaria. Duas de tais bandas eram as

dos mengres dos arsenais de guerra e de marinha, os menores ritmando passo atrás de suas musicas e percorrendo ruas de casas todas embandeiradas espontaneamente; couso diversa de entusiasmo por ordem ou empreitada.

O imperador estava no Paço da Cidade, ao espalhar-se a noticia do fim da guerra. Seguindo para o paço de S. Cristovão, pela rua Direita, em breve 1.º de Março, o povo deteve o carro imperial, cercandoo de multidão em múltiplos vivas.

Foram consignadas na imprensa as palavras de agradecimento do imperador: "Obrigado. Fica certos que a guerra se acha felizmente concluida".

Chegou a tarde, o povo se não dispersou, nem cessaram as demonstrações do jubilo geral. Iluminações festivas cobriram a cidade, musicas e vivas continuaram noite a dentro.

O imperador, com os seus, veio de S. Cristovão. Dando o braço á imperatriz tendo ao lado a filha, D. Isabel, D. Pedro II percorreu a pé varias ruas, por toda a parte recebendo respeitosa acolhida e repetidos vivas.

O termo da guerra assinalava o nome de um general, o brigadeiro José Antonio Corrêa da Camara. No mesmo dia da noticia de 17 de Março o brigadeiro Camara era elevado a visconde de Pelotas, com grandeza, renovandose no agraciado de 1870 o titulo conferido ao avô, Patricio José Correia da Camara, no Primeiro Reinado. E no brazão do segundo visconde de Pelotas se ficou lendo esta divisa:

Aquidaban

PRIMEIRA RECITA DA AIDA, NO RIO

(4 DE OUTUBRO DE 1876)

Na obra musical de Verdi muito diz *Aida*, a grande opera tão de contribuição á gloria do incessante compositor.

Em 1871 o Cairo inaugurava belo teatro a expensas do Khediva Ismail Pachá. Entendeu este que estreia de teatro grande requeria outra, a de uma grande opera. Para obtel-a dirigio-se Ismail a Verdi, oferecendo-lhe cem mil francos de premio.

Antes do papel de musica as operas conhecem o papel dos libretos. O libreto da *Aida*, de tema egipcio, ocupou um sabio e tres libretistas. Mariette Bey, o egipólogo foi o sábio, e o fornecedor do assunto do libreto, o italiano Ghislanzoni, e os franceses Camilo du Locle e Carlos Nutter foram os libretistas da *Aida*.

Locle e Nutter escreveram o libreto em francês e em prosa, Ghislanzoni passou-o a versos italianos e Locle tomando os versos de Ghislanzoni transformou-os em versos francêses. Dois idiomas latinos deram vida a cenas e costumes faraonicos de Tébas e Memfis. Os avatares do libreto da *Aida* não foram poucos, nem de poucas penas tratando prosa e verso.

No Natal de 1871, o Cairo ouviu *Aida*, Paris ouvindo a opera em Abril de 1876, o Rio de Janeiro em Outubro deste ano, a banda Atlantica do Brasil sempre atenta á banda da Europa atlantica.

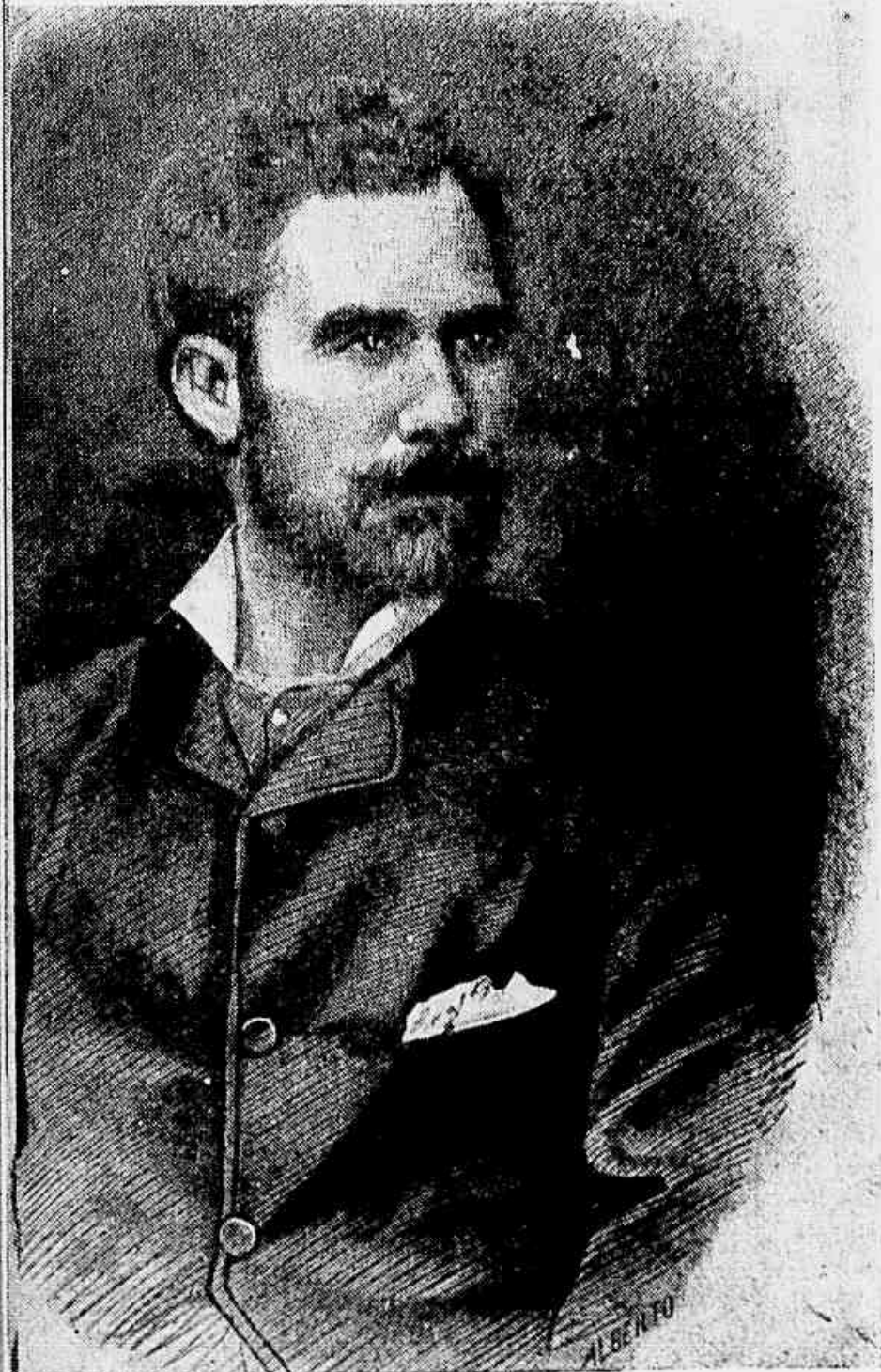
Desde muito o Rio de Janeiro conheceu empresas liricas de maior ou menor importancia lucro na bilheteria, de maior ou menor aplauso de plateias. No rã dos emprezarios liricos, fornecedoras de operas aos cariocas, ficou distinto Angelo Ferrari. Sabia organizar excelentes companhias trazidas ao Teatro Lirico da Guarda Velha e ao seu bajo de maravilhosa acustica. Era tanto mais surpreendente quanto fôra a de antigo circo, trocada a acrobacia pela musica, o vôo dos trapezios pelo vôo das arias. Os grandes cantores, quando do Rio regressavam á Europa, referiam-se nos mais elogiosos termos á acustica do *Lirico*.

Tal acustica foi de primeiro acolhida aos sons da *Aida*, a 4 de Outubro de 1876, a opera subindo á cena em teatro á cunha, a cidade com varios teatros tendo bom publico todas as noites.

Na opera de Verdi são principais os papeis de Aida e Radamés, creados no Rio do Janeiro por Emma Viziak e Juliano Gayarre cujas fortunas rapidas já se estavam fazendo nota a nota de... laringe.

O exito da *Aida* resultou completo. O jornalismo musical apoderou-se da opera. Para apreciar-a os criticos musicais, segundo observação ironica da epoca, "tiveram de pôr-se na pontinha dos pés".

Tanto tem sido *Aida* cantada no Rio de Janeiro, no espaço entre 1876 e 1944, que, provavelmente, a critica musical já não está na posição de ha sessenta e oito anos atrás.





MODELOS Janet Blair

DAMOS às leitoras elegantes, nesta e nas duas páginas seguintes, uma série de modelos, melhor dito, de sugestões para o verão, oferecidas por Janet Blair, a mais nova e delicada "estrelinha" da Columbia. Quando Hollywood procura renovar, tanto quanto possível, seus valores femininos, ao contrário do que outrora acontecia quando uma artista se perpetuava em certaz, manejada pela publicidade a mais intensa, por espaço de anos seguidos, é interessante observar quanta gente nova e bonita, elegante e esportiva vai surgindo na constelação cinematográfica, a exemplo da fascinante "partenaire" de Cary Grant em "O Eterno Pretendente". Na foto ao alto, Janet Blair põs para o mais famoso retratista norte-americano, Hurrell, cujo selo profissional vale por uma recomendação definitiva. As demais pões, são um desdobrar de "toilettes", "shorts" e "maillots", vestidos de campo e de tarde, os quais certamente despertarão grande curiosidade e interesse junto ao mundo feminino que nos lê. Quando a estação primaveril se ostenta, os modelos de Janet Blair valem por um brinde régio que a REVISTA oferece neste número às suas leitoras elegantes.

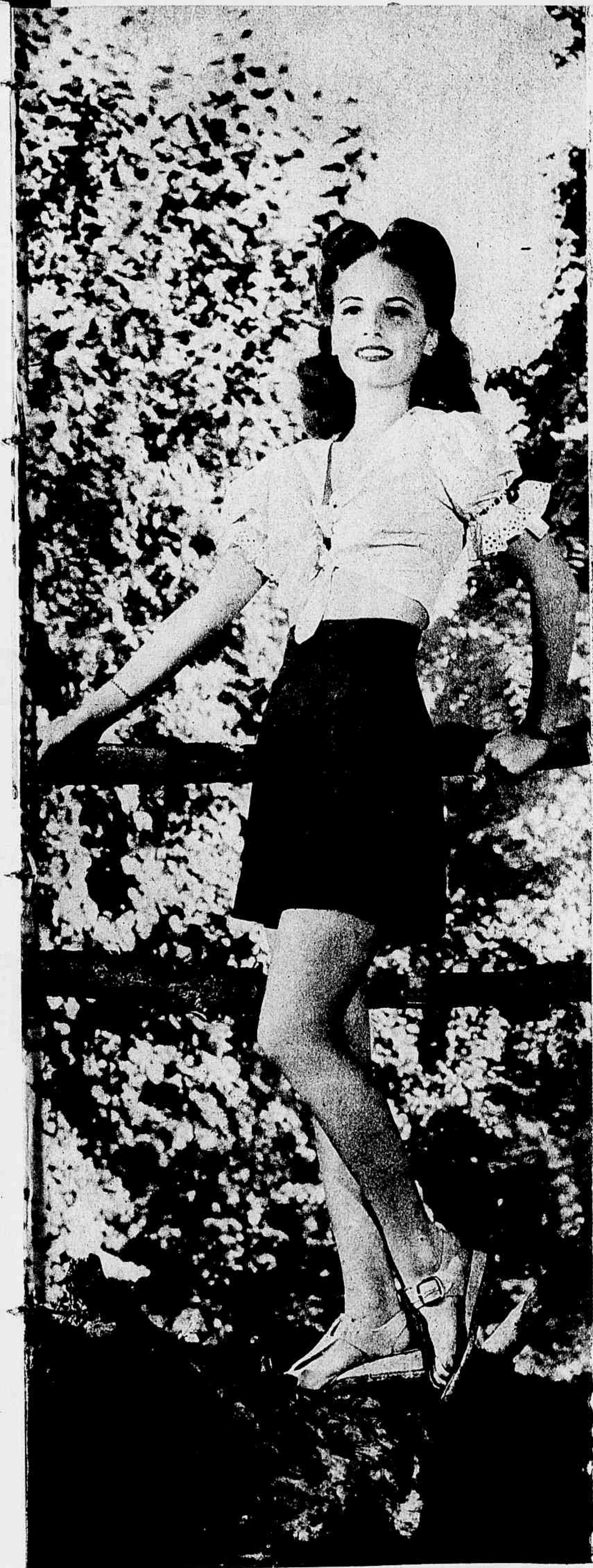




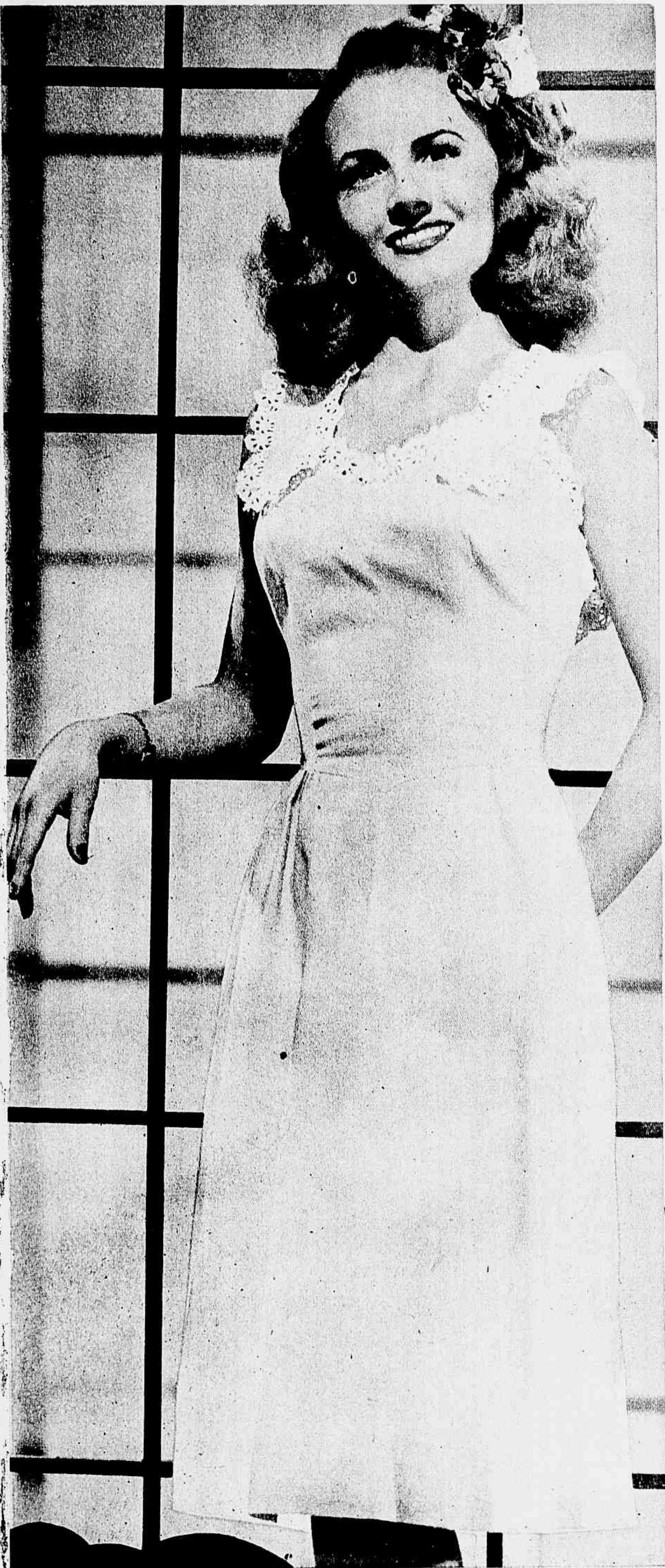
PARA A TARDE, NA PRAIA—QUANDO O SOL NOS VISITA E SEUS RAIOS FORTES SE PROJETAM NA AREIA, MADEMOISELLE COMPARECE À PRAIA COM UM VESTIDINHO BASTANTE CLARO E LEVE. AQUI ESTÁ UM MODELO SUGERIDO POR JANET BLAIR, MUITO APROVEITÁVEL. SAIA E CASAQUINHO, ESTE COM ENFEITES DE RENDA NO PESCOÇO E NAS MANGAS. BOTÕES DA PRÓPRIA FAZENDA DO VESTIDO. TUDO MUITO SIMPLES E SINGELO, PRÓPRIO PARA MENINA E MOÇA. NENHUMA JOIA NEM ADORNO. E NOS CABELOS SOLTOS UM APANHADO DE FLORES DE PANO, BEM VISTOSAS, COMPLETA O CONJUNTO.



PARA UM DIA DE SOL, NO CAMPO—UMA GRANDE ROSA ESTAMPADA NA PARTE INFERIOR DESSE VESTIDO TÍPICAMENTE DE VERÃO, APLICADA COM HABILIDADE, MAS UMA ROSA TAMBÉM DE CÔR BASTANTE VIVA RESULTA DE EXTRAORDINÁRIO EFEITO. O CORPETE, SEM MANGAS, "FRENTE-UNICA", SUPORTADO POR UM ELÁSTICO OU UMA FITA DE SEDA. NO PESCOÇO, UM COLAR ESTILO HAVAIANO, DESDE QUE O CONJUNTO OBEDECE AO MESMO ESTILO. E SE A SENHORA SABE REALMENTE DEDILHAR A GUITARRA HAVAIANA, MAIOR SERÁ AINDA O SEU ENCANTO. GARANTIMOS, PORÉM, QUE JANET BLAIR NÃO SABE...



EM CONTACTO COM A NATUREZA — TODOS ESTES MODELOS SÃO APRESENTADOS PELA MESMA ARTISTA, JANET BLAIR, DA COLUMBIA. E, NO ENTANTO, EM CADA UM DELES DÁ-NOS A IDÉIA DE SER OUTRA, INTEIRAMENTE OUTRA. COMEÇANDO PELO PENTEADO, E AGORA NESSE PITORESCO "SHORT" DE FAZENDA BASTANTE LEVE, COM A PARTE SUPERIOR DE TECIDO CAMBRAIA, MISS BLAIR VÊ SEUS ENCANTOS REALÇADOS E ENRIQUECIDOS. O MESMO ACONTECERÁ COM A LEITORA, SE PROCURAR RECONSTITUIR O TALHE DO "SHORT", MUITO PROPRIO PARA AS FÉRIAS, QUE AGORA SE APROXIMAM.



OUTRO MODELO MENINA-E-MOÇA — ESTE ÚLTIMO FIGURINO DA JOVEN E GRACIOSA ARTISTA VIVE DA SINGELEZA DO CORTE. BRAÇOS NUS, SAIA PRESA AO CORPETE. CONSTITUINDO UMA SO' PEÇA, ENFEITES DE RENDA NA PARTE SUPERIOR, CINTURA DISCRETAMENTE REALÇADA, O BUSTO SEM NENHUM REALCE, TUDO QUANTO PODE EXISTIR DE MAIS AGRAVAVEL PARA A VISTA E, CERTAMENTE, PARA O CORPO DE QUEM SE UTILIZA DESTE MODELO. A SÉRIE OFERECIDA POR JANET BLAIR ÀS NOSSAS LEITORAS INICIA-SE COM A SUGESTIVA "CABEÇA" APRESENTADA NA CAPA. OUTROS FIGURINOS, DE IGUAL ENCANTAMENTO, SERÃO DADOS EM NUMEROS VINDOUROS.



NOS BASTIDORES FEMININOS

Anne Shirley da R. K. O.

A FILOSOFIA EM CONTA-GOTAS...

SE nos detivéssemos, amiga minha, a sorver com o espírito e gravar na alma a filosofia de profundo ensinamento da verdade que há nas pequenas frases; se quizessemos meditar no mundo de experiências que elas encerram e firmar-nos no propósito de aplicar à nossa vida tal sabedoria, como quem haure diariamente, a plenos pulmões, o bom oxigênio, ou como quem molda os músculos numa ginástica racional, é certo que grandes e salutares benefícios obteríamos desse treino moral.

Diz o provérbio: "Quando não temos o de que gostamos, devemos gostar do que temos". Eis aí um bom alicerce para a Felicidade. A tão sonhada felicidade. Procurar adaptar-se às circunstâncias, ou às contingências irremovíveis da vida. Mas isto não quer dizer que devamos ser apáticos ou passivos diante

das dificuldades, não; apenas a luta não deve assumir caráter de revolta ou de desespero, ou, o que é ainda pior, lançar mão de todos os meios para chegar aos fins, como está na moda fazer.

O respeito ao direito alheio é virtude rara em nossos dias, pois a ansia de aproveitar as oportunidades, seja de que modo for, é o lema geral. Há gente que é como o galo que acredita ingenuamente que o sol sae para ouvi-lo cantar...

Pondo de lado esta frívola vaidade do medíocre, alijando o egoísmo que é lugar comum na vida, esta é, apesar de tudo, digna de ser vivida com dignidade. Pense durante 5 minutos, quando lhe caír sob os olhos uma sentença justa ou sábia e, meditando, procure absorver com a alma o seu perfume: ele dará à sua vida uma significação mais nobre e bela. Lembre-se que: "A beleza da alma transluz no rosto..."

WALLY

O QUE HA DE NOVO EM S. PAULO

**Na tradicional
Rua de S. Bento
está o mais
belo edifício
da capital
paulista**

**O Banco Na-
cional da Cida-
de de S. Paulo**
premiado pela Prefeitura

Um chefe indígena cheio de poder e de audácia comandava ali pelos inícios da vida paulista tribus invencíveis que humildes se curvavam à bondade dos Jesuitas, de Anchieta e de Nobrega.

No Largo de São Bento, tinha sua residência o chefe indígena Tibiriçá, que tendo ingressado nas fileiras do cristianismo, adotara o nome de Martim Afonso, que fora o primeiro donatário da Capitania de São Vicente.

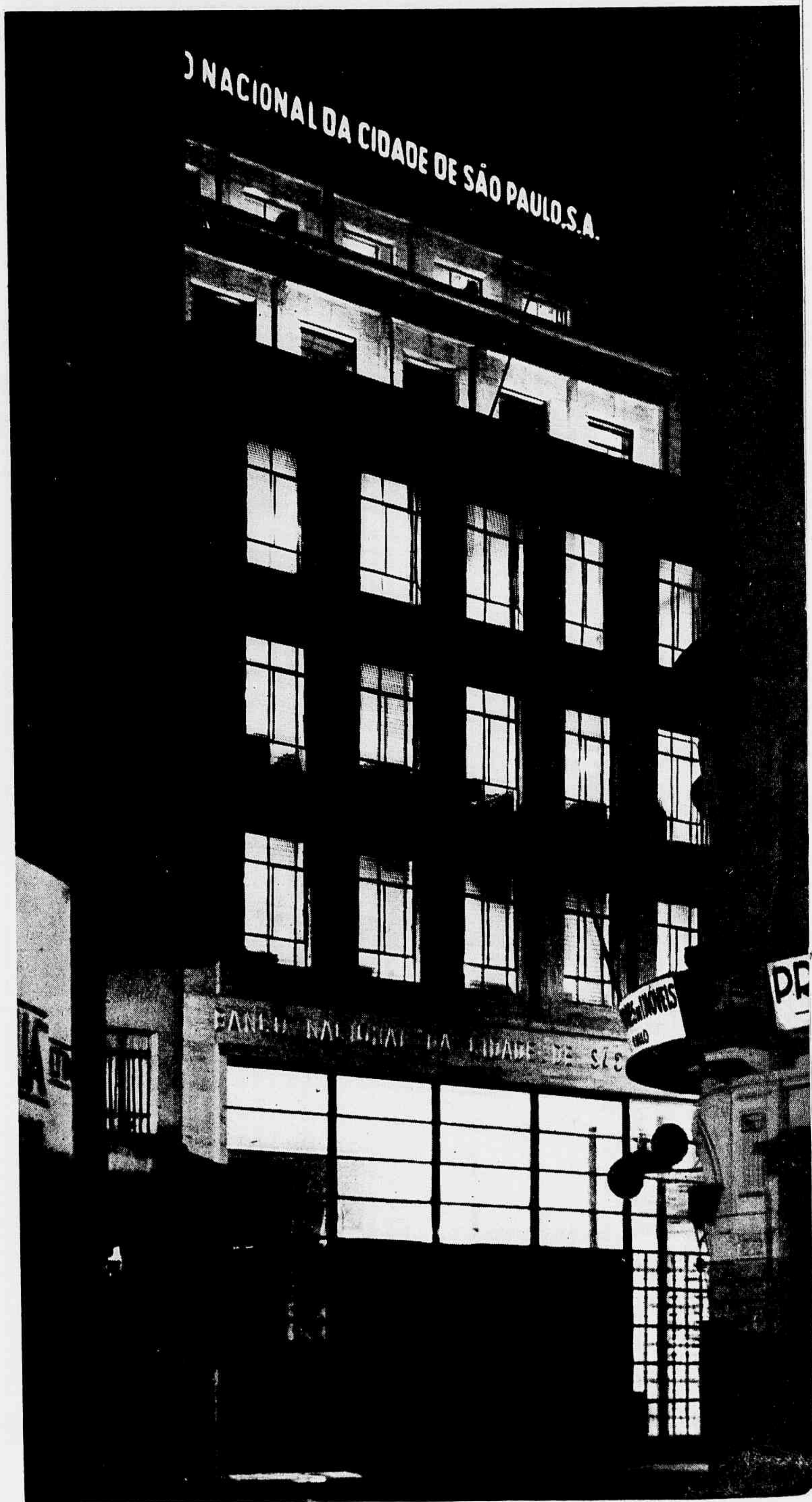
A rua de São Bento tivera, inicialmente, a denominação de Martim Afonso, e logo no século XVIII recebeu a denominação que até hoje tem.

Rua de tradição, onde a lenda se mistura com a realidade histórica, que revive a figura de Tibiriçá como um herói ajudando o trabalho da catequese dos selvícolas, a Rua de S. Bento é um pouco dessa história de São Paulo que os tempos não podem mudar, exaltando para as gerações futuras o trabalho e o sacrifício dos primeiros colonizadores quando, em lugar de arranha-céus e viadutos, Piratininga era a vila modesta que nascia entre o sol e a garôa como um poema da Natureza abençoando os dias da sua história gloriosa.

Em vés do sacrifício dos jesuitas, da taba de Tibiriçá, das caçadas indígenas e da garôa que passou, a Rua de São Bento assiste, com os olhos espantados do passado fazendo uma força enorme para enxergar a civilização que sobe, dia a dia, com os andares dos seus grandes edifícios.

Nessa febre civilisadora, mais um passo foi dado na Rua de São Bento, como para evocar os primeiros dias de sua formação, pois a Prefeitura de São Paulo acaba de encontrar ali, nessa rua, no edifício onde funciona o Banco Nacional da Cidade de São Paulo, a mais bela e perfeita fachada entre os prédios comerciais, para conferir honroso e valioso prêmio.

Esse prédio é de propriedade daquele estabelecimento de crédito, que concorre, desse modo, para a grandeza de São Paulo e reforçar, mais ainda, a História da Rua de São Bento.





SENHORITA ZITA DA CUNHA REGO, FILHA DO SR. JOÃO DA CUNHA REGO, ELEMENTO DE DESTAQUE DA ALTA SOCIEDADE DE RECIFE.

EM FINS DE SETEMBRO, TEVE LUGAR EM NITERÓI A HOMENAGEM PRESTADA AO DR. RUBENS FARRULA PELOS CRIADORES DO ESTADO DO RIO. PROCEDEU-SE À INAUGURAÇÃO DO BUSTO DO HOMENAGEADO NO SAGUÃO DO EDIFÍCIO DA SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DO RIO, SOLENIDADE QUE CONTOU COM A PRESENÇA DOS ELEMENTOS MAIS REPRESENTATIVOS DOS CÍRCULOS OFICIAIS E DAS CLASSES PRODUTORAS FLUMINENSES. NO CLICHÊ, UM ASPECTO DA FESTA, VENDO-SE O HOMENAGEADO JUNTO AO BUSTO, LADEADO PELOS MANIFESTANTES.



SOPRANO LIRICO DEOLINDA DE CARVALHO, DIPLOMA DO CONSERVATORIO DE MUSICA DO DISTRITO FEDERAL, QUE VEM DE PROGRAMAR UMA SÉRIE DE AUDIÇÕES PARA AS CAPITAIS DOS ESTADOS E CIDADES PRINCIPAIS. INICIALMENTE SEGUIRÁ PARA GOIANIA, ONDE REALISARÁ SEU PRIMEIRO CONCERTO SOB O PATROCÍNIO DO INTERVENTOR PEDRO LUDOVICO. A SENHORITA DEOLINDA DE CARVALHO FUI ALUNA DO PROFESSOR JOÃO ROCHA, CATEDRÁTICO DE CANTO DO CONSERVATORIO.

FIGURAS E FATOS

EDBERTO GUIMARÃES, DA FORÇA AEREA BRASILEIRA, FILHO DO SR. RUBENS DA ROCHA GUIMARÃES, QUE SE ENCONTRA NA BASE NAVAL DE CORPUS-CRISTI NO TEXAS, U. S. A., AFIM DE CONCLUIR UM CURSO DE PILOTAGEM.



O juiz ri por ultimo...

(Continuação da pag. 15)

tempos em que eu passeava arrogante pelas ruas do atribulado Chicago, com uma pistola no bolso e uma faca na cinta. Era moço e, mais do que o proveito dos meus roubos amava aquela vida, a luta constante entre a lei e o bandido, entre a rigidez da lei e a astúcia do bandido.

Preferia elaborar planos de meios complicadíssimos de burlar a lei e executar os próprios projetos. Não por covardia mas por disposição natural. E quando entrava na luta era para ter a sensação de uma aventura. Ia para o crime como o cidadão honesto procura o esporte, para dar devirativo aos meus excessos de energia.

Certo dia, quando estava almoçando em um restaurante de uma rua de muito má fama, em Chicago, um homem se aproximou de mim e olhando-me com desconfiança disse:

— E' muito moço!

Perplexo, perguntei a causa da exclamação e a razão pela qual eu era, assim sem mais nem menos, classificado, com desdém, de muito moço, como se fosse desdouro.

— Eu mesmo. Quem é que você pensa que carregou a burra do milionário X... cheia de dinheiro jóias, quando o Charlie assaltou o palácio dele? Quem é que já tem três condenações por ferimentos leves? Você está muito enganado, meu amigo, eu posso parecer muito fraco, mas se quiser experimente.

— O.K., Bebê. Você está aceito.

— Aceito para que?

— Então o Charlie não lhe falou nada?

— Não. Não tenho a mínima idéia do que se trata.

— E' muito simples. Imagine você, que descobri que o melhor meio de obter uma boa renda de roubos com um mínimo de risco é entrar para o comércio dos assaltos de surpresa, em pequena escala.

— Isso é velho.

— Porem não da maneira que eu quero fazer. Os grandes bandos obrigam, pelo terror, certos comerciantes a pagar um tanto por "proteção". Mas não é isso que nós vamos fazer — Isso exige muito dinheiro, muita gente e muito risco.

— Eu que o diga. Já estive metido nisso.

— Pois bem. Não é isso o que vamos fazer. Nosso plano é muito mais hábil... Vamos assaltar, de surpresa, pequenas casas, tarde da noite, obrigar o caixa a entregar o dinheiro, e pirar.

— Está tudo muito bem. Mas que espécie de casa de comércio ainda está aberta bem tarde?

— Restaurantes, bares, lugares assim.

E quanto menos frequentado melhor.

— Você acha que isso dá dinheiro?

— Claro.

— Bem...

— Como é, aceita ou não?

— Vou pensar ainda. Depois lhe dou uma resposta.

— O.K. Quando decidir mande a resposta pelo Charlie. Mas não demore muito porque eu posso arranjar outro sócio.

— Amanhã eu mando dizer.

No dia seguinte mandei um recado marcando um encontro e aceitei a proposta.

E muito breve começamos a pôr em

prática o plano que ele apresentara e que tinha as suas vantagens.

Em Chicago, não tentamos nada, porque sabíamos que a concorrência era grande e a maioria das casas de comércio que tinha lucros suficientes para despertar a nossa cobiça já tinha "protetores" que impediam que outros viessem comer no mesmo prato, tirando dinheiro que mais tarde viria para os seus bolsos.

Porém os outros estados — e eram muitos — nos forneciam amplos meios de pôr em prática o nosso plano. O campo era vasto e valia a pena evitar quaisquer desavenças com oficiais do mesmo ofício. Fomos, portanto, visitar outros estados e outras cidades, mais pacíficas, e, por isso mesmo, menos resguardadas, menos protegidas e que constituíam por esse motivo presa mais fácil.

Lembro-me bem da nossa primeira empreza, que tantos sustos me causou. Imagine você que estávamos, eu e o meu sócio, admirando a vitrine de uma casa, prontos para o assalto quando um

(Continua na pag. 46)

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo

— Muito moço para o (serviço).

— Que serviço?

— Escute aqui, rapazinho, o Charlie me disse que você topava qualquer coisa que promettesse bastante movimento e bastante ação. Pois bem, eu precisava de um camarada exatamente nessas condições.

Ao ouvir o Charlie falar de você eu tive a impressão de que era um veterano que conhecia o serviço e que...

— E o que fez-lo pensar que eu não conheço o serviço?

— Você pode ter no máximo vinte anos. Ainda cheira a cueiros.

Pois está muito enganado. Eu tenho trinta anos e já passei por boas. Pode ser que a minha aparência não demonstre isso mas é verdade.

— Você?

INSÔNIA

ATAQUES NERVOSOS

use

MARAVAL

PARA INSÔNIA: 2 colheres ao deitar
PARA ATAQUES: 3 COLHERES.

VACAS EM FÉRIAS?



GALINHAS EM GREVE?



PEIXES "EM VIAGEM"?



— Complete suas refeições com

MALZBIER

DA BRAHMA

Faltou carne? Chegou tarde o peixeiro? Há um complemento saboroso e rico para as suas refeições: Malzbier da Brahma. A superior qualidade, o grande valor energético e a alta concentração do malte que entra no preparo da Malzbier da Brahma fazem dessa deliciosa cerveja levemente adocicada um verdadeiro alimento. Um copo de Malzbier da Brahma, à base de rico malte, preciosa fonte de energia, tem o valor energético de um ovo de granja ou de um belo bife. Tenha sempre ao almoço, no lanche ou no jantar, esta revigorante e agradável cerveja.

MALZBIER DA BRAHMA

completa qualquer refeição



PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA SOCIEDADE ANÔNIMA BRASILEIRA - RIO DE JANEIRO - SÃO PAULO - CURITIBA

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE É SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

Por

Anselmo
Domingos

Há uma classe que age junto aos artistas de teatro, pensando auxiliá-los, mas prejudicando-os bastante. Quero me referir às pessoas que por mária boa vontade, ou coisa que valha, vivem a rodear os atores e atrizes de suas preferências, elogiando-os e enaltecendo-lhes qualidades que eles nem por sombra possuem. Isso é comum, verificando-se por ocasião das estréias das peças, quando, ao terminar o espetáculo, os artistas têm os camarins invadidos pelos grupos que ali vão abraçá-los com frases feitas e estudadas. Se o pobre do ator não passa de simples terceiro ou quarto galã da Companhia, logo encontra quem o compare a Leopoldo Fróes — perdoem-nos os admiradores de Fróes a ofensa. E se se trata então de uma simples atriz, encarregada de fazer uma ligeira "Soubrette", com duas ou três entradas, não custa aparecer uma matrona a lhe inculcar no espírito que a Duleina não lhe é nada superior...

Não estou exagerando. Não há força de expressão. Quem já penetrou numa "caixa" de teatro, depois de um espetáculo de estréia, há-de concordar comigo.

O elogio no teatro está desvalorizado. Tanto que, quando outros, independentes e francos até aonde a consciência manda, resolvem qualificar o trabalho de um

artista, embatucam com medo de cair no ridículo, envergonhados de repetir o que os grupinhos de interesseiros já disseram. Interesseiros, com razão. Porque aquele que invade o camarim do artista no fim do espetáculo, para abraçá-lo e lhe soprar no ouvidos elogios mentirosos, é via de regra um bajulador, que não pagou para assistir ao espetáculo, e com tal faz jus a outro vale para a próxima peça.

Repito: o elogio no teatro está desvalorizado. Já perdeu o valor por completo.

Elogia-se a torto e a direito. Chama-se ótimo a qualquer "canseira" como se elazifica de soberbo qualquer trabalho de uma atriz apenas interessante.

E a quem cabe o maior prejuízo causado por esses falsos e desvalorizados elogios? Aos atores e atrizes, diretamente. E' bem verdade — registre-se até com satisfação — que vários dos nossos artistas não se deixam levar por adjetivos tolos e frases bolorentas. Mas, verdade, muitos há que vão á ponta da lua, quando escutam seu nome precedido ou procedido de elogios.



D. Jorges Caminha.

Compenetrem-se os artistas que o elogio só tem valor, só é justo quando ditado com franqueza, com precisão, com serenidade. E, acima de tudo, por quem entenda do assunto.



America Cabral.

E isso é um mal. O artista se envaldece, porque a vaidade é humana, e orgulha, porque a época é dos orgulhosos e dos cabotinos. E que perde é o teatro. O ator, crente de que já é uma perfeição, relaxa-se. Já não precisa ter tanto cuidado, já pode facilitar a atenção do ouvido, esquece a noção da responsabilidade, já pode enfim repousar sobre o falso cartaz que possui.

E aí daquele que se arriscar a notar-lhe uma falha. E' apontado como inimigo ou derrotista.

Precisamos acabar com o falso elogio. E' necessário valorizar os qualificativos, dando valor justo às palavras. Mas não é fácil terminar com a classe de bajuladores que age junto aos artistas. Estes, no entanto, bem poderiam se encarregar das medidas aconselháveis para o combate. Fazendo "ouvido de mercador" às idiotices desses grupos que invadem os camarins. Sorrindo sim, ou apertando a mão a todos os abraços, mas conservando a consciência, o espírito de auto-crítica, rigoroso, não se deixando levar por apreciações de quem não conhece teatro um palmo além dos olhos.

Lábios preciosos
como joiasMODELO
VICTORIA

As mulheres que usam VANESS fascinam com seus lábios delicadamente pintados.

Se o baton que V. usa não empresta a seus lábios esse encanto vital que conquista a admiração de todos os homens — experimente o baton VANESS.

A superioridade do VANESS consiste em sua base de "Creme-Veludo", que nunca resseca, conservando indefinidamente o frescor e a suavidade dos lábios — preciosos como joias.

Van Ess
Baton - Rouge
P6

E em São Paulo...

e sempre agradável uma visita
aos Maiores Estabelecimentos
de Modas do Brasil

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131



A SOCIEDADE DOS SISIFOS

DJALMA MACIEL

ORA até que enfim estão reunidos sob uma bandeira associativa os cronistas de radio da metropole. A coisa chama-se Departamento de Imprensa Radiofonica e, ao que se sabe, ao menos por enquanto não cuida de realizar almoços e homenagear os Mangione, editores de sambas... por isso, logo fui informado de que seria assim — para reunir a classe em torno de reivindicações serias — dei a minha adesão. Mas tal não importa em que se diga por aí estar reformada a minha velha opinião sobre as possibilidades de acordo completo entre os escribas do assunto. O D. I. R., nascido da experiência dos cronistas esportivos cariocas, é uma necessidade de defesa profissional e é um estímulo à prática da solidariedade, base e essência do mundo de amanhã. Espremidos entre a ética dos interesses das empresas jornalísticas onde trabalham e a animosidade irremovível dos senhores do éter, estes inimigos da crítica por princípio, andam os colunistas de *broadcasting* fundibulando erros, dispersivamente, sem a menor consciência de apoio individual e coordenação de princípios na luta pelo objetivo comum, que é o aperfeiçoamento artístico, material, administrativo e moral da radiofonia brasileira. Assim estamos votados a uma tarefa de Sisifo. E procuramos chifre de boi em cabeça de burro... Mas o que é muito curioso — divertimo-nos extraordinariamente com isso...

A principal função do D. I. R. deve ser, naturalmente, a coordenação desses esforços, o estabelecimento de um *statu* de amparo mutuo e a instituição do hábito muito salutar da convivência, do respeito recíproco, do acatamento aos pontos de vista críticos de cada um.

Mas poderá acontecer tudo isto em meio de um regime economico dispar, como o que preside aos interesses particulares dos cronistas radiofonicos? Acreditem ou não, julgo que nesta historia o sucesso do Departamento de Imprensa Radiofonica está nas mãos do sr. Lopes Gonçalves, que sendo membro da "turma" da novel organização, talvez ao sair esta cronica já esteja no exercicio de uma função de controle capaz de suprimir o abismo de contradições existente entre a mentalidade dos simples criticos, isto é dos criticos que apenas escrevem na Imprensa e a humanissima cautela de que se revestem as opiniões dos cronistas *doublés* de redatores de estações de radio... E quem quiser saber mais pergunte ao proprio Lopes Gonçalves...

De minha parte, não havendo a repetição dos premios em bronze para os Mangiones, contribuirei de boa vontade na subsistencia do D. I. R., colaborando quanto, como e quando quiserem os meus irmãos em Sisifo afim de implantarmos ali dentro uma mentalidade esclarecida no sentido da

Alô... Alô...

— Entrou em sua 2.^a fase o excelente programa com que Almirante vem selecionando, ao microfone da Nacional, dois novos autenticos valores interpretativos de nossa musica popular. O Campeonato Brasileiro de Calouros é, realmente, uma iniciativa seria, merecendo por isso o estímulo de quantos pretendem um radio decente e util à coletividade.

— Voltou ao ar o programa "Hora do Brasileirinho", dedicado às crianças das escolas primarias. Coincidindo o seu reaparecimento com a comemoração da "Semana da Criança", a transmissão de *rentrée* foi apresentada como um dos numeros comemorativos daqueles dias de festa infantil.

— Eduardo Brown, que no tempo de *A Nota* foi um dos mais combativos cronistas radiofonicos sob o

camaradagem e do respeito profissional, e da ausencia de choque de ambições. O que tambem não inculca que por amor ao D. I. R. eu vá apertar carinhosamente os gadelhos de algum inimigo certamente arregimentado no mesmo quadro social!...

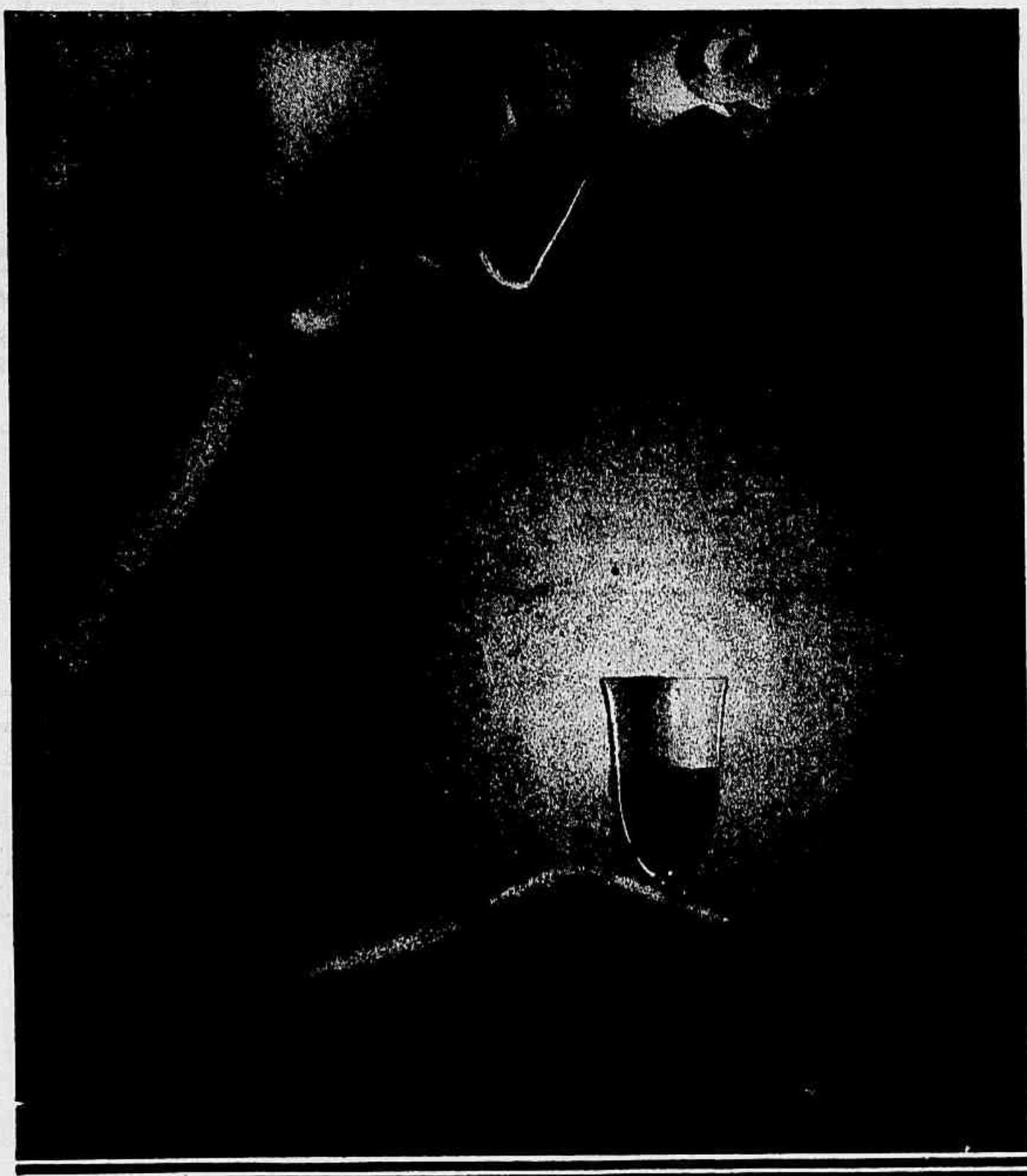
pseudonimo de Mister Brown, voltou às atividades de Imprensa, focalizando seu velho assunto em diversos jornais.

— De passagem para São Paulo, onde atuará em uma das grandes estações locais — possivelmente a Record — esteve alguns dias no Rio a cantora Maria Davila, da Radio Inconfidencia de Minas Gerais. Aplaudida interprete de melodias mexicanas, Maria Davila em sua volta estudará uma proposta de temporada nesta Capital.

Xavier, que por muito tempo conduziu na Radio Nacional a "Orquestra de Gaitas", está contratado pela Radio Globo, devendo fazer sua estréia ao microfone por ocasião da abertura dos novos studios da PRE-3.

Albenzio Perrone volta ao radio, após longo periodo de afastamento. O antigo cantor da antiga Educadora estreará dentro em pouco no Programa Luiz Vassalo, da Nacional.

E por falar na estação da Praça Mauá: grande perda teve ela com a saída de Mesquitinha, que vai apresentar suas notaveis "entradas" humoristicas na Rede Fluminense de Broadcasting, dirigida por Gomes Filho.



CÉREBRO ILUMINADO...

O trabalho excessivo e as preocupações cotidianas esgotam o cérebro e os nervos; daí, a cabeça pesada, a falta de memória, a dificuldade de pensar, o desânimo, o mau humor, a vida transformada num doloroso fardo...

Reponha o fósforo gasto, ilumine o cérebro, reconquiste o gosto de trabalhar e de viver!

Fraqueza cerebral, dispepsia nervosa, neurastenia, falta de memória e perda de apetite — **Neurobiol**, o tônico do cérebro!

A venda em todas as farmácias e drogarias.

Neurobiol



SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARANIQUINA

Mas Que Pancada!



A dor acalma-se prontamente, a ferida cicatriza e sara com a ajuda do Mentholatum. As mãos precavidas tem-o sempre à mão, para queimaduras, cortes, pancadas e constipações

MENTHOLATUM



Depois da Guerra – Sabonete PEARS!

O Sabonete Pears, que há mais de um século e meio se colocou ao serviço da Beleza, deixou de ser temporariamente fabricado, porque está colaborando, com alguns de seus ingredientes, ao vital esforço de guerra das Nações Unidas. Contudo, assim que estiver findo o atual conflito, o Sabonete Pears voltará a proporcionar aos seus milhares de consumidores, aquelas mesmas qualidades que o tornaram famoso no mundo inteiro!

SABONETE

Pears



...voltará com a paz!

LINTAS PWB 6-0367

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante



Modas

ESTILO ESPORTIVO, COM ENFEITES DE DEBRUM BRANCO E GOLA BRANCA, BOLSOS EM FORMA DE AVENTAL DO FRANZIDO DA FRENTE DA SAIA, BOTÕES COBERTOS.

ENFEITADO COM RECORTE DA MESMA FAZENDA, SAIA COM GRANDES PREGAS MACHO; O BOLEO EMBUTIDO. GOLA BRANCA.

MUITO GRACIOSO ESTE VESTIDO DE SEDA ESTAMPADA. A BLUSA TEM UM BOLERO DEBRUADO DE FITA E PRESO NA BLUSA. SAIA GODET SOBRE UMA PALA CAINDO EM GODETS-GOMOS NA FRENTE.

VESTIDO ELEGANTE, EM AZUL MARINHO COM BARADINHOS PLISSADOS DA MESMA SEDA.

VESTIDO DE LINHO COM A FRENTE EM PREGAS, E BOTÕES NA BLUSA; A SAIA TAMBÉM É PREGUEADA NA FRENTE, PREGAS PRESAS ATÉ EM BAIXO.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

A nossa Capa

Muito esplendida figura feminina, e com a beleza de Hollywood, sorri na capa deste número. Janet Blair, jovem e encantadora "estrela" da Colúmbia, não terá ainda marcado grandes "performances" em sua carreira; todavia, convém lembrar que esta se iniciou recentemente. Por isso mesmo, tudo é lícito esperar da artista, que por enquanto possui o seu nome ligado preferentemente às manifestações de ele-



gância e moda. Em outras páginas, no texto, nossas leitoras irão encontrar um grupo de excelentes figurinos posados ainda por Janet Blair, em modelos trabalhados por mão de mestre, dos mais convidativos, aliás.

Neste mesmo número, podemos destacar a momentosa questão do problema residencial, em outra grande reportagem da série que, viçosamente, a REVISTA leva a efeito presentemente: "O martírio dos que procuram casa", é o seu título.

Não! VOCÊ NÃO É UM FRACASSADO de há muito você procura...

...descobrir um remédio para esse mal que o deprime moral e fisicamente por não a sociedade. CATUASE COMPOSTA é o remédio preparado com um grande vegetal de nossa flora, cujas propriedades estimulantes e vitalizadoras em combinação com o alicóide da "toimbehô" e hormônios cerebrais e testicular, agem rapidamente no combate à debilidade neuromuscular - viril, astenia (fraqueza nervosa), de ânimo... Não encontrando na sua farmácia, peça ao depositário. Caixa Postal, 1874 - São Paulo.

CATUASE COMPOSTA

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento, com ótimos resultados, das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio, que para hemorroidas internas e VARIZES deve ser tomado na dose de 3 colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não o encontrando em sua farmácia peça ao depositário. CAIXA POSTAL 1.874 (UM-OITO-SETE-QUATRO) S. PAULO

HEMO-VIRTUS

Brasileiros em luta

[Continuação da pag. 5]

problemas sociais e políticos, que ameaçavam a paz fictícia de 1918.

A Conferência de Dumbarton Oaks, recentemente realizada no Canadá, veio agitar alguns pontos fundamentais da futura estrutura universal.

Desde agora, podemos assegurar que um maior senso da realidade vem norteando estas conversações de paz.

Assim é que a "Carta das Nações Unidas" estabelece a criação de uma força armada internacional, capaz de garantir o cumprimento das decisões do

organismo que substituirá a finada Liga das Nações.

Realmente, depois que se verificou a inoperosidade do extinto organismo de Genebra, depois que se viu a sua impotência para intervir eficientemente nos casos de agressões a países fracos como no caso da invasão da Abissínia pela Itália não seria possível incorrer no mesmo erro.

Inegavelmente, a Conferência de Dumbarton Oaks foi a mais importante reunião de todas as que até agora se reuniram para planejar a paz.

Os corpos principais desse novo organismo internacional são: uma Assembleia Geral das nações, um Conselho de

Segurança, uma corte de Justiça Internacional e uma Secretaria.

Cinco grandes potências terão lugar de destaque nas decisões dessa organização: Estados Unidos, Inglaterra, Rússia, China, e futuramente a França.

Como serão tratadas as potências menores? Que papel terão elas na "Carta das Nações Unidas?"

Agora que os nossos soldados juntam o sacrifício do seu sangue ao do sangue dessas grandes potências, na luta contra o inimigo comum, agora que todo o nosso povo sente as consequências da guerra da modo tão agudo como estas grandes nações, cabe-nos o direito de opinar e defender os nossos interesses nesta organização.



ADQUIRA A VITALIDADE DE UM INDIO



A razão da resistência dos índios está na sua alimentação, sobretudo nos atributos insuperáveis

do guaraná, fonte de saúde, de energia e de vigor, ao alcance de todos, na deliciosa bebida - Guarana Champagne



3 COPOS EM UMA GARRAFA



MATERIA PRIMA De primeira qualidade HIGIENE ABSOLUTA PERFEIÇÃO TÉCNICA

Guarana Champagne

É UM PRODUTO DA ANTARCTICA

Continental

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNCIONA ATÉ ÀS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDEGA, 50



antisséptico
adstringente
bactericida

O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos

REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA



INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro cabeludo

Livros

GRANDES SOLDADOS DO BRASIL, biografias e narrativas por Lima Figueiredo, 3.^a edição, com desenhos à pena de Alberto Lima e policromias de Loureiro — Rio de Janeiro, 1944.



O êxito alcançado por este livro do tenente-coronel Lima Figueiredo já se estende à terceira edição. E sem dúvida irá mais longe. O autor o enriqueceu agora de novos dados e observações, novas revelações e comentários. Assim o interesse da obra se renova para aqueles que já a possuem mas não de querer conhecê-la e pô-la na estante na sua forma definitiva. E como o seu valor, quer documental quer literário em geral, se elevou, logicamente este terceiro triunfo excederá os anteriores. E' justamente para isso que se fazem as edições correctas e aumentadas.

O sr. Lima Figueiredo deu às figuras dos seus panegíricos cognomes que logo constituem a definição mais eloquente e o mais alto louvor. Aos cinco primeiros vultos qualifica-os de patronos: Caxias, do Exército; Sampaio, da Infantaria; Osório, da Cavalaria; Mallet, da Artilharia; Vilagran Cabrita, da Engenharia. Veem depois: Andrade Neves, o vanguardeiro; Barbacena, grande figura do Império; João Procópio, o escravo do dever; Porto Alegre, o bravo de Curuzú; Tibúrcio, a bravura em pessoa; Antônio João, o destemido de Dourados — e assim por diante. São agora vinte e quatro heróis que desfilam, contando a sua acção gloriosa, dando a grande lição do seu exemplo às gerações que não de vir. Em todas estas páginas se sente o respeito profundo, misturado de entusiasmo, dum militar celebrando a vida e os feitos doutros militares ou de homens que pela carreira das armas alguma coisa fizeram de grandioso e duradouro. Outros capítulos, tais como *Coimbra e seus heróis*, *Mártires da aviação*, *Quatro grandes batalhas ganhas por Caxias*, agrupam e envolvem em estilo de consagração nomes daqueles que nobremente lutaram, e venceram ou morreram, pela causa da Pátria. E sempre o mesmo espírito e o mesmo sentimento prevalecem, levando-nos, ora exaltada ora comovidamente, até a última página.

Os desenhos à pena — retratos, panoramas, combates — do Sr. Alberto Lima e as policromias do sr. Loureiro superiormente confirmam os créditos dos dois artistas.

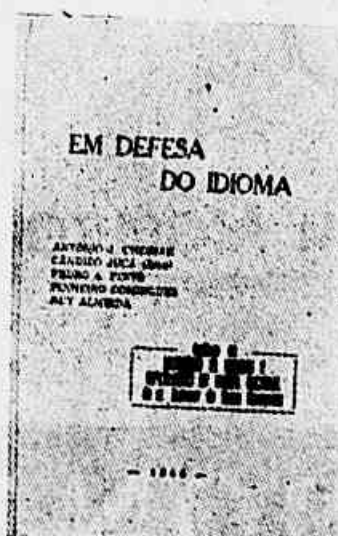
A AVENTURA DAS DOZE CADEIRAS, romance da parceria Ilya Ilf — E. Petrof, tradução de Milton Tavares. — Rio de Janeiro, 1944.



E' uma história, não curta, mas leve. Se, pois, está fóra do velho preceito francês: *les plus belles histoires sont les plus courtes*, não chega a parecer longa de mais nem dá nunca a impressão de pesada. Ilya Ilf e E. Petrof, ambos já falecidos, constituíram nas letras russas uma "dupla", como se diria em linguagem esportiva, análoga à que formaram em França, além dos aristocráticos, requintadíssimos irmãos Goncourt, os irmãos Rosny, Marguerite, Thaulud, Leblond. Sem serem parentes, a literatura os imitou como, ainda em França, a Robert de Flers e G. de Caillavet, Georges Berr e Louis Verneuil etc. Da identidade dos espíritos resultou entre Petrof e Ilf a mais legítima fraternidade. E neste romance, dialogado na sua maior parte, especialmente a tendência comum para o estilo ligeiro e sorridente se havia de afirmar e tornar vitoriosa.

O entrecho poderia ser contado como uma anedota. Trata-se dum nobre russo que, tendo perdido a riqueza com a revolução, mora numa cidade de terceira ou quarta ordem, onde, mais ou menos adaptado ao regime soviético, passou a exercer um emprego modesto e a viver, tanto quanto possível, resignadamente. Acontece, porém, que sua sogra, sentindo a morte próxima, lhe revela ter escondido uma verdadeira fortuna em joias, pedras preciosas, no assento estofado duma das doze cadeiras que faziam parte da mobília do salão principal do seu velho palácio assaltado pelos bolchevistas. Sim, numa das doze... Mas qual? Para a descobrir, abandona o fidalgo a existência tranquila que levava e mete-se numa série de aventuras entre sensacionais e divertidas. Afinal vem a saber casualmente que o tesouro, encontrado por acaso também, foi convertido num clube de luxo, com todos os confortos modernos. E acabou-se a história.

EM DEFESA DO IDIOMA, críticas ao "Dicionário de Dúvidas e Dificuldades do Idioma Nacional", de Antenor de Veras Nascentes, por Antônio J. Chediak, Pinto e Almeida, Cândido Jucá (filho), Pedro A. Pinto, Pinheiro Domingues e Ruy Almeida — Rio de Janeiro, 1944.



Bem recentemente, a propósito da obra póstuma de Mário Barreto *Últimas lições*, aqui notávamos como esse sábio tão calmo, cordato e complacente, se distinguia da maior parte dos peritos em filologia e gramática ciosos e susceptíveis ao extremo, capazes de, por divergências para nós ligeiras ou de fácil conciliação, se atirarem uns aos outros, como feras. Não pensávamos então que, dentro dalguns dias, novo livro nos forneceria vasto exemplo daquela tendência magistral para a birra e a agressão. Não basta, com efeito, a tais colegas o recurso de escapar, pelo silêncio ou certa reserva, às obrigações impostas pela lei da solidariedade. Timbram em demonstrar como uns aos outros se consideram pedantes sem base e ignorantes sem mistura. Constituem positivamente aquilo a que o bom povinho, referindo-se a bem diversa categoria de indivíduos, chama classe desunida...

No presente volume, nada menos de seis confrades se uniram pelo vínculo da aversão colectiva para descadeirar o sr. Antenor Nascentes. Meia duzia contra um. Não lembra isto o tão pitoresco, tão anedótico motejo dos nossos antepassados: "sete altaíes para matar uma aranha"? Qualquer dos adversários do sr. Nascentes se refere a ele em termos que denotam o desdém de o liquidar como autoridade na matéria e até se diria que, pessoalmente, lhe dar cabo do canastro. Não diremos, quer por amor à sinceridade quer por amor ao pelo, que o autor do "Dicionário de Dúvidas e Dificuldades" deva ser considerado ao abrigo de reparos ou positivas corrigendas. Só aquilo de chamar ao idioma que se fala no Brasil "nacional" por não querer dizê-lo "português" e reccar adjetivá-lo de "brasileiro", merece, se não uma palmatoada,

Nova

pelo menos um sorriso. Mas os comentadores do dicionário não estão com meias medidas. Não são generosos nem sequer justos. Pelo aturado, o forçado estudo a que consagrou a sua existência, pelo estígio que conquistou e que ninguém, sem ele merecer, lhe conferiria; pelas funções que exerceu na literatura e no magistério nacionais; pela própria dignidade da pessoa, pode o sr. Antenor Nascentes ser discutido, contraditado; não o deveriam, porém, atacar sem respeito. E estes comentadores vão às do cabo. Assim, francamente, também é de mais.

O sr. Antônio J. Cnediak, relativamente suave, diz do seu colega, entre outras coisas: "De fato, o sr. Nascentes está atrasado de século e tanto; por seu modo de compreender a língua, estagnou-se nas 'rabugices fradesas do monge de Tibães'". O sr. Pinto e Almeida, para começar: "Lê-se com tristeza o livro recém-publicado pelo sr. Antenor Nascentes, livro que é, sem a menor dúvida, muito ruim, péssimo". O sr. Candido Jucá Filho logo de entrada: "Pode parecer (o Dicionário em questão) que é destinado a tirar dúvidas ou resolver dificuldades. Mas não. O Autor, que, além de notável filólogo, é eminentíssimo humorista, fez obra de espírito, produzindo esta coisa jamais pensada, jamais realzada, que é um dicionário de criaturas e de incrementar as dificuldades da língua pátria". Opina o sr. Ruy Almeida: "... não atingiu o sr. Nascentes o fim e o fimado, porque muita vez, querendo tirar dúvidas, criou-as, fazendo não só lastimável e infusão, e mo também ensinando quase sempre erradamente, o que se torna imperdoável num professor de linguagem". Observa o sr. Pinheiro Domingues, certamente de todos o mais benigno: "Entremos na cela de Frei Tomás... O sr. Nascentes ensina uma coisa e pratica outras". E o sr. Pedro A. Pinto, para não irmos mais longe, intitula a sua crítica "Um livro que deseduca".

Insigne e pobre sr. Nascentes... Enfim, o diabo queira ser filólogo nesta terra!



OS MAIS BELOS CONTOS TERRORÍFICOS, traduções dos srs. Cruz Cordeiro, Gilberto Galvão, Manoel R. da Silva e Frederico dos Reis Coutinho — Rio de Janeiro, 1944.



Logo a seguir a *Os mais belos contos humorísticos, satíricos e farsas*, aqui temos *Os mais belos contos terroríficos*. Já antes havia *Os mais belos contos de amor*. Os nossos editores encenaram um veio realmente fácil de aproveitar, até no sentido dos direitos de autor, e, por assim dizer, inexaurível. Tem à sua disposição toda a literatura antiga e moderna, sem esquecer a da Idade Média. E, como as traduções também lhes devem sair em boa conta, eis-lhes juntando à sua indústria mais uma opulenta mina, de exploração azada e lucro certo. Que Deus os proteja — e aos escritores nacionais não desampare!

O presente volume, que vai a cerca de trezentas e cinquenta páginas, reúne vinte e dois nomes dos mais notáveis do gênero arrepiante, horripilante, ou em todas as categorias literárias. Os amantes de sensações fortes encontrarão por aqui farta fartos elementos com que satisfazer a sua paixão. As invenções mais pavorosas, patéticas a ponto de atingir a alucinação, se lhes oferecem nestas histórias de crime, de infortúnio, obsessão, pesadelo e morte. Não poderiam faltar, em tal colectânea, os mestres supremos na arte do *frisson*: Hoffmann e Edgar Poe. Justamente eles se nos deparam antes de quaisquer outros: o primeiro com a novela de êxito universal *O viúvo de Crenônia*, o segundo com a história do *Enterramento prematuro*, de que Raimundo Correia se teria talvez lembrado nas estrêfias magníficas onde surge a onomatopéia que toda a gente sabe de cor: "E cada pá de terra..." Entre os outros autores mais ou menos célebres, mais ou menos ditosamente traduzidos, estão Rudyard Kipling, Anatole France, Guy de Maupassant, Conan Doyle, H. G. Wells, Villiers de l'Isle Adam, Jean Richepin, Henry Kuttner, Amado Nervo, Charles Farrère, Gaston Leroux... Certo é que esses contos poderiam ser entremeados, e até alguns substituídos, sem deslouro ou qualquer prejuízo do conjunto, por exemplo pelas *Porcos*, de D. Júlia Lopes de Almeida, *Fertilidade*, de Coelho Neto, *O Castigo*, de Aluizio Azevedo, *A barriada*, de Pedro Rabelo... Mas paciência. O seu dia cegará!



MESTRE ANTONIO FRANCISCO, o Aleijadinho, biografia e fotografias, por R.A. Freudenfeld — São Paulo, 1944.



O sr. R. A. Freudenfeld oferece-nos, neste texto apreciado trabalho de resumo ou condensação. Tendo comparado e confrontado numerosos autores, entre os quais José Mariano Filho, Afonso Arinos de Melo Franco, Manoel Bandeira, Augusto de Lima Júnior, José Caspary, viu-lhes as suas pequisas, bem e mo as suas conclusões ou juízos próprios, de maneira a dar ideia bem sucinta mas suficiente da família de Antonio Francisco, da sua educação, das suas obras de artista e também dos males que tão cruelmente o afligiram e tão comovedora feição ficaram ajuntando à perpetuidade da sua glória. Assim, em menos de um quarto de leitura, aqueles que pouco ou quase nada souberam da vida íntima e das realizações do Aleijadinho receberão, dada por estas páginas, uma lição que deveras os instruirá e, efeito entre todos louvável, lhes inspirará imenso desejo de ir ver onde estão — Ouro Preto, Sabará, Congonhas do Campo, São João d'El Rey — para admirar com o espírito e agradecer com o sentimento aquelas criações, algumas das quais, como a abóboda do mestre cego Afonso Domingues celebrada por Herculano nas *Lendas e Narrativas*, eram a dar a impressão de milagres.

Não escaparam, nem podiam e capar, ao sr. Freudenfeld as incertezas ou divergências dos comentadores quanto à autenticidade de certos trabalhos atribuídos ao mestre Antonio Francisco. Nestes casos, procurou ele aproximar-se, tanto quanto possível, da pura verdade. Intervieram aí, além da sua ilustração, a sua inteligência, o seu critério, o seu gosto. E é evidente que a sua permanência nos lugares onde ficou assinalada aquela peregrina inspiração foi muito mais longe do que exigiria a tarefa de tirar fotografias.

São estas em número de 89. E entre elas figuram, além das principais monumentais legadas pelo Aleijadinho à arte brasileira, a casa onde ele nasceu, em Sabará, e trechos panorâmicos de várias cidades.

J. L.

REVISTA BRASILEIRA DE GEOGRAFIA

Recebemos o n.º 4, do Ano V, correspondente ao período de Outubro a Dezembro de 1943.

Traz, como sempre, assuntos interessantes, destacando-se, entre todos, o estudo sobre o território do Jalapão.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues



SERVE UM BEM BARATINHO!

Não! Não inicie suas gengivas. Você pagaria milhões para tê-las rosadas e saudáveis. Isto lhe sai mais barato, usando Lever S.R.

SERVE UM BEM GOSTOSO!



Não! Pão de mel, só na confeitaria! Nele, gosto é tudo. Mas um bom dentífrico deve unir ao sabor o poder de proteger os dentes. Lever S.R. tem ambos.



SERVE QUALQUER UM!

Não! Pegar "qualquer" bonde é correr risco de tomar o errado! Assim, também, na escolha do seu dentífrico. Para garantir um sorriso lindo, peça Lever S.R.



-Eu uso
Lever S.R.

É ASSIM QUE SE ESCOLHE!

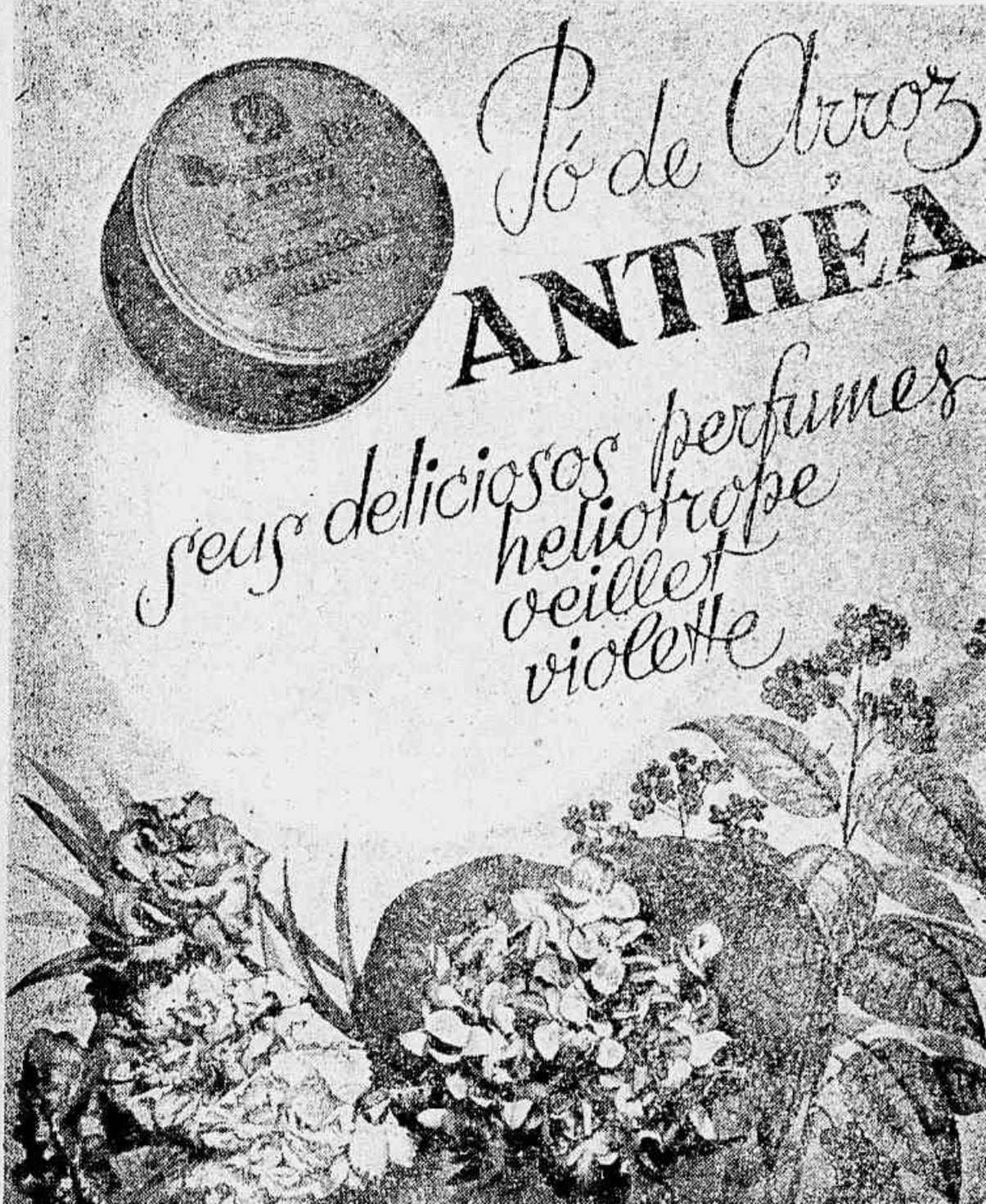
Que dentífrico completo! É refrescante, gostoso e econômico! E não é só: tem Sódio-Ricinoleato, o poderoso elemento que assegura a saúde das gengivas, mantendo os dentes fortes e bonitos. Eis porque Lever S.R. mantém dentes brancos... mantém os dentes!

MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

LINTAS SR. 106-0100

REVISTA TAQUIGRAFICA

Temos em nossa mesa o último número da Revista Taquigráfica, órgão oficial da Federação Taquigráfica Brasileira. Sob a direção dos professores Oscar Diniz Magalhães, Frederico Silva e Fuad Abila, a publicação em apreço apresenta uma variada e interessante colaboração.



Pó de Arrós
ANTHEA
*seus deliciosos perfumes
heliotrope
veillet
violette*

ROGER & GALLET



Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



Loção DISCRETA
CONTRA CASPA

Rua Flack, 153 — Rio
T. 29-2840

Mmes. EVA E SYLVIA
JUNGERMAN COSTA
(Ex-auxiliares de Mme. Campos)
TRATAMENTO DE BELEZA
Rua Ouvidor 138-1.º Tel. 42-8775
Insc. S. N. F. M.

1 — DE UMA SIMPLICIDADE ENCANTADORA É ESTE VESTIDO EM VERMELHO CEREJA COM ORIGINAIS BOLSOS EMBUTIDOS E O CINTO FORRADO DE SETIM EM TOM MAIS CLARO. PALA E BOLSOS PESPONTADOS. 2 — BONITO VESTIDO EM CREPE ESTAMPADO CICLAMEM COM GEORGETTE LISO. 3 — ORIGINAL COSTUME EM CREPE DE SEDA ESTAMPADO. A SAIA TEM DUAS PREGAS PRESAS E PESPONTADAS, O CASAQUINHO TEM UMA TIRA ENFEITADA COM BOTÕES DE FANTASIA.

**ALGUNS
MODELOS**

4 — TOILETTE EM RENDA HAVANA-TIJOLO, COM VIEZES DE GEOMETRICO, APANHANDO OS FRANZIDOS DOIS GRUPOS.
5 — ORIGINAL CASAQUINHO EM SETIM VERDE AVIAÇÃO COM BOTÕES E LAÇOS.

BRONZISOL
ANTISOLAR
De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

Auto-entrevista sobre o teatro nacional

(Continuação da pág. 3).

prito. Pelo teatro, por exemplo. O nosso milionário adquire cavalos de corrida, joga "piff-paff", constrói palácios mas não se lembra, nunca, de edificar um teatro, de se fazer patrono das artes. Todos os anos, no Rio de Janeiro, são edificadas algumas centenas de "arranha-céus", no centro urbano e nos bairros. Algumas vezes, os proprietários desses monstros de cimento armado chegam a construir cinemas, no primeiro andar. Teatros, nunca. No edifício São Borja, os proprietários estragaram um magnífico espaço, no sub-sólo — espaço que teria dado para a construção de um bom teatro — ali preparando instalações para "dancings" baratos. Onde estão os continuadores de Pascoal Segreto e de Francisco Serador? Por que um homem, com os recursos e a capacidade de realização do Sr. Luis Severiano Ribeiro, não constrói ao menos um grande e moderno teatro no Rio de Janeiro — grande e moderno como alguns dos cinemas que ele tem dado à cidade?

Inquiro-me sobre outros aspectos do problema e apresso-me a responder:

— Outro problema abordado na "távola redonda" de "O Jornal" e que merece ser comentado é a questão do ensino do teatro no Brasil. O ensino do teatro devia fazer parte do programa universitário e das próprias escolas secundárias. Nos países em que a educação alcançou o mais alto grau de desenvolvimento, — os Estados Unidos, por exemplo, — o ensino do teatro está largamente difundido. Não há "high school" ou "college" que não possua o seu grupo dramático. Os próprios alunos escrevem peças, pintam cenários, cuidam da iluminação, desenvolvendo assim, em muitos casos, penicões artísticos que merecem ser cultivados. Muitos dos autores de maior nomeada dos Estados Unidos começaram suas atividades escrevendo peças escolares. Muitos atores e atrizes hoje famosos começaram o seu aprendizado nas "high schools". O teatro é um excelente auxiliar do ensino de história. As dramatizações de episódios históricos se fixam facilmente na memória dos estudantes. Além disso, as representações curam muitos jovens de uma timidez que lhes seria prejudicial na vida prática, desmancham complexos de inferioridade, corrigem gostos e atitudes erradas, em suma aparelham melhor um indivíduo para vencer. Mesmo que eles não desejem fazer carreira no teatro, muito terão a lucrar com esse ensino.

Serão, sobretudo, bons espectadores, com uma capacidade de julgamento acima do público comum.

— E que me diz do Curso de Férias de Teatro, realizado no Fenix? — pergunto.

E se perguntei, com a mesma presteza respondi: Não só na "távola redonda", como no Curso de Férias de Teatro, promovido por Pascoal Carlos Magno no Teatro Fenix, esteve em foco a questão do "teatro de nível elevado", do "teatro intelectualizado" e do "teatro popular". Falando como empresário, o Sr. Jayme Costa declarou que havia tentado, antes de qualquer outro, o "teatro intelectualizado" no Brasil, dando entre outras obras a primeira peça de Prandello que foi representada no nosso país, — "Cosi... se vi pare". O público não tomou conhecimento da sua iniciativa. Ou, melhor, repeliu-a. Em 1939, estreiei o Sr. Jayme Costa com uma peça bem escrita, interessante, tendo como tema a transição da Monarquia para a República. O autor foi o Sr. Mello Nobrega, a quem a Academia Brasileira de Letras acabava de conceder um prêmio literário. O público deu de ombros. Ninguém foi ver a peça. Desorientado com a indiferença da platéia, monta o Sr. Jayme Costa uma farça, "A pensão de Dona Estella". E a farça permanece quatro meses no cartaz, com casas esgotadas. Isso provará contra Jayme Costa? Ou contra o público? Não quero justificar o Sr. Jayme Costa — é eu próprio estranho que esse ator de real talento, que é também empresário, dê por vezes peças que chegam a ser calamitosas. Mas os fatos são fatos. O que me parece justo é que haja companhias para todos os gostos, dando peças de todos os generos, umas explorando o teatro elevado, outras o teatro popular. Querer reformar o ambiente teatral "á outrance", impondo um programa cultural — digamos, á Senhora Alda Garrido, de quem me confesso ardente fan — e querendo que ela faça o mesmo teatro que Duleina faz, é um rematado absurdo. Quem tiver pruridos intelectuais, quem sonhar, com Gaston Batty e com o Teatro de Arte de Moscou vá a Paris e á Rússia, em vez de ir ao Rival Alda Garrido está no seu elemento em "A pequena da marmitta" e não em "Maya" ou no "Paquebot Tenacity".

— De que falou você, no Curso de Férias de Teatro?

— Falei sobre "teatro e moral" — declarei. — Procurei mostrar os equívocos da Censura Teatral, mesmo em países com fama de liberal, como a Inglaterra, onde "A profissão da Senhora Warren", de Bernard Shaw, esteve proibida durante trinta anos, sob o ridículo pretexto de que ofendia a moral, só sendo afinal liberada depois do seu ruído sucesso nos Estados Unidos. O mesmo aconteceu na Inglaterra com a peça de Noel Coward, "Design for living", também só aprovada pela puritana censura britânica depois de representada e filmada nos Estados Unidos. Na França, peças como "Marion De Lorme", de Victor Hugo, estiveram proibidas durante anos. Mais tarde, liberadas, se integraram no repertório obrigatório de Comédi Français. Hoje parece surpreendente o fato de que tais peças tenham sido proibidas. No Brasil, há limitações que, de certo modo, impedem aos autores a franca discussão de certos temas. A peça "Deus lhe pague", de Joracy Camargo, sofreu uma proibição de quatro anos. A peça "O gosto da vida", da senhora Maria Jacinta, embora premiada pela Academia Brasileira de Letras, como uma obra pela alta valia literária e artística (entre parentesis, foi Jayme Costa quem revelou ao público essa brilhante autora) foi violentamente arremada do cartaz, alguns dias depois de estraiada. Citei, então, como demonstra-

ção de liberalidade, no domínio literário, o exemplo dos Estados Unidos, onde não existe censura teatral de espécie alguma. A sociedade está protegida contra a obscenidade e a licença pelo Código Penal, que regula a conduta pública de quaisquer indivíduos. Ninguém mutila uma obra literária em nome das conveniências morais ou políticas, ou, melhor, de preconceitos. E muito menos se permite que, depois de censurada, uma obra carimbada e aprovada, seja ela no dia seguinte cortada a seu bel-prazer por um simples comissário de polícia, que se constitui, assim, em super-censor... E isso é coisa frequente nos nossos teatros.

— Ouvi dizer que, no Fenix, alguém achou que você tinha feito um grande dano ao teatro escrevendo uma farça. É verdade?

— Tem razão, meu caro! respondi, indulgentemente. — Tem razão. Quando se abriu o debate, no Curso de Férias de Teatro, mal acabara eu de explanar o tópico "Teatro e moral", procurando demonstrar que o verdadeiro teatro é, por excelência, moral e moralizador, — um jovem, da platéia, me fez uma curiosa interpelação. Queria que eu lhe respondesse porque, tendo eu escrito peças como "Carlota Joaquina" e "Um Judeu", desci ao ponto de escrever coisas como, por exemplo, "Família Lero-Lero". A minha resposta foi concisa e franca. Escrevi "A Família Lero-Lero" por estar convencido de que estava trazendo para o teatro uma coleção de tipos tão reais e tão vivos, quanto o eram D. João VI, Carlota Joaquina, Pedro I, e o Chulaça. Em segundo lugar, porque não me envergonho de fazer graça e de escrever para o teatro popular. Essa farça, que na expressão de um dos defensores do "teatro de cultura", é "um insulto ao teatro nacional", foi escolhida pela direção do Colégio Pedro II para ser representada no Ginástico pelos amadores desse estabelecimento de ensino. E foi dada, sob o título de "O calcanhar de Aquiles", dirigida pelo professor Adueto Filho e tendo como intérprete do papel central o admirável José de Magalhães Graça, que fez a "Escola de Maridos" com "Os Comediantes". Quem me solicitou a peça para esse espetáculo foi o professor Manuel Bandeira, poeta ilustre e membro da Academia Brasileira. Henro-me de ter tido entre os meus espectadores figuras como Gilberto Freyre, que espontaneamente declarou haver gostado muito da peça e achado que os tipos eram muito vivos e muito cariocas. Se a farça em questão era um insulto ao teatro nacional, pelo menos duzentas e quarenta mil pessoas, — a oitava parte da população do Rio de Janeiro, se associou a esse insulto, tornou-se cúmplice do autor... No Teatro Rival não havia claque e o empresário Jayme Costa colocava o público à vontade para vaiar a peça, caso não gostasse do espetáculo. E não me consta que os severos julgadores de hoje tivessem manifestado sua desaprovção. Ou será que eles não viram a peça e estão julgando a "bicha" por ouvir dizer?

Quatro meses de duração de "A Família Lero-Lero" no cartaz provaram que havia mais gente disposta a ver essa farça do que a ver "Um Judeu", obra mais difícil de realizar e até hoje representada apenas por duas companhias estrangeiras, — a portuguesa Amélia Rey Collaço-Robles Monteiro e a espanhola Ernesto Vilches-Antonia Herrero (em Buenos Aires). Escrevi comédias dramáticas, como "A indesejável", que chegou a ser ensaiada por duas companhias, sem nunca ter sido representada, e obras históricas como "O imperador galante", que está há cinco anos nas gavetas dos empresários, devido às dificuldades de guarda-roupa e de montagem. Sou um homem prático. Não quero malhar em ferro frio, escrevendo aquilo que o público parece não desejar e que os empresários refugam. Farça tem escrito muita gente boa. E o fato de ter escrito farças não impediu que Benavente conquistasse o prêmio Nobel.

Não contem comigo para fazer o chamado "teatro poético" ou o "teatro de grande literatura". Mesmo porque não acredito em teatro sublime, cheio de tiradas grandiosas. Teatro é naturalidade. E quem fizer um peça com tipos populares cariocas e quiser ser natural, tenha a santa paciência. Ou saia uma "Família Lero-Lero", isto é uma peça verdadeira, ou então saia uma mentira convencional, uma imitação vagabunda de literatura francesa.

— Quer isso dizer que você teimará em escrever farças se o público e os empresários o exigirem? E não renunciará a esses êxitos fáceis?

O atrevimento das perguntas não me faz titubear. E respondo:

— Confesso que me falta o estofa de reformador. O estofa e o talento. Deve ter carradas de trazo esse grunho agressivo que está gritando a plenos pulmões: "Queremos um teatro melhor! Fora os autores decadentes e estacionários! Verham peças que tenham valor real!". Quero pedir licença a esses dignos senhores para dizer-lhes apenas o seguinte: ou, por minha parte, não conseguirei nenhum privilégio na Propriedade Industrial para escrever peças. O campo está livre para qualquer um. Esses ilustres propugnadores do bom teatro, que sabem tudo, que têm vasta erudição, que podem dar lições e que são mestres da crítica, têm muito mais obrigação, do que eu, de escrever boas peças, e de elevar o teatro. Porque não lhes falta nem talento, nem cultura, nem boa vontade. Que mais poderíamos exigir desse purhido de reformadores? Escrevam eles, pois, — o quanto antes, as peças que temos o direito de esperar de tão rigorosos julgadores da obra alheia. Quando a primeira dessas peças for estraiada, eu estarei na primeira fila, para aplaudí-la, como se faz mistér, quando surge uma obra prima. E nesse dia quebrarei minha pena, para não continuar a profanar o teatro nacional com as minhas elocubrações de autor fracassado. Desde já incito, daqui os salvadores do teatro a iniciarem a formação de um repertório de peças de alto teor intelectual. Ou será que eles querem apenas dar aos outros a receita do sucesso. E' isso um excesso de generosidade que comove...

— De que carece, afinal o teatro nacional, no seu entender?

— Friso, mais uma vez, que não sou inimigo do "teatro elevado", apresso-me a declarar — Nunca perdi uma representação de Shakespeare, de Anton Chekhov e James Barrio, quando essas representações estiveram ao meu alcance; Mas o que acho é que não se pode impôr sutilmente esse teatro ao público, sem nenhuma espécie de preparação, da noite para o dia. As experiências dos "Comediantes" provaram que se pode representar uma categoria melhor de teatro e que há um público de elite para alguns espetáculos desse teatro. E' preciso que se note, porém, que as proezas dos "Comediantes" foram realizadas no palco do Municipal, que tem recursos que nenhum outro dos nossos teatros ordinariamente ocupados por companhias de comédias jamais possuiu. E' preciso que se note, ainda, que a temporada dos "Comediantes" não teve continuidade. Foi um acontecimento esporádico, que galvanizou, por alguns dias, a atenção de determinado grupo social. Não sabemos, porém, o que aconteceria, se "Os Comediantes", insistissem nessa classe de espetáculos durante um ano inteiro. Será que o público acompanharia "Os Comediantes" durante tantos meses, uma vez tivesse a iniciativa perdida o caráter de novidade e passado o barulho inicial que se fez em torno da mesma?

E' preciso que não se confunda teatro feito como exploração comercial com teatro feito por amadores. Estes têm profissões outras, podem se dar ao luxo de ser desinteressados e de fazer arte pela arte. Mas quem faz do teatro um meio de subsistência tem, evidentemente, de procurar convertê-lo em fonte de renda. E de dar peças que assegurem uma boa bilheteria. Podem as peças de teatro elevado produzir, em alguns casos, boas receitas. Mas é preciso que se tenha em conta, também, a capacidade das companhias, para realizar uma forma de teatro acima daquela que estão habituadas a realizar. Muitas dessas companhias têm limitadíssimo horizonte. Nas farças, estão bem. No teatro dramático, arriscar-se-iam ao ridículo.

O progresso do teatro, no Brasil, está condicionado á construção de novos teatros, com melhores condições técnicas; á difusão do ensino do teatro e á criação de uma escola dramática nacional, para a preparação de novos artistas, com mais alta capacidade interpretativa; á abertura de concursos literários com prêmios vantajosos destinados a atrair novos autores; o á realização, anualmente, de pequenas temporadas de "grande teatro", destinadas a ir melhorando gradativamente o gosto do público. Isso, porém, sem matar o teatro popular em benefício do teatro intelectualizado. Mesmo porque, em todos as nações, existe o teatrinho burguês e digestivo, ao lado do teatro com maiores ambições literárias e artísticas. Nunca me esqueço de que, em Nova York, ao lado do teatro onde Paul Robeson e José Ferrer davam um grandioso "Othelo" estava situada uma casa de espetáculos onde, também a quatro dólares e quarenta centavos a cadeira, era representada a desbragada farça "Three is a family", de autoria de um contraregra do teatro. E as casas estavam tão abarrotadas nessa farça quanto na tragédia de Shakespeare. Ninguém dizia que isso era um insulto ao teatro norte-americano e que "Three is a family" desonrava a cultura dos Estados Unidos...

Estava finda a entrevista. O maior mérito dessa entrevista é a sinceridade. Não faço como muitos que ouvem a si mesmos e atribuem a entrevista a um redator anônimo e inexistente...

A ENTREVISTA DE BENJAMIN DE OLIVEIRA E UMA CARTA DO PROF. RAUL PEDERNEIRAS

A propósito da entrevista com Benjamin de Oliveira, publicada em nossos números de 7 e 14 do corrente, recebemos do prof. Raul Pederneiras uma carta na qual informa não ter ocorrido com ele o citado episódio da indumentária da opereta "Viuva Alegre". E acrescenta: "Conheci e conheço Benjamin, aplaudi-o nas operetas bem montadas do extinto Circo Spinelli, mas isso da platéia somente, a convite frequente do saudoso escritor Ataliba Reis. Nunca pus os pés em camarim de circo, nem sei como isso é lá por dentro. Se o caso da indumentária aconteceu, outro devia ser o interlocutor e não eu".

Feita a retificação daquele nosso antigo colaborador, cabe-nos adiantar, simplesmente, que a entrevista em apreço reproduziu textualmente as palavras do popular artista.

MAQUINA DE GRAMPEAR

VENDE-SE UMA, A MOTOR, COMO NOVA, PRONTA PARA ENTRAR EM FUNCIONAMENTO, COM OS SEUS APETRECHOS MENOS MOTOR. VER E TRATAR A' RUA MARANGUAPE, 15.

"Depressa! Toca o bonde!
Aí vem o tal que não usa
LIFEBUOY!"



Não permita que odores desagradáveis, que você não sente, mas os outros sim, criem impecilhos ao seu sucesso! Garanta sua vitória completa! Use Lifebuoy, cujo elemento purificador especial, **ASSEGURA SEU ASSEIO CORPORAL!**

O ODOR DE LIFEBUOY

DESAPARECE

ANTES DE VOCÊ SE VESTIR, MAS...

... permanece sua ação protetora! Faça esta simples prova: lave as mãos com Lifebuoy e enxágue-as bem. Verá, então, como já desapareceu seu odor antisséptico. Contudo, por muito tempo ainda, permanece sua ação protetora!

LIFEBUOY



LINTAS LHS 81-052

O juiz ri por ultimo...

(Continuação da pag. 37)

guarda se aproximou de nós. Era uma cidadezinha pequena em que todos se conheciam.

— Vocês aí! disse ele, pondo a mão no meu ombro.

— Senhor?

— São de fora, não é verdade?

— Sim...

Que queria de nós o maldito guarda que vinha assim estragar os nossos planos. Aquela loja bom que nos parecera uma boa presa... e...

— Escutem, eu vim lhes dar um conselho. Aqui nessa cidade os empregos são escassos. Como vocês parecem estar procurando trabalho e prestes a ir pedir ao Bill Powell que lhes dê emprego, eu resolvi dar-lhes um conselho: Não peguem nada a esse homem. Ele é perigoso.

— Tão perigoso que a polícia o respeita?

— Exatamente.

— Nem pensei que aqui, como em Chicago, houvesse tal qualidade de homem.

— Você não conhece o provérbio. Cá a lá mais fadas há...

— Mas ele é realmente um gangster?

— Não. É simplesmente um sujeito sabido que aproveita a oportunidade de roubar o que é dos outros, tendo o cuidado de proteger-se por meio de alguma clausulassinha idiota dessas que há em toda a lei, feita especialmente para ser útil a criminosos do gênero dele...

— Compreendo.

— E, se for preciso matar um, não havendo muito risco, ele não recusa a empreza... Muito cadáver já apareceu boiando no rio com uma bala no coração e sem assassino aparença...

— Mas...

— Já prevejo sua objeção. Não. Nunca se consegue provar a menção ligada entre o crime e o Bill. E ainda mais: por via das dúvidas ele tem sempre um alibi bem forte.

— Uma personalidade interessante...

— É perigosa...

— Mas diga-me por que ele, sendo um homem de tantos meios, tem essa lojinha de tão pouca importância?

— Por nada. Simplesmente para parecer um homem de tão pouca importância quanto a sua loja.

Quando o policial se afastou, meu sócio disse:

— Bêêê!

— Que é?

— Vamos ganhar um dinheirinho e ao mesmo tempo dar ocasião a que o povo ria de um bandido?

— O. K.

BLOMBINE
FAZ OS MAIS LINDOS CABELOS LOIROS

Rotenol

NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO

Porém a empreza era mais difícil do que poderia parecer. Afinal de contas roubar a loja de um homem protegido como aquele era difícil. Em todo o caso resolvemos tentar a empreza que, apesar de arriscada, era bem proveitosa.

— Você tem tudo preparado, perguntou meu sócio.

— Tudo.

Não hesitamos mais. Entramos, na pequena loja, e, com a mão no revólver fizemos com que o Temível Sr. Fulano despejasse os ganhos do dia no nosso bolso. Creio que foi mais a surpresa e o inesperado do ataque que nos proporcionaram um êxito tão seguro.

Foi o primeiro golpe de uma série de golpes sucessivos coroados do maior êxito.

— Escute.

Meu sócio não estava de bom humor. Resolvi, entretanto, contar-lhe o plano extraordinário que me ocorrera e que nos permitiria assaltar bancos com impunidade, mesmo quando presos.

— Como é? perguntou ele, depois que lhe expliquei.

— Não acha simples?

— Não. Acho idiota.

— Pois eu garanto que dará os melhores resultados.

— Pode ser que dê. Mas para que precisamos disso? E, além do mais, "u pr firo andar sempre seguro..."

— Mas se eu lhe digo que não pode haver nada de mais seguro nem de mais fácil.

— Não me agrada, já lhe disse.

— Experimente, pelo menos.

— Pois bem. Vale uma experiência.

Na primeira vez que roubamos um banco tivemos sucesso absoluto. Desde então adotamos o meu plano especial que nos permitia uma defesa contra qualquer contratempo.

Certo dia, como era de esperar, em uma profissão que nos levava aos maiores riscos, fomos apanhados em flagrante pela polícia. Fomos para o tribunal com um sorriso nos lábios...

Era simples como dois e dois são quatro. Bem. O advogado recebeu as instruções. Era deixar as testemunhas se esclarecerem e depois sair com a defesa inesperada.

Falou primeiro um empregado do banco.

— Descreva o que presenciou, disse o promotor.

— Eram mais ou menos sete horas da noite e já tínhamos fechado meia porta quando dois homens subitamente entraram no banco e se dirigiram para o

namorai sendo noiva, só mesmo ser noivo.

— Ou um camarada que tenha mais "classe" do que você.

Ele ia replicar, mas a porta já batia.

— Ainda pôde ouvir de dentro uma gargalhada irônica.

NOIVOS

(Continuação da pag. 23)

— Nada. O'tima.
— Gente interessante?
— Um amor de gente!
— E' mesmo?
— Sério.
Mário desconversou.

— Mas como foi então?
— Meus métodos falharam, meu amigo. Imagine você que fiz tudo, todo o possível para que ela se desgostasse e...
— Eu não e tou lá muito certo de que você, de fato...

— Mas, francamente, Mário...
A verdade é que, atormentado pelas suspeitas, Mário pediu ao amigo que deixasse seus métodos de lado. Porém, com uma coisa o noivo não contara. Carlos gostara de Lucinha. Ora, um flirte com ela seria coisa agradável e...

afinal de contas, um amigo como Mário que brigava com ele porque tentara ajudá-lo... Pois bem. Agora faria o oposto.

— Juro!

Havia convicção naquele juramento. A voz era firme, mas cariciosa. Lucinha ouvia, calada. Carlos continuou.

— Desde aquela noite, você ainda se lembra? Pois bem, desde aquela noite não pude mais esquecer você. Você sabe que eu fiz tudo para poder esquecer? Afinal de contas Mário é meu amigo e eu...

— E o que?

— Não. Não pude. Tinha que dizer a você que acho você a guriota mais infernal, mais estuprificante, mais, mais...

— Chega. Se você continua assim é capaz de dizer uma inconveniência.

— Não zombe, Lucinha, de fato estou apaixonado por você e acho...

— Escute aqui, Carlitos, você pode ir dizer ao Mário que, como amigo, fez tudo para que eu caísse como uma patinha, que mostrasse que não era fiel a ele, mas que eu recusei. Você usou todo o encanto, todo o "it" para fazer com que eu topasse mas não topei. Eu conheço meu noivo e sei que ele mandou você se declarar para fazer com que eu me mostrasse infiel. Pois enganou-se. Eu sou fina demais para cair nessa... A moça falara com tanta energia que

o rapaz ficou embaraçado. Afinal de contas...

— Lucinha, já me falaram muito de você mas eu vejo que você, é mesmo fiel ao seu noivo.

— Hum...

— Não a importunarei mais. Para

Alivio Imediato Para a Eczema. — As Mais Obstinadas Erupções Combatidas Em Pouco Tempo

Sua pele está sempre sob os olhares de outras pessoas. É portanto essencial para a sua boa aparência, uma pele perfeita, livre de irritações ou inflamações, vermelhidões, etc.. Se V. notar um ardor constante em sua pele, coceiras ou tumescências que se transformam em escamas esbranquiçadas, deve procurar imediatamente alívio eficaz e seguro, porque esses sintomas são causados pelas eczemas e psoríasis — as mais obstinadas e rebeldes molestias da pele. Numa clínica de pele de um grande hospital, foi descoberto um novo e moderno tratamento científico: o emprego de BELZEMA, para eczematides obstinadas, psoríasis, erupções da pele, coceiras rebeldes, etc..

BELZEMA é uma nova forma de pomada, não gordurosa, que penetra na

pele para combater diretamente a causa do mal. BELZEMA faz cessar as coceiras imediatamente, não é visível nem sentida quando aplicada. BELZEMA não mancha a roupa e não requer ataduras.

Em alguns casos de doenças da pele já muito antigas, BELZEMA foi aplicada e as coceiras cessaram imediatamente, e em pouco tempo a pele tornou-se limpa e nova.

Use BELZEMA hoje ainda e sentirá alívio. Continue a usar BELZEMA até sua pele tornar-se novamente limpa e macia.

BELZEMA

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

caixa. Um deles, o mais alto, com ar feio, disse ao caixa aterrorizado: Passe o dinheiro que tem em caixa.

— O advogado da defesa levantou-se. — Peço à testemunha que descreva, o mais minuciosamente possível, qual era a posição dos acusados.

— Um deles, o mais alto, que se dirigia ao caixa, tinha a mão no bolso, onde escondia um revólver. Estava inclinado sobre o balcão.

— E o caixa deu-lhes o dinheiro sem fazer mais perguntas?

— Sim.

Obrigado.

O promotor a seguir tomou a palavra.

Sr. Juiz:

Creio que não é necessário repetir o testemunho das outras pessoas que presenciaram o fato. A defesa não contestou o testemunho do empregado que acaba de depor e nós ganharíamos muito tempo se dispensássemos mais qualquer formalidade e passássemos a discutir o caso.

O juiz voltou-se para o advogado.

— Alguma objeção?

— Objeção propriamente não, meritíssimo. Entretanto seria do nosso interesse que fosse chamada mais uma testemunha.

— Está em seu direito. A testemunha foi intimada?

— Sim meritíssimo.

— Pode chamá-la.

— O Inspetor Louis Hay, da Polícia Estadual.

Um homem alto e magro levantou-se imediatamente e, depois de fazer o juramento, encarou o advogado.

— Seu nome?

— Louis Hay.

— O senhor é inspetor da polícia estadual?

— Sim.

— No dia treze de maio, às sete horas, onde se achava o senhor?

— No cruzamento da rua Drayton com a rua Sidell.

— Pode nos contar o que se passou então?

— Pois não.

— Rogo-lhe que seja breve.

— Muito bem. Um rapaz de uns vinte anos, mais ou menos, parecendo muito agitado veio correndo e disse-me: Houve um roubo. Eu perguntei onde ocorrera o fato e ele respondeu que fora no interior do banco em que trabalhava. Dois bandidos estavam esvaziando a caixa enquanto que os outros empregados, sob a ameaça de um revólver, mantinham-se, assustados, em seus lugares. Perguntei-lhe como escapara e ele disse ter saído por uma porta do lado, pois observava tudo

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feito quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

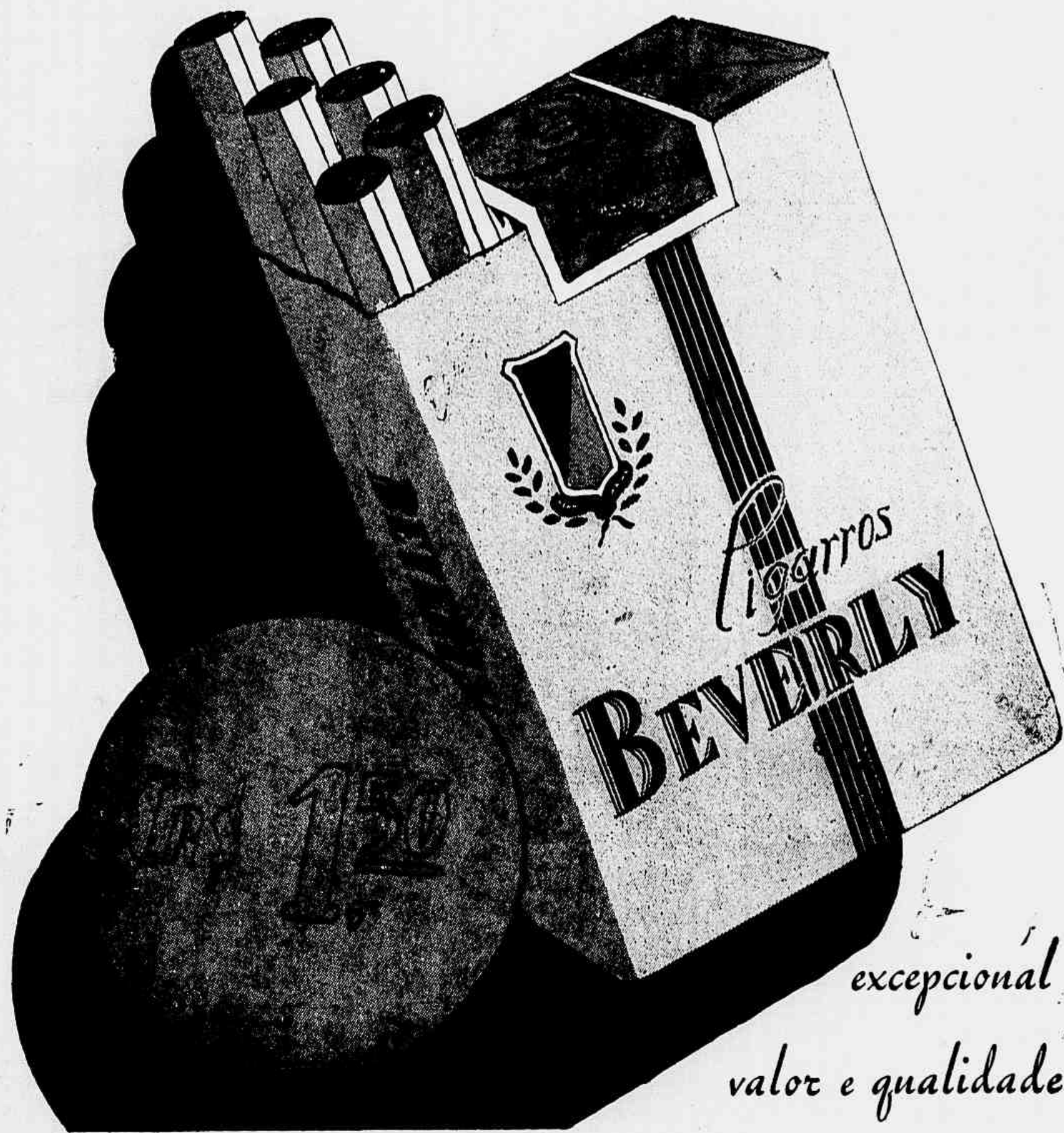
A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Bri-lhante".

Experimente-o.



Cigarros BEVERLY



excepcional
valor e qualidade

através uma pequena abertura que havia na porta que dava para a sala contígua ao local onde estava sendo efetuado o roubo.

— Que fez o senhor, então?

— Fui com o rapaz por onde ele viera e prendi os dois homens.

— Eles ofereceram resistência.

— Nenhuma.

— Mais uma pergunta, sr. Inspetor. Peço-lhe que responda com cuidado: Que tinham em suas mãos os acusados? Dinheiro? Que traziam nos bolsos?

— O que estava mais perto do caixa estava colocando o dinheiro dentro de uma pasta.

— Muito bem. E dentro dessa pasta só havia dinheiro?

— Sim!

— E quem estava ameaçando os empregados com o revólver?

— Como?

— Quem estava ameaçando os empregados com o revólver. Quem tinha a arma a que o senhor se referiu?

— Bem...

O juiz resolveu intervir:

— Responda à pergunta!

O inspetor ficou embaraçado:

— Não havia revólver.

— Como?

— Não havia revólver. Nenhum dos dois criminosos estava armado.

— Estou satisfeito. Obrigado.

O advogado, então, principiou a falar:

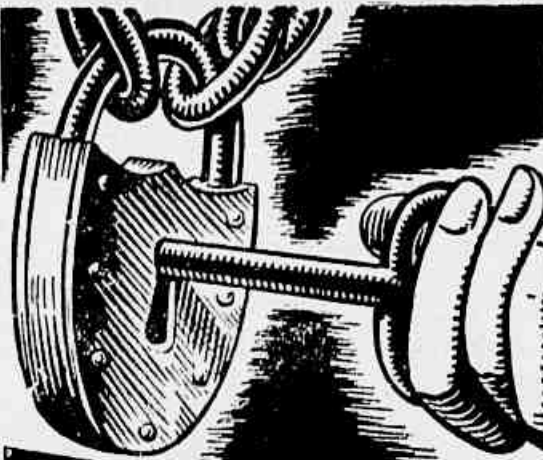
Sr. Juiz, diante dos fatos que acabam de ser revelados, eu peço ao tribunal que retire a acusação de roubo feita aos acusados. Estabelecido que eles não traziam armas; que, portanto, não houve coação, mas um mero pedido por parte deles ao caixa para que lhes desse o dinheiro que estava na caixa, eles não podem ser acusados de roubo. Limitaram-se a pedir e foram satisfeitos as suas súplicas. O fato do caixa lhes ter dado o dinheiro não foi ocasionado por violência ou coação. Nesse caso, não se trata de roubo, mas de um simples pedido que foi concedido.

O juiz, porém, não era para brincadeiras. Quando a lei não dava para ele fazer o que queria, ajuntava a lei a seu modo, de uma maneira estritamente legal, é claro. Assim, quando ouviu as palavras do advogado, ele disse:

— Muito bem. Os acusados, de fato, não usaram de violência. Fizeram um pedido que lhes foi concedido. Muito bem. Mas uma coisa resta a esclarecer. Os acusados sabiam que o dinheiro era do banco. Sabiam que o dinheiro não era do caixa. Sabiam que, se o caixa lhes dava aquele dinheiro, ele, caixa, estava roubando. E, a despeito disso, aceitaram o dinheiro. Pois bem: o caixa é culpado de roubo. E eles são acusados agora de receber mercadoria roubada. Muito bem, porém, o caixa agiu, sem dúvida, de boa fé. Levando isso em conta, absolvo-os. Vamos ao passo que os senhores fazem impossível para que ele roubasse e ainda recebendo o produto desse roubo, são criminosos desprezíveis. Condeno-os, portanto, à pena máxima para os criminosos dessa ordem, ou sejam, dez anos.

Você, ainda se admira, agora, que eu não admire os juizes? São umas almas danadas que fazem da lei o que querem. Meu filho, aceite um conselho. Não se meta nunca com um juiz inteligente!

F I M



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO

GRANADO & CA.
RIO DE JANEIRO

T. TARQUINO

Desperte a Bilis do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bilis. Se a bilis não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevém a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Pilulas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficientes. Fazem correr esse litro de bilis e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bilis correr livremente. Peça as Pilulas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

Evite preocupar-se com uma DENTADURA POSTIÇA que se desloca

A sua dentadura postíca cai, quando come, fala, ri ou espirra? Não se sujeite mais a este aborrecimento e a esta vergonha. FIXODENT é um pó alcalino (não ácido) para polvilhar as dentaduras postícas. Conserva-as mais firmemente na boca. Dá a quem as usa uma sensação de segurança e comodidade. Não deixa na boca nenhuma sensação pegajosa. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil:
ODONTOLOGIA AMERICANA
Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

PRISÃO do VENTRE?



Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

DOR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS

REGULADOR XAVIER

• O Remédio da Mulher •
N.º 1 - Fluxos abundantes
N.º 2 - Falta de fluxos



TUDO ISSO NO BÊCO DA "HARMONIA"....

INTERLÚDIO

MERIGAULT (baixinho) — Ajeite a sua gravata, capitão... e tome atitudes de um noivo felicíssimo...

LESLIE (baixinho) — Capitão Detang...

DETANG — Diga!...

LESLIE — Olhe para a cara do verdadeiro noivo... O homenzinho ainda não voltou a si...

DETANG — E a noiva? Olhe para a carinha da noiva no cantinho da carruagem.

MERIGAULT (baixinho) — Não falem mais nisso, que a pobrezinha está encabulada...

DETANG — Você é uma criatura prodigiosa, Merigault... Mas como conseguiu você êsse passe admirável de mágica...

MERIGAULT — Não deixem o noivo perceber a nossa conversa... Custei a convencê-lo... O capitão passará pelo noivo de mademoiselle Feniglion até a chegada à praça da igreja, em Benoet...

LESLIE — Apresentarei às autoridades os papeis do noivo?

MERIGAULT — Sim...

LESLIE — E o noivo?

MERIGAULT — Para todos os efeitos é o padrinho do noivo...

DETANG — E eu, padrinho da noiva?

LESLIE — Mas o chefe da guarda engulirá a pílula?

MERIGAULT — Ora!... Levei a noite tôda preparando a papelada...

LESLIE — Você é maravilhosa, minha boa Marigault...

DETANG — Mais ligeiro um pouco com os cavalos, cocheiro!...

Contra-regra: ruído de chicote; brados incitando os animais.

Técnica: aumentar o volume de disco de carruagem.

DETANG — Chegaremos às 11 e meia, provavelmente, a Benoet...

FENIGLION — Madame Merigault...

MERIGAULT — Que é que você tem, minha filha... que é isso? Está desmanchando o ramallete de flôres com seu nervosismo... Que é isso?

FENIGLION — Tenho medo, madame... Se êles descobrirem...

DETANG — Não se preocupe... está tudo muito bem preparado...

FENIGLION — E meu noivo?

MERIGAULT — Vem na outra carruagem, filhinha... Ele sabe de tudo... vamos!...

DETANG — Cuidado... estamos chegando ao posto...

MERIGAULT — Pierre... Diminua a velocidade do carro...

Técnica: baixar o volume do carro.

VOZ (distante cinco metros) — Halt!...

DETANG — Pare, cocheiro!...

LESLIE — Bem... a história se repete... Voltemos a César e ao Rubicon... Alea jacta est!...

DETANG — Não há de ser nada!...

Técnica: parar carruagem.

Contra-regra: passos que se aproximam.

VOZ — Chefe do posto!... Vem reconhecer!...

Contra-regra: passos distantes que se aproximam.

VOZ — Não desça ninguém do carro até a chegada do chefe do posto!...

VOZES — Está bem, sentinela...

SCHUETTE — Que é que há, Braz!...

VOZ — Essa gente quer passar a fronteira...

SCHUETTE — Vamos!... Todos vocês... os documentos...

VOZES — Perfeitamente...

SCHUETTE — Devagar... um por um... um por um...

SCHUETTE — Bem... Zacharias Forment... Levante mais o queixo... Está bem... Você, agora!...

SCHUETTE — Noiset Jean... caixeiro viajante?

DETANG — Perfeitamente, Feldwebell... Caixeiro viajante de artigos domésticos.

SCHUETTE — E que faz você então nesse cortêjo?

DETANG — Sou padrinho da noiva... São conhecidos meus de muitos anos... e eu vim com êsse propósito... convidaram-me...

SCHUETTE — Basta!... A menina aí!...

FENIGLION — Sim, senhor...

SCHUETTE (rindo) — Coitadinha da noiva... Como está tremendo a mãozinha dela... Oh! filhinha... o casamento te causa tanto medo... quem é o noivo dêsse xuxuzinho?

LESLIE — Eu, chefe.

SCHUETTE — Os teus documentos, maganão!... Estás pálido como um defunto... Diabos para os noivos na França!... Em vez de ficarem vermelhos de alegria ficam amarelos de susto? Passa-me para cá os teus documentos!...

LESLIE — Era sobre isso que desejava falar-lhe, Feldwebel...

SCHUETTE — Falar o que? Desembucha logo!...

LESLIE — Com a emoção do casamento esqueci-me dos documentos em minha casa. Breve, insigne oficial, estou de fraque!... Sou o noivo de minha querida Jeanete Feniglion... Passei ontem por aqui, não se lembra então de me ter visto? Passei de volta da Mairie, onde fui buscar a minha licença para o casamento...

DETANG — Aceita um cigarro, Feldewebel?

SCHUETTE — Isto aqui está ficando raro... (pausa) Obrigado... Então, malandrão!... És o felizardo... Esqueceste com a tua emoção os teus documentos, ein? Até eu esqueceria, ein Franz!... (rindo maldoso) Que dizes tu, Franz... Essa lourinha é mesmo um pedaço!... Que boca!... O busto, Franz... Está bem... pode ir...

MERIGAULT — Oh!... O senhor oficial é um homem galante!...

SCHUETTE — Parece que te conheço!

MERIGAULT — Madame Merigault, do Albergue Três Espigas!... Acho que o oficial bebeu uns bons goles do vinho d'Anjou lá em casa!...

SCHUETTE — Ora viva!... Mas como está mudada!... Está moça!... Não te conheci!...

MERIGAULT — Oh!... Senhor oficial... o senhor é a galanteria em pessoa...

SCHUETTE — Ainda tem daquele vinho, madame?...

MERIGAULT — Reservarei algumas garrafas, para o galante cavalheiro!...

LESLIE — Podemos ir, senhor oficial?

SCHUETTE — Coitado!... O noivo está louco para se amarrar... E ela está coradinha... Podem ir... uma coisa, antes!...

MERIGAULT — Diga, meu gentil oficial...

SCHUETTE — O primeiro filho... Se fôr homem, dê-lhe o nome de Herman!...

CÔRO — (Risadas).

MERIGAULT — Sim... Herman... será encantador... ouviste, menina Feneglion? Herman!...

SCHUETTE — Podem ir!... Muitas felicidades!...

VOZES — Adeus, oficial!...

Técnica: carruagem que entra a tôda velocidade.

Contra-regra: chicotadas e brados de cocheiro incitando os cavalos.

INTERLÚDIO

Contra-regra: batidas na porta.

KERGUEVEN — Entre!...

IVES — Boa tarde, meu general... Boa tarde, madame Westbury...

Contra-regra: ruído dum cesto bem pesado sobre uma mesa.

DENISE — Pobre Ives!... Por que não pediste alguém para te ajudar, meu velho? Este cesto deve estar bem pesado...

KERGUEVEN — Bravos!... Batatas pelo menos temos para um mês... E os legumes estão esplêndidos!...

IVES — Uma carta, meu general!... Acaba de chegar pela postal do meio dia...

KERGUEVEN — Carta!...

DENISE — Meu Deus!... Será alguma notícia sobre...

KERGUEVEN — Vamos!... Não encha o seu espírito de preocupações, Denise, já bastam as que temos...

Contra-regra: rasgar de envelope.

KERGUEVEN — Leia, minha filha... Esqueci-me dos óculos sobre a minha mesa de cabeceira... Leia...

Técnica: música suave.

DENISE (lendo) — "Meu caro Luiz de Kergueven... Lembras-te de que na tua última visita a Brest me pediste um bom hortelão para tua horta de Benoet? Posso recomendar-te muito particularmente, Leon Verstraet, um homem sério que traz as melhores referências. Trabalhou em casa dos nossos amigos Brossier, em Perigeux, até que eles deixassem a sua propriedade. Ele deve chegar a Benoet segunda-feira 22. Espero que atendas ao meu protegido que muito precisa de trabalho. Recomenda-me à boa recordação de Denise e crê-me tua afeiçoada prima Edméia!..."

Técnica: cessar música.

KERGUEVEN — Edméia?

DENISE — Estranho, pai!... Edméia!...

KERGUEVEN — Ora essa, onde me foi aparecer essa prima de última hora? Diabos!...

DENISE — O senhor pediu um hortelão a alguém, meu pai?

KERGUEVEN — Claro que não... E se eu precisasse dum hortelão teria encontrado com facilidade em Benoet... prima Edméia...

DENISE — Pai, repare a letra desta carta... Esta carta é verdadeiramente singular... A letra me parece irregular e voluntariamente disfarçada.

KERGUEVEN — E' verdade... Segunda-feira... 22... Hoje, minha filha!... Ele chega hoje a Benoet!...

DENISE — Alguma coisa está oculta por detrás disso, pai!... (pausa) Não lhe parece que isso não é um seguimento do plano traçado pelo Intelligence Service?

KERGUEVEN — Denise!... A Gestapo tem também suas artimanhas!... Quem sabe se não é uma mistificação? Não cairei no laço!...

DENISE — Mistificação? Porque mistificação, meu pai!

KERGUEVEN — Por que? Não é apenas a Gestapo capaz disso, minha filha... Um adversário político, um inimigo antigo de teu irmão Henry, que a estas horas ainda pensa que nós nos fraternizamos com o estado maior que requisitou a nosso castelo! Tu deves recluir, Denise, a delação começa a florescer sob o regime de ocupação. Por um nada podes ser suspeita de nazista ou de conspirar contra eles. Decididamente não receberei esse homem... Essa prima Edméia, parece uma brincadeira ruim... ou ridícula... Se não fôr extremamente perigosa...

DENISE — Receberemos esse homem, pai, embora com o espírito prevenido e guardando as devidas reservas...

KERGUEVEN — Que dizes tu, Ives? Sabes que sempre apreciei os teus pontos de vista? Que dizes desse hortelão... dessa carta de uma prima que não conheço e que nem o nome ouvi falar desde que me conheço?

IVES — Meu general... Seria interessante agir como falou madame Westbury... Talvez seja mais um expediente dos ingleses para pregarem uma peça nessa tralha uniformizada e cheia das cruces swasticas que estão sujando o castelo de meu general!

DENISE — Claro!... Devemos ver bem de perto quem é esse homem!...

Contra-regra: bater na porta.

KERGUEVEN — Abre, Ives...

DENISE — Espere... espere... Olhe primeiramente com cautela pela veneziana, Ives...

Contra-regra: passos: bater na porta.

VOZ (distante) — General Kergueven!... (bater na porta).

IVES — E' um soldado... Ah!... O ordenança do capitão Wehringer...

DENISE — Oh!... Esse homem me angustia, meu pai!... Que indivíduo horrível!... Suportar esse alemão é uma tortura!...

KERGUEVEN — Abra, Ives, e pergunte o que ele quer.

IVES (passos) — Imediatamente, meu general...

Contra-regra: passos que se aproximam; ruído de maçaneta.

IVES — Que quer você?

VOZ — Este homem procura o general Kergueven... O capitão Wehringer mandou que lhe mostrasse onde mora o seu amo...

DENISE — E' ele, meu pai!... O homem da carta chegou a Benoet!...

KERGUEVEN — Achas que devo deixar entrar aqui esse homem?

DENISE — Sim... sim...

IVES (passos) — Um homem, meu general... Acho que é a pessoa a que se referia há pouco... Um sujeito alto... barba grande e loura...

KERGUEVEN — Mande-o entrar, Ives...

Contra-regras: passos que se afastam.

IVES (distante) — Entre, senhor!...

Contra-regra: passos.

LESLIE — Boa tarde, general Kergueven...

KERGUEVEN — O senhor é a pessoa...

DENISE (dando um grito) — Meu Deus!... Você!... Oh!...

LESLIE (enérgico) — Denise!... Por amor de Deus, contenha-se!...

KERGUEVEN — Feche a porta, Ives!... O soldado!...

IVES — Já se foi... Está no fundo da aléia!...

DENISE — Oh!... Meu Deus!... Leslie!... Meu marido!... (chorando).

LESLIE — Denise!...

KERGUEVEN — Capitão Westbury!... Não o conheci dentro desta formidável barba loura!...

DENISE — Oh!... Querido!... meu coração dizia... eu sentia que virias... Sentí que não estavas morto!...

LESLIE — E eu também esperava por esse momento!... Apertar-te assim nos meus braços, Denise... Como te tratam os alemães?... Não calculas como tenho vivido desde que soube que fizeram do Castelo o estado maior do exército de ocupação!

DENISE — Oh!... Não podemos queixar-nos...

KERGUEVEN — E como conseguiste atravessar a fronteira?

LESLIE — Como noivo... casei-me pela segunda vez, querida... Isto é, quase, meu amor...

DENISE — Oh!... Não sei se devo chorar ou rir, de tanta felicidade...

KERGUEVEN — Estiveste no castelo, capitão Westbury?

LESLIE — Estive... O ajudante do general Lehmbach enviou-me aqui...

KERGUEVEN — Não despertaste suspeitas?

LESLIE — Creio que não... Meus documentos estão

em perfeita ordem... Recebeu a minha carta assinada por Edméia?

KERGUEVEN — Recebí...

DENISE — O capitão Wehringer viu-te?

LESLIE — Viu-me... Por que?

DENISE — E êle não te interrogou, querido? Notaste bem se não suspeitou de ti?

LESLIE — Não!... Não suspeitou, meu amor... Tranquiliza-te...

Contra-regra: pancadas fortes na porta.

DENISE — Meu Deus!... Oh!... Serão êles?

KERGUEVEN (baixinho) — Ives!... Olha pela veneziana... Vê quem bate...

Contra-regra: passos que se afastam.

DENISE — Quem?

LESLIE — Por Deus!... Seja lá quem fôr... Não fiques assim, Denise...

KERGUEVEN — Viste, Ives?

IVES — Meu general... (passos) Meu general!...

IVES — O doutor Zimmerman!... O cão da Gestapo!...

KERGUEVEN — Quem?

IVES — Zimmerman!...

INTERLÚDIO

Contra-regra: batidas fortes numa porta.

DENISE — Oh!... São êles!...

LESLIE — Suplico-te, minha espôsa... Não fiques assim... Mesmo que sejam agentes da Gestapo, estou suficientemente munido para despistá-los...

IVES (baixinho) — E' o doutor Zimmerman!

DENISE — Esse homem é uma calamidade!... Ele deixou-te vir para colher-te numa armadilha!...

LESLIE — General, sou para todo efeito um hortelão... Sente-se nessa cadeira...

Contra-regra: batidas na porta.

LESLIE — Abra a porta, Ives... Denise, essas lágrimas... Enxuga-as, ligeiro, minha querida... Apanha aquele livro, e senta-te ali no canapé... Vamos!...

Contra-regra: pancadas na porta.

LESLIE — Pode abrir a porta, Ives...

IVES — Sim, senhor capitão (baixinho).

Contra-regra: passos que se aproximam; girar de maçaneta.

ZIMMERMAN — Um século para abrir a porta, velho cabeçudo.

IVES — Por que não berra o seu nome?...

KERGUEVEN — Queira entrar, doutor Eric Zimmerman.

ZIMMERMAN — Boa tarde...

TODOS — Boa tarde...

KERGUEVEN — Sente-se, por obséquio... Minha filha, faz as honras da casa enquanto acabo de tratar dos meus negócios aqui com o senhor Leon... Vertraest...

DENISE (cortez) — Queira sentar-se, doutor...

ZIMMERMAN — Obrigado, madame Westbury...

LESLIE — Apenas a horta, não é assim, excelência? Nada tenho a ver com outros serviços do castelo...

KERGUEVEN — A quais serviços se refere, sr. Leon?

LESLIE — Por exemplo... O do parque...

KERGUEVEN — Claro que não, tenho um jardineiro...

LESLIE — Ah!... Bem... Assim está bem, meu general...

Contra-regra: batida na porta.

PICOT (distante) — Doutor!... Oh!... Doutor!...

IVES — E' êsse imundo!

ZIMMERMAN — Imundo, não, velho cabeçudo!... Picot é meu particular auxilia

IVES — Está se vendol...

ZIMMERMAN — Você está abusando, e eu tenho sido muito benevolente com você, velho!...

KERGUEVEN — Ives!...

IVES — Perdão, meu general!

KERGUEVEN — Que isso não se torne a repetir!...

Contra-regra: pancada na porta.

IVES — Sim, senhor, meu general!

KERGUEVEN — Abra a porta, portanto!...

IVES — Sim, senhor!...

Contra-regra: passos que se afastam: maçaneta.

PICOT (próximo) — Que é, nunca me viu!... Não precisa fazer essa cara, velho!

IVES — Entra duma vez!...

ZIMMERMAN — Entra, Picot!...

PICOT — Boa tarde para todo mundo (pausa; rindo) Está bem... não valho nem um cumprimento...

ZIMMERMAN — Senta-te aí...

PICOT — A cadeira é de veludo, doutor... Podem achar ruim!

DENISE — Senta-te, Picot...

PICOT — A senhora está ficando gentil... Com licença!...

ZIMMERMAN — Tudo bem?

PICOT — Tudo bem... O patife mentiu... Ele tinha um saco de feijão escondido no porão da casa... Os soldados apanharam tudo!... Ele está comendo cadeia!...

ZIMMERMAN — Muito bem, Picot!... Muito bem... General Kergueven, já terminou o trato que tem com êsse homem?

KERGUEVEN — Acabo de contratá-lo para o serviço da horta que tenho aqui no castelo...

ZIMMERMAN — Com licença... (passos) Como se chama?

LESLIE — Leon Vertraest...

ZIMMERMAN — Francês?

LESLIE — Belga... Evacuado em Junho...

ZIMMERMAN — Os seus documentos?

LESLIE — Ei-los, senhor...

ZIMMERMAN — Deixe-me ver as suas mãos...

LESLIE — As minhas mãos?

ZIMMERMAN — Sim... Abra as mãos... Bem espalmadas...

LESLIE — Pronto, senhor...

ZIMMERMAN — Hum... Tem as mãos muito bem tratadas para ser um rude hortelão...

LESLIE — Há dois anos que não trabalho na profissão... Com a guerra escasseou o serviço!...

ZIMMERMAN — Não é bem justificado...

Contra-regra: passos rápidos: uma pilha de livros que cai com estrondo.

IVES — Não mexa em nada!... Corcunda!...

KERGUEVEN — Ives!...

IVES — Mas isso é de mais, meu general!...

PICOT — Pode deixar que eu arrumo!...

KERGUEVEN (passos) — Que deseja você da minha estante de livros, Picot?

PICOT — Estou vendo...

DENISE — Isso é por demais afrontoso, meu pai!... Esse monstro entra em nossa casa para revistá-la como se fôssemos reles criminosos!...

ZIMMERMAN — Venha para cá, Picot!... Não faça nada sem que eu ordene!... Quem mandou mexer na estante de sua excelência?

PICOT — Às vezes aparece coisa, doutor...

KERGUEVEN — Doutor Eric Zimmerman!... Estou sendo complacente de mais com êsse nojento indivíduo... Que o senhor lhe conceda uma simpatia particular, concordo, mas não admito, eu, um titular e uma alta patente dum exército, que minha casa seja violada a tal ponto!...

PICOT — Eu estava vendo, apenas, general... Todo mundo tem prevenção contra mim... Eu estava vendo uns livros!...

IVES — Você estava procurando alguma coisa, patife!... Estava cheirando a desgraça dos outros...

KERGUEVEN — Ives!...

DENISE — Ives, por favor, não intervenhas em coisa alguma!... Fica calado!...

PICOT — O velho ainda há de ser muito meu amigo!... Não foi você que fez tanta força para o sr. Alain me dar essa corrente e êsse relógio de presente?

KERGUEVEN — Meu filho deu-te o relógio?

PICOT (rindo) — O seu criado sabê... Não é verdade, velho?

IVES — Realmente, senhor... O sr. Alain, penalizado, deu-lhe o relógio...

PICOT — A corrente também, não foi?

IVES (entre dentes) — A corrente...

PICOT (rindo) — A medalhinha também... Esqueceu-se, velho?

IVES — A medalha também...

PICOT — Para que ficar com essa raiva danada de mim... se podemos ser bons amigos!...

LESLIE — Meu general... Creio que estamos entendidos, não é assim?

KERGUEVEN — Quando deseja começar os seus serviços no castelo, sr. Leon Vertraest?

LESLIE — Amanhã!

KERGUEVEN — Denise, minha filha...

DENISE — Meu pai!...

KERGUEVEN — Ele poderia dormir no barracão que fica junto ao paiol...

DENISE — Sim... O Ives poderá dar uma limpeza no barracão e arrumar convenientemente afim de que se torne habitável... Ouviste, Ives?... Arranjarás isso...

IVES — Imediatamente, minha senhora...

LESLIE — Bem, agradeço imensamente o emprêgo, meu general... Até amanhã... Meus respeitos, madame!...

DENISE e KERGUEVEN — Até amanhã, Leon...

LESLIE (passos) — Ah!... E' verdade... O senhor esqueceu-se de me devolver os meus documentos, doutor...

ZIMMERMAN — Ficarão comigo; amanhã mandarei Picot entregá-los...

LESLIE — Está bem!...

LESLIE — Com licença!... (passos e bater de porta).

DENISE — Pode ir, Ives... Apanhe no costelo uma das camas das que estão no quarto dos serviços...

IVES — Sim, senhora, madame Westbury... com licença!... (passos).

KERGUEVEN — Desejava perguntar-lhe uma coisa, doutor Eric Zimmerman...

ZIMMERMAN — Às suas ordens, general Kergueven...

KERGUEVEN — Suspeita dêsse homem que acaba de sair daqui, e que acabo de contratar para meu serviço?

ZIMMERMAN — Suspeito de todo mundo por profissão, general... Nada tenho a dizer dêle, mas quero examinar minuciosamente os seus documentos!...

PICOT (rindo) — Doutor... Eu não fui com a cara dêle!... Hum!... Madame me olhou ruim!...

ZIMMERMAN — Fica calado, Picot!... Nada temos com o rapaz...

DENISE — Não olhei você com cara ruim, agora, corcunda!... Olhei-o sempre!... E bem sabe que me causa asco!...

KERGUEVEN — Denise!

DENISE — Não, meu pai!... Preciso dizer tudo que sinto a êsse francês, o mais miserável dos franceses!... Ouviste, Picot?

PICOT — Ora... madame... Não gosto de sermões!...

DENISE — Por favor, doutor... Que tenham nos tomado o castelo eu me conformo, mas que me obrigue a estar

frente a frente com êsse repugnante indivíduo, nunca!... Faça-o sair dêste pavilhão!...

ZIMMERMAN — Vamos embora, Picot!...

PICOT — Não!... Não vou embora sem dizer uma palavra a esta senhora, doutor!...

ZIMMERMAN — Picot, basta!

DENISE — Saia daqui, já o aturei bastante!

PICOT — Madame!... Lembre-se disso... A senhora há de se lembrar tôda a vida de mim! Guarde isso na memória!... Vai se lembrar tôda a sua vida de mim!...

KERGUEVEN — Basta!... Doutor... Serei obrigado a chamar a atenção do general Lehnback... não quero ser insultado embora esteja sob o domínio dos invasores... O meu grau e a minha dignidade de militar resguardam-me dessas insultuosas situações. Exijo a imediata retirada dêsse indivíduo!...

ZIMMERMAN — Vamos!... Não se zangue, general!... Vamos sair!...

PICOT — O senhor também não se esquecerá de Picot!... (rindo) Vocês dois!... Benoet toda!... A França tôda conhecerá Picot!...

DENISE — Os canalhas e traidores da tua marca, o nojo faz esquecê-los... Sai daqui, traidor!...

ZIMMERMAN — Até à vista, minha senhora!... General!...

OS DOIS — Até à vista!...

PICOT (passos cambaleantes) — Eu não tenho culpa de não gostarem de mim, não, doutor...

ZIMMERMAN (distante) — Mas isso passa (passos cambaleantes).

PICOT (distante) — Me chamou de canalha... Eu sou canalha, doutor?

ZIMMERMAN — Não te preocupes com isso, Picot...

PICOT (rindo e muito distante) — Mas eles ainda saberão quanto vale o Picot!... Saberão!...

INTERLÚDIO

IVES — Entre, madame Westbury... O capitão ficou encantado com a sua chegada... mas...

DENISE — Já sei, Ives... Mas nada receies... Pedí essa entrevista ao capitão para melhor aplainar o terreno para o meu marido. Receio êsses dois...

IVES — Zimmerman e Picot!...

DENISE — Sim... êsses dois carrascos... Com a proteção de Wehringer eu tenho a certeza de que afastarei um pouco êsses dois inimigos...

IVES — Mas eles poderão notar algo de estranho nesse seu interesse, madame!...

DENISE — Saberei pedir sem que suspeitem... Podes ir... Virás buscar-me daqui a meia hora, ouviste?

IVES — Ficarei aqui na porta do hall...

DENISE — Não!... A sentinela poderá implicar contigo... E' melhor ir para o pavilhão e voltar daqui a meia hora!...

IVES — Sim, senhora... (pausa) Ah!... E' verdade... o doutor Zimmerman está lá dentro...

DENISE — Viste-o?

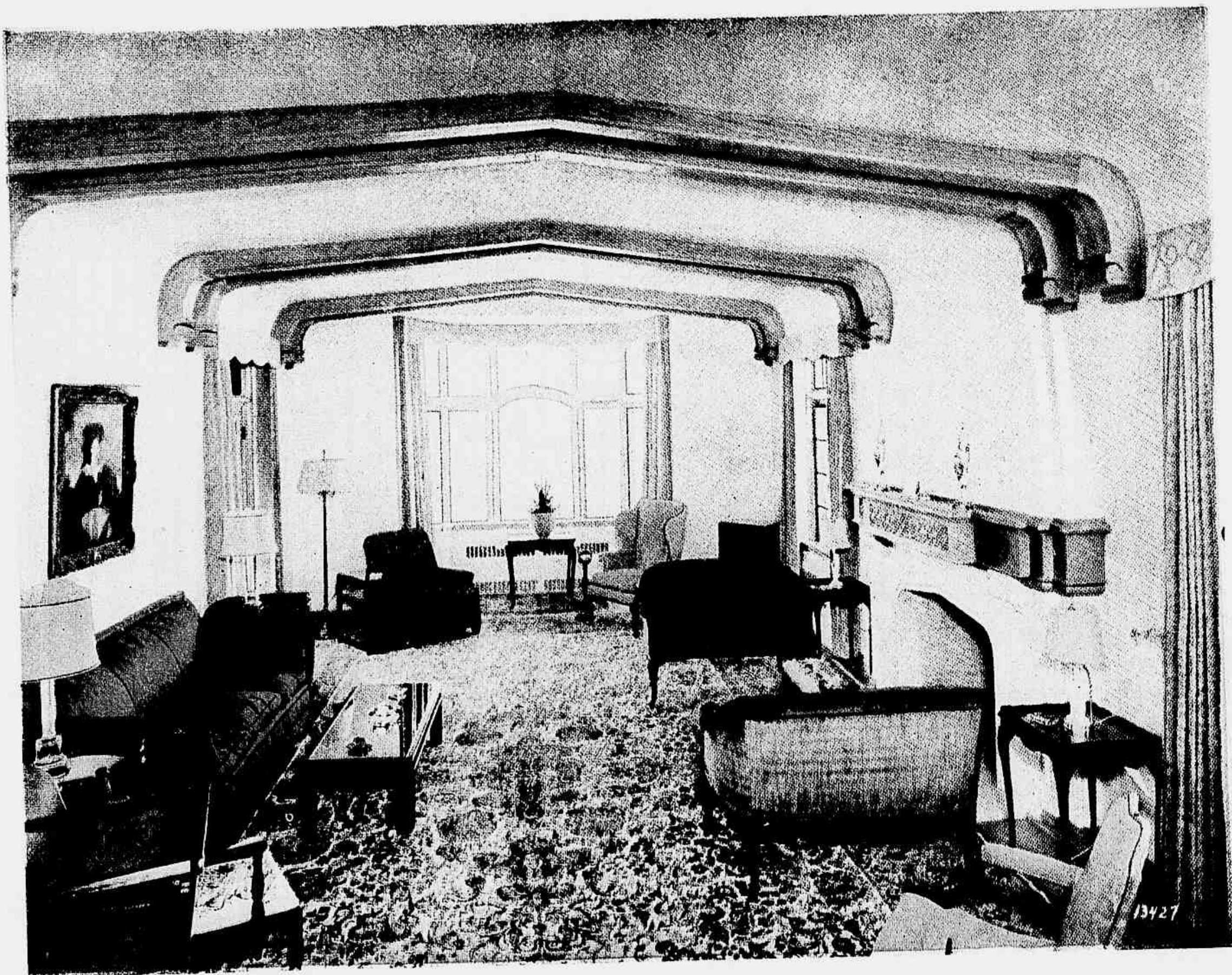
IVES — Sim... Vi-o quando falava com o capitão Wehringer... A porta estava um tanto entreaberta... estava sentado numa poltrona... e tinha um outro... mas só vi a cabeça acima da poltrona... estava de costas...

DENISE — Não importa... podes ir...

IVES — Até já, minha senhora...

DENISE — Até já...

Contra regra: passos.



O VALOR DA SIMPLICIDADE

Neste modelar *living-room* norte-americano podemos apreciar a simplicidade de linhas de seus móveis e a sobriedade dos adornos da peça, dos quais se tira um magnífico e belo efeito de conjunto.

Nas paredes brancas apenas uma cópia de Rubens, e sôbre a lareira um par de castiçais de cristal constituem os únicos objetos ornamentais da elegante sala.

As mesas de cristal são baixas e lisas. As poltronas, de variadas cores e padrões, se dispõem ao longo da parede, e um grande tapete cobre o assoalho.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

VINES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SÓMENTE

65 RUA DA CARIOCA 67 - RIO
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

BONECAS



Himmel

**MATERIA PLASTICA
INQUEBRAVEL
COMPLETAMENTE
ARTICULADA**

VOGA

**MANUFATURA
DE BRINQUEDOS**

ASTRO LTDA.